

**PROJETO PARA A HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO  
EQUIPE DE SÃO PAULO**

**EDIÇÃO DA CARTAS DA CAPITANIA DE SÃO PAULO  
ALDEAMENTO DE ÍNDIOS - SÉCULO XVIII E XIX**

**Edição e Revisão: José da Silva Simões e Verena Kewitz**

**(USP)**

**2005/2006**

## **CARTAS DA CAPITANIA DE SÃO PAULO ALDEAMENTO DE ÍNDIOS - SÉCULO XVIII**

José da Silva Simões e Verena Kewitz (Org.)  
(USP)

Os documentos editados neste volume pertencem ao fundo intitulado C00228 – *Aldeamento de Índios - 1721-1810*, depositado no Arquivo Histórico do Estado de São Paulo (AHESP). A íntegra destes documentos foi publicada em vários números do *Boletim do Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo* entre 1945 e 1948. A edição que ali se apresentava era de caráter modernizador, com a separação dos vocábulos fonológicos, desenvolvimento indistinto das abreviações e correções ortográficas que não atendem ao objetivo do estudo lingüístico dos textos. Dessa forma, para além de escolher materiais que pudessem ser interessantes aos pesquisadores do Projeto *Para a História do Português Brasileiro* (PHPB), optamos por fazer uma edição conservadora desses documentos, de forma a oferecer aos estudiosos da diacronia do português brasileiro a possibilidade de depreender do próprio material as pistas sobre a evolução da língua no país.

A seleção destas cartas atende a critérios tanto relacionados à história social da língua portuguesa nos domínios da Capitania de São Paulo, tentando sempre identificar a genealogia dos missivistas, como a critérios discursivos, de forma a reunir um número suficiente de documentos que pudessem evidenciar uma oralidade concepcional. Assim, buscou-se identificar cartas que apresentassem menor grau de planejamento do texto e maior relaxamento da escrita. As cartas aqui transcritas tratam do cotidiano desses aldeamentos apenas da perspectiva dos seus administradores. No entanto, a escolha do material *Aldeamento de Índios* valida-se como fonte pertinente à socio-história de São Paulo, quer seja como vila que foi, quer seja como região no entorno da mesma:

*“Interessante mesmo em instituições privadas de reconhecimento público, como hospitais e irmandades laicas controladoras de algumas capelas coloniais, a possibilidade de encontrarem-se escritos de mão pouco hábeis ou inábeis tem sido grande. Contudo, nada impede que os diversos recortes aplicados nas pesquisas diacrônicas reúnam-nos nas categorias tradicionais. (...) Verifica-se isso, por exemplo, no caso das irmandades religiosas de negros em Minas Gerais e na Bahia: dois dentre outros filões de especial valor abertos, respectivamente, para os séculos XVIII e XIX por diferentes equipes regionais do PHPB. De forma semelhante, ou seja, apresentando marcas de determinados segmentos sociais, existem documentos de caráter pessoal, por vezes trocados entre amigos ou parentes, que circularam em ambiente administrativo não institucionalizado que permaneciam submetidos a ritos e cerimônias de escritura ora mais próximos dos da máquina burocrática, ora dos da circulação pessoal.”* (Barbosa, 2005:9-10)

Este trabalho está dividido da seguinte forma:

1. Normas de edição dos manuscritos e modelo de identificação do documento;
2. A história social dos aldeamentos paulistas e breve apresentação sobre as aldeias;
3. Identificação parcial da genealogia dos remetentes
4. Índice das cartas com ementas;
5. As cartas;
6. Referências bibliográficas.

## 1. Da edição das cartas

### 1.1. Normas de transcrição das cartas

Baseadas nas *Normas para transcrição de documentos manuscritos para a História do Português do Brasil* (Mattos e Silva 2001), as normas para este conjunto de cartas são as seguintes:

- a) a transcrição é conservadora.
- b) as abreviaturas foram todas desdobradas, indicada em itálico a parte abreviada, salvo quando não foi possível identificar a abreviatura.
- c) os vocábulos escritos juntos ou com partes separadas não foram modificados: ex. *osfilhos* ou *in cluza*.
- d) os casos de dúvida de leitura foram em *itálico* marcados com [ ], o que identifica a dificuldade de leitura do editor: ex. marca[do].
- e) as partes apagadas ou deterioradas, mas de possível leitura, foram marcadas por [ ]: ex. h[e].
- f) as partes deterioradas de leitura impossível foram indicadas por [corroído] ou [rasurado].
- g) as partes rasuradas pelo remetente foram marcadas por traço: ex. vøëê.
- h) os trechos de palavras superpostos ou palavras acrescentadas foram marcados com < >: ex. confir<ma>da, von<ta>de ou <por isso>
- i) as marcas de nasalização e acento tônico foram reproduzidos como no manuscrito e podem variar de documento para documento: irmãõ, irmãô, hû, hu’.
- j) as letras C, Z, S e R escritas em maiúsculas foram mantidas, respeitando o original: caZar, aRecadar, peSso, peCar.
- k) a separação de linhas segue exatamente como o original, e não por barras ( | ), para facilitar a leitura, caso se queira cotejar com o original (cujas imagens encontram-se neste CD-ROM).
- l) as correções do remetente são sempre indicadas em nota de rodapé, pois aí encontram-se indícios do grau de planejamento do texto.
- m) também em nota de rodapé, foram colocadas observações sobre o papel – quando timbrado, a forma como o remetente grafou determinada palavra ou letra, o significado de alguma palavra pouco usual nos dias de hoje e outras observações paleográficas.
- n) indica-se por [sic] quando o remetente nitidamente esqueceu de escrever alguma palavra, sílaba ou letra, o que também indica o grau de planejamento do texto.

### 1.2 Identificação do documento

A identificação de cada documento é feita no cabeçalho da carta da seguinte forma:

**Título do Conjuntos de Cartas** – Neste caso, será sempre “Aldeamento de Índios” /

**Número da carta** – numeração crescente por ordem de remetente e data

**Autor** –

**Data** –

**Local** – Lugar em que a carta foi escrita, com indicação do topônimo atual, caso haja alguma discrepância entre o nome do local identificado na carta e o nome atual.

**Fonte** – para este conjunto de documentos, será sempre AHESP (Arquivo Histórico do Estado de São Paulo)

**Código** – os números referem-se aos estabelecidos pelo AHESP; o primeiro número refere-se à caixa, o segundo à pasta e o terceiro, ao número do documento.

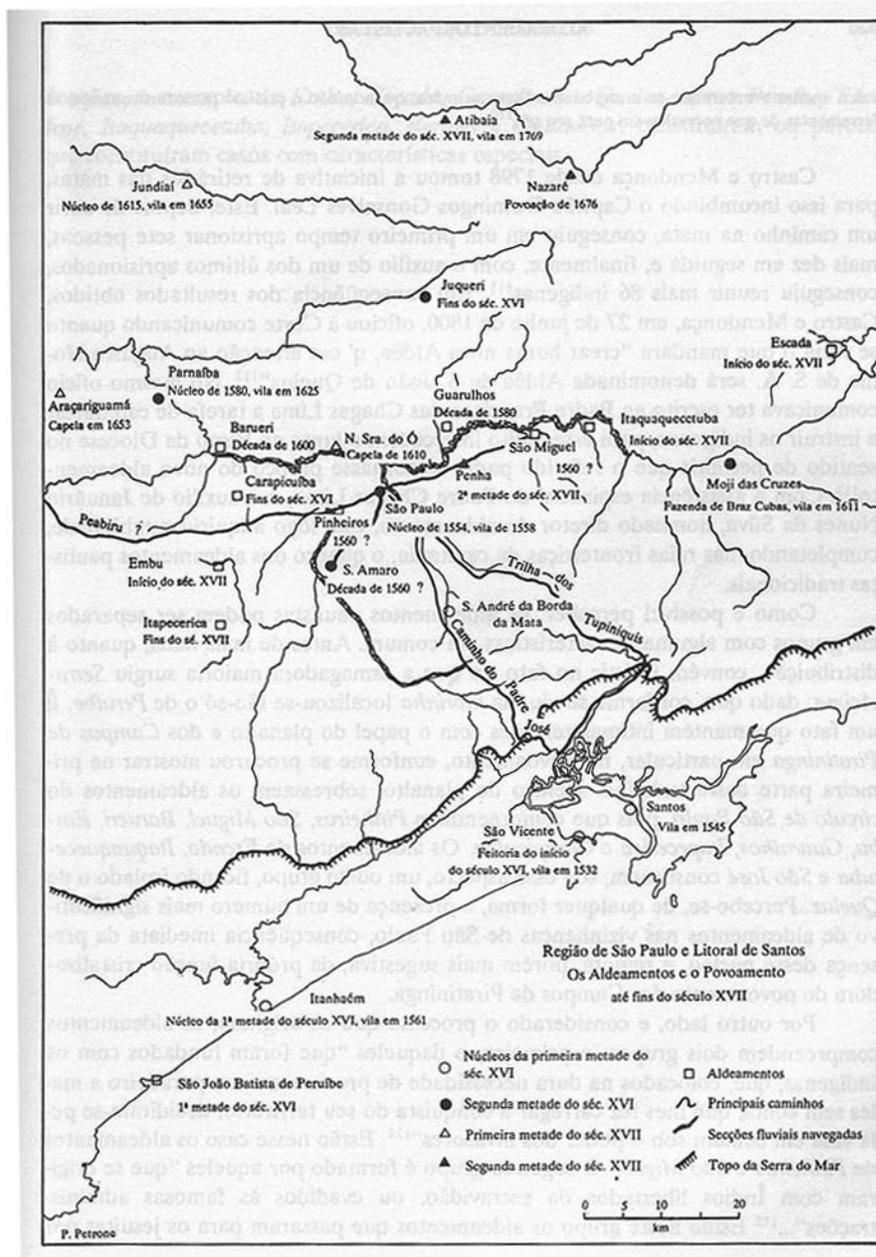
**Imagem de CD-ROM** – refere-se ao número da imagem feita do documento, que se encontra neste CD-ROM.

**Edição** – nome do editor e ano da edição

**Revisão** – nome do revisor e ano da revisão

## 2. A HISTÓRIA SOCIAL DOS ALDEAMENTOS

Durante as pesquisas no Arquivo Histórico do Estado de São Paulo, inicialmente este fundo interessou-nos pela temática envolvendo indígenas. Esperávamos encontrar, porventura, cartas escritas por algum índio ou seus descendentes as quais pudessem revelar alguns traços de língua geral em São Paulo. No entanto, encontramos grande número de cartas de religiosos que escreveram cartas a seus superiores ou a militares dando conta das listas de índios ou de episódios ocorridos nas aldeias próximas a cidade de São Paulo. Os documentos são provenientes de Aldeia da Conceição (Guarulhos), Aldeia de Barueri, Aldeia de São João (Peruíbe), Aldeinha de Nossa Senhora de Escada (Guararema), Aldeia de MBoy (Embu), São Paulo, Aldeia de S. João de Queluz (Queluz), N. S. da Ajuda (Itaquaquecetuba). Também foram encontrados documentos interessantes nesse fundo, oriundos de outras localidades e com temática diversa da que envolve a questão dos índios, provindas de V. Boa de Goyas (Goiás Velho), Itu, Ararituaba (Porto Feliz) e Laranjeiras (Guararema). O mapa abaixo, retirado de Petrone (1995) dá conta do povoamento da região de São Paulo entre a primeira metade do século XVI e a segunda metade do século XVII, época de formação dos aldeamentos paulistas:



(Petrone, 1995:125)

Marilza Oliveira (2002) conta-nos o seguinte a respeito do surgimento desses aldeamentos:

*“Nos arredores da vila havia os aldeamentos dos jesuítas, que por serem originados da doação de grandes propriedades particulares eram considerados fazendas (S. José, Itaquá, Embu, Carapicuíba e Itapeceira) e havia as Aldeias do Padroado Real (Pinheiros, Barueri, S. Miguel e Guarulhos), inicialmente controladas pelos jesuítas. Com a sua primeira expulsão em 1640, essas aldeias passaram para o domínio da Câmara. Em fins do séc. XVII, a autoridade espiritual e temporal passou para as ordens religiosas: frades capuchos primeiro e franciscanos depois em S. Miguel, beneditinos em Pinheiros e carmelitas em Barueri.”* (Oliveira, 2002)

O estudo de Oliveira possibilita-nos identificar melhor esse *corpus* paulista do século XVIII:

*“convém fazer aqui a distinção entre os termos aldeia e aldeamento. O termo aldeia que, em princípio, corresponde ao italiano *villaggio*, passou a ser utilizado na colônia para indicar as tabas indígenas, ou seja, os núcleos espontâneos da população indígena (Petroni, 1995). Em contraposição, no processo da colonização cunhou-se o termo aldeamento para o núcleo de população indígena criado conscientemente, como fruto de uma intenção objetiva, a saber, o controle social e a exploração econômica dos indígenas (Monteiro, 1936).”*

*“Como já se disse, a constituição dos aldeamentos era uma forma de tornar possível a assimilação dos povos nativos e transformá-lo em trabalhador produtivo, estabelecendo o controle social e a exploração econômica dos indígenas. Além de ser um mecanismo de obtenção de mão-de-obra indígena, a formação dos aldeamentos era uma forma de delimitar as terras dos índios. (...) A partir da segunda metade do séc. XVIII, os aldeamentos paulistas passaram a recolher os bastardos e mulatos (Bando de 30/5/1733) e toda a população desajustada (19/7/1766), processo que se intensificou no alvorecer do século XIX. Como afirma Petroni (op.cit, p. 135.): “Num processo cujas fases não são simples de definir, os contingentes ameríndios foram se tornando gradativamente mais mamelucos, foram caboclicando-se, até adquirirem as características mais típicas de uma população caipira que, ainda na atualidade, marca com sua presença alguns ângulos dos arredores de São Paulo, especialmente em torno dos antigos aldeamentos.”*

No entanto, é necessário identificar uma certa dissociação desses aldeamentos do núcleo paulista, tomando em conta a incomunicabilidade entre índios e brancos, e por conseguinte, dos próprios religiosos, autores de “nossas” cartas. Dão prova disso os depoimentos dos religiosos nas cartas recolhidas e transcritas por nós.

*“Os jesuítas sempre procuraram evitar que os índios tivessem quaisquer contatos com o exterior. Um regimento organizado pelos franciscanos (1745) impunha rigorosas penas à comunicação entre índios e brancos (Oliveira, op.cit.: 215). O isolamento dos aldeados não foi uma diretriz apenas dos jesuítas. Em 1623, os moradores impediram a entrada dos indígenas em São Paulo (Sessão de 12/8/1623, Atas da Câmara de São Paulo, v. III, p.47). Nas Ordenações Filipinas (Livro I, Tít. XVI:8, apud Omega p.21, nota 28), proibia-se, em São Paulo, a ida das pessoas de São Paulo para os bairros e aldeias”* (Oliveira, op. cit.)

*“Assim como os muros delimitavam o espaço de ocupação das duas etnias, criando o dualismo cidade-aldeia e, por conseguinte, a consciência de marginalizados extra-muros, a manutenção da língua geral nos aldeamentos, inicialmente usada como instrumento de catequese, deve ter sido, ao longo do tempo, mais uma forma de discriminação em relação aos indígenas, constituindo mais um impedimento aos índios de adentrarem na sociedade dos que eram socialmente favorecidos”* (Oliveira, op. cit.)

*“A incomunicabilidade entre as duas etnias foi quebrada, oficialmente 10 [sic], pela Ordenação de 4/4/1755 que passou a incentivar os casamentos entre colonos e índios, dando vantagens e prêmios aos brancos que casassem com índias e igualassem os filhos aos demais vassallos brancos. Além disso, a contínua solicitação de indígenas como mão-de-obra, a presença de moradores brancos nas proximidades dos aldeamentos e a liberdade de comércio e de bens individuais aos índios tornou os contatos mais rotineiros. Essa disposição coincide com a expulsão definitiva dos jesuítas do reino por ordem de Marquês de Pombal, em Lei de 3/9/1759.”* (Oliveira, op. cit.)

## 2.1. Breve histórico das aldeias

Para que os leitores e pesquisadores possam ter uma visão mais detalhada dos locais onde estas cartas foram escritas, acrescentamos um breve histórico dessas aldeias, muitas vezes textos que se encontram publicados na *internet*.

As aldeias paulistas aqui representadas são as seguintes:

1. Aldeia da Conceição (Guarulhos),
2. Aldeia de Barueri,
3. Aldeia de MBoy (Embu),
4. Aldeia de Nossa Senhora da Ajuda (Itaquaquetuba)
5. Aldeia de São João de Queluz (Queluz)
6. Aldeia de São João (Peruíbe),
7. Aldeinha de Nossa Senhora de Escada e Laranjeiras (Guararema),

Outros documentos interessantes desse mesmo fundo tratam de outros assuntos e são originários de outras localidades, sendo um deles da própria vila de São Paulo. A carta de Maria de Lara Leite, brasileira, natural da vila de São Paulo, foi escrita em *Vilas Boa de Goyas* (Goiás Velho), uma vez que a família lá se encontrava por conta de seu marido, o então governador interino da Capitania de São Paulo ter sido enviado ao *Cuyabá* em 1727.

Apresentamos ainda assim, um breve comentário a respeito de

8. Itu e Ararituaba (Porto Feliz)

### 2.1.1. Aldeia de Nossa Senhora da Conceição (Guarulhos)

*"Guarulhos teve sua origem como elemento de defesa do povoado de São Paulo. Com a denominação de Nossa Senhora da Conceição é fundado em 8 de dezembro de 1560 o aldeamento dos índios Guarus da tribo dos Guaianases, integrantes da nação Tupi, pelo Padre Jesuíta Manuel de Paiva.*

*Seu crescimento econômico deu-se inicialmente em função da mineração de ouro. As minas foram descobertas em 1590 por Afonso Sardinha, localizada na atual região do Bairro dos Lavras, cujas antigas denominações eram Serra de Jaguamimbaba, Mantiqueira e Lavras-Velhas-do-Geraldo.*

*"Assim, pois, na altura de 1750, existiam mineiros extraindo ouro nas "Lavras Velhas do Geraldo". É possível que este tenha sido o período de maior atividade, tendo-se esgotado com ela as referidas lavras (...).*

*Aquelas "Lavras Velhas do Geraldo", hoje podem ser vistas na margem direita da estrada que se dirige de Cumbica para Nazaré. A parte mais lavrada do terreno acha-se no ângulo formado pela estrada que ali se bifurca, um rumo em direção a Nazaré, e outro para Bom Sucesso". (Ferreira, 1958)*

*"Houve pelo menos seis lavras em território guarulhense que se localizam em pontos diferentes de uma vasta área, compreendendo algumas dezenas de quilômetros quadrados, onde se acham os bairros de Lavras, Catas Velhas, Monjolo de Ferro (esta deve ter sido a chamada 'Lavras Velhas do Geraldo'), Campo dos Ouros, Bananal e Tanque Grande". (Noronha & Romão, 1980)*

*Entre os séculos XVII e XVIII notamos momentos de grande interesse por Guarulhos haja vista a quantidade de número de ordens estabelecendo as sesmarias (responsáveis pela ocupação e assentamentos na época do Brasil Colônia) expedidas para a região.*

*Os sesmeiros se dedicaram à agricultura e à mineração e, como atividade de apoio, criavam gado vacum e cavalari. Ressaltamos que os engenhos de açúcar que se iniciaram nos anos seiscentistas estenderam-se até o início do século XX, com a produção de álcool e aguardente. A agricultura da região possivelmente sofreu com o clima úmido e frio que acarretou ferrugem ao trigo, mosaico a cana e curuquerê ao algodão.”*

Fonte: [http://www.guarulhos.sp.gov.br/05\\_cidade/historia/historia.htm](http://www.guarulhos.sp.gov.br/05_cidade/historia/historia.htm)

## **GUARULHOS**

*“A despeito da inexistência de qualquer documento que determine a época da fundação de Guarulhos, os historiadores que se referem a sua origem, quer levados por elementos recolhidos da tradição, quer pelo confronto dos fatos históricos da cidade de S. Paulo, fixam o ano de 1560 como o início do aldeamento e colonização dos índios guarulhos, no lugar que ainda conserva esse nome. Assim o atesta o Padre Celestino Gomes d' Oliveira Figueiredo, em seu relatório de 1913, no terceiro livro do tomo da Paróquia de Guarulhos, existente nos arquivos da Cúria Metropolitana de S. Paulo. Esteia-se na autoridade de Azevedo Marques e na de João Mendes de Almeida. Completando o relatório do Padre Celestino, surgiu o esplêndido trabalho do Dr. João Ranali, baseado nos assentamentos existentes na Cúria Metropolitana, bem assim na autoridade de Teodoro Sampaio, Plínio Airoso, José Machado de Oliveira, Eugênio Egas, Pedro E. Vallin e outros.*

*O sacerdote, embora aceitando o ano de 1560 para a fundação de Guarulhos, refere-se ao ano de 1555, em que se teria erigido uma capela, antecessora da Igreja Matriz. Diz ele: "Consta que o primeiro livro do tomo, que se perdeu, dava notícias de uma outra igreja, que servia de Matriz, com a invocação de Nossa Senhora da Conceição de Guarulhos, sem que todavia precisasse o tempo de sua fundação. Parece que existia já em 1555, porque nessa época já aquela capela de Guarulhos era filial da Matriz de São Paulo."*

*Trata-se, confessadamente, de mera suposição, não ratificada pelos historiadores. E apesar de tal pressuposto haver resultado de um equívoco, na interpretação de um documento antigo, guardamos a convicção de que, ao ser fundado o Colégio inaciano do planalto, uma tribo de índios guarulhos já dominava a margem direita do Rio Tietê, ao norte de S. Paulo de Piratininga.*

*Tendo alcançado tão elevado prestígio em 1560, ao receber o pelourinho, transformando-se em vila, São Paulo, certamente, já deveria ser um núcleo bem povoado e melhor protegido, sob a guarda daquelas aldeias periféricas, verdadeiros postos avançados. E segundo alguns historiadores, as aldeias de São Miguel e de Pinheiros nasceram concomitantemente com a dos Guarulhos, a qual, sem dúvida alguma, integrava os doze primitivos baluartes da segurança piratiningana.*

*E quando os jesuítas estabeleceram o controle dos índios guarulhos, ao norte e à direita do Anhembi, deram-lhe também uma capela e a proteção sobrenatural de uma padroeira, pois assim costumavam fazer. A suposição feita pelo Padre Celestino de que a ermida fora levantada em 1555, além de não encontrar base em qualquer dos velhos documentos, não é ratificada por qualquer dos nossos historiadores, nem tão pouco a lógica dos fatos conhecidos induz tal probabilidade. Esse pressuposto nasceu, aliás, de um equívoco no trabalho de interpretação de um velho registro paroquial. Este documento, referindo-se à primitiva capela dos Guarulhos, diz*

que era "filiada à Matriz ereta em 1555, no hoje Curado da Sé". Consequentemente, o ano de 1555 se refere à Matriz de S. Paulo, depois Curado da Sé, e não à capela dos índios guarulhos.

Observe-se, de resto, que, sendo um dos aldeamentos mais retirados de S. Paulo, não seria provável, logo no ano seguinte à fundação do Colégio, Guarulhos já existisse e, inclusive, tivesse uma capela. Entretanto, pela tradição recolhida por nossos historiadores e pelo confronto dos fatos históricos conhecidos, Guarulhos foi fundado em 1560 e nesse ano ganhou a sua ermida.

### **Os índios**

Com agricultura rudimentar, os índios dependiam mais da caça e pesca. Quando estas escasseavam, transferiam-se para outras plagas. Tais fatos nos levam à certeza, de que várias tribos pisaram e provisoriamente se instalaram neste mesmo chão, antes dos guarus. Mas, tais ocorrências, evidentemente, não importam ao historiador. O que interessa conhecer é o primeiro grupo sedentário aqui precipitado sob a égide da civilização.

Nestas condições, uma das tribos guaianazes, a que chamavam guarus, foi a iniciadora da povoação que lhe tomou o nome, sujeita à ação civilizadora dos inacianos. Convém observar que havia outras tribos de índios guarulhos em pleno sertão paulista, parte dos quais, o Padre Manuel Nunes de Siqueira, vigário de S. Paulo, conduziu e localizou "no sítio chamado Atibaia", isso no ano de 1565 (Aureliano Leite). Para Serafim Leite que identificou os índios gesseracus, mara-mimins ou guarumimins e guarulhos; Disse que "viviam numa Serra, entre o Rio de Janeiro e São Vicente e apareceram na Bertioga. Existia outro grupo de Maramomins, entre o Rio de Janeiro e o Espírito Santo."

Alberto Ribeiro Lamego, citado por Serafim Leite, diz ainda: "É possível sejam eles os mesmos Sarucus, aldeados em N. S.a das Neves (Couto Reis), na margem esquerda do Rio Macaé, onde Cornélio Fernandes coloca uma aldeia de Guarulhos."

Não há dúvida que uma tribo de índios guarulhos dominava a margem direita do Tietê, ao norte de São Paulo, bem como outras reduções de igual nome existiam no sertão paulista, a exemplo daquela que, em 1565, foi localizada em Atibaia pelo Padre Manuel Nunes de Siqueira. Consequentemente, os maramimins vieram do litoral pelas mãos de Manuel Viegas, em 1595, para constituir um outro núcleo selvático em terras guarulhenses, três léguas além do lugar onde os guarulhos, desde 1560, já se encontravam sob os cuidados cristalizadores dos jesuítas.

### **O nome da cidade**

Para Teodoro Sampaio (O Tupi na Geografia Nacional) Guarú significa o indivíduo que come, o comedor, em alusão ao formato do peixe desse nome, cuja parte ventral é proeminente. Então, para Teodoro Sampaio, os índios guarus tinham esse nome por serem barrigudos. Não diz o escritor onde obteve o informe de que os guarus se notabilizaram por esse aspecto físico. Talvez fosse mera inferência daquele autor, mas o fato é que até hoje a imagem que ficou dos primitivos habitantes de Guarulhos é que tivessem tal característica morfológica, seja isso verdade ou não. Em contato com a língua do colonizador a palavra guaru foi aos poucos se alterando até resultar em Guarulhos."

Fonte: <http://www.citybrazil.com.br/sp/guarulhos/historia.htm>

### 2.1.2. Aldeia de Barueri

*“A história de Barueri remonta à época das missões jesuítas, 1560. Os historiadores afirmam que a aldeia foi fundada pelo padre José de Anchieta, juntamente com a Aldeia de São Miguel. O nome Barueri, em tupi-guarani, segundo alguns estudiosos, significa "Flor Vermelha que Encanta", numa alusão a algumas flores que margeavam o rio, atualmente chamado de Barueri-Mirim. Resistindo aos selvagens ataques de bandeirantes, como Antonio Raposo Tavares, capturando índios para mão-de-obra escrava para a lavoura, a aldeia de Barueri, protegida por jesuítas, com o decorrer dos anos, chegou a povoado. Em 1870 iniciou-se a construção da Estrada de Ferro Sorocabana e, em 1875 foi inaugurada a Estação de Barueri, servindo de rota para Santana de Parnaíba e Pirapora do Bom Jesus, incentivando o comércio local.*

#### **Barueri na História**

- *Em 21/11/1560 o Padre José de Anchieta reza a primeira missa no aldeamento indígena de Barueri.*
- *Em 1633 os jesuítas foram expulsos mas a Capela Nossa Senhora da Escada, no atual bairro da Aldeia, foi reaberta provocando violenta represália por parte de um grupamento de oficiais. A capela foi depredada, seus móveis e utensílios foram atirados ao rio e os índios feito escravos.*
- *No ano de 1759 ocorre a expulsão definitiva da Companhia de Jesus do Brasil.*
- *No ano de 1850, Barueri é elevado a categoria de povoado. Em 1875, é inaugurado o primeiro trecho da Estrada de Ferro Sorocabana e Barueri torna-se centro de distribuição de cargas. O povoado de tropeiros passa a ser chamado povoado da Estação. Próximo à estação ocorre a construção da Igreja São João Batista. Em 23/06/1898 ocorre a primeira procissão na única rua: a Campos Sales.”*

Fonte: <http://www.citybrazil.com.br/sp/barueri/historia.htm>

### 2.1.3. Aldeia de Embu

A cidade de Embu tem suas origens na antiga aldeia M'Boy, criada pelos padres da Companhia de Jesus na primeira metade do século XVII. M'Boy, Boy, Bohi, Bohu, Emboi, Alboy, Embohu. Diversas grafias foram registradas por Sérgio Buarque de Holanda para a palavra indígena que nomeava a extensa região onde surgiu a aldeia. Diz a lenda que o nome M'Boy - cobra em tupi-guarani - foi dado para homenagear um índio que salvara da morte o padre Belchior de Pontes, figura fundamental na história da aldeia. Pouco depois, o índio morreu picado e envolvido por uma grande serpente. Segundo Leonardo Arroyo, o termo M'Boy vem de Mbeû, que significa cousa penhascosa, agrupamento de montes, coisa em cachos ou cacheados.

De qualquer modo, era nessas terras montanhosas, que ficava a fazenda de Fernão Dias Pais - tio do famoso bandeirante caçador de esmeraldas - e Catarina Camacho, sua mulher. Em 24 de janeiro de 1624, o casal doou a propriedade aos jesuítas, incluindo os muitos índios que aldeara em torno da sede. Duas condições foram impostas por Catarina Camacho para efetivar a doação:



o culto ao Santo Crucifixo e a festa de Nossa Senhora do Rosário, a quem a pequena capela da fazenda era dedicada.

A doação era bem conveniente aos jesuítas, que, atacados por índios na aldeia de Maniçoba, próxima de Piratininga (vila que deu origem à cidade de São Paulo), procuravam um lugar mais seguro para prosseguir com sua missão de catequizar o gentio. A nova aldeia, além de estar mais afastada do núcleo de Piratininga, ficava na confluência dos caminhos que levavam ao mar e ao sertão, um ponto estratégico.

Uma vez instalados, os padres iniciaram o trabalho de catequese dentro dos moldes de outros aldeamentos jesuíticos. O princípio básico era fixar os índios em torno das igrejas e colégios, protegendo-os da escravidão. Em troca, o gentio tinha que se submeter à nova disciplina que, na maior parte das vezes, entrava em choque direto com a cultura indígena. Além de se adequar à moral religiosa católica, que permitia um único casamento, os índios transformavam-se em agricultores sedentários.

Talvez por problemas de adaptação dos indígenas ao novo modo de vida, no fim do século XVII e início do XVIII, o padre Belchior de Pontes, então diretor da aldeia, resolve mudá-la para outro lugar não muito distante. Segundo relata o padre Manuel Fonseca no livro 'A Vida do Venerável Padre Belchior de Pontes', a nova aldeia ficava assentada num plano cercado de riachos que produziam peixes miúdos em tal quantidade, que podiam ajudar muito a sustentação dos índios. No novo local, o padre Belchior de Pontes ergueu também uma nova igreja, maior que a anterior, conservando a invocação a Nossa Senhora do Rosário.



Em meados do século XVIII, a aldeia contava com 261 índios e apresentava sinais de prosperidade, destacando-se entre as demais. Já havia sido construída a residência dos jesuítas, com ajuda dos índios. Além da mandioca, trigo e legumes, produzia-se algodão, que era fiado e tecido ali mesmo pelas índias. Há registros de exportações para Rio de Janeiro e Bahia em 1757. Uma outra peculiaridade da aldeia era a existência de uma banda de música, bastante respeitada na região. Composta de índios guaranis, que dedicavam duas horas da manhã e duas horas da tarde aos ensaios, a corporação musical participava de missas e procissões, se apresentando em localidades próximas.

Em 1760, os jesuítas foram expulsos do Brasil por ordem do Marquês de Pombal e a igreja do Embu passou para os cuidados do clero diocesano. A população indígena começou a se dispersar e, em 1873, restavam apenas 75 índios e mestiços habitando o lugar.

Desde o início do século XIX, a aldeia já estava em franca decadência. Permaneceu na obscuridade até nos anos 20 deste século, quando Duarte Leopoldo e Silva determinou a primeira recuperação da igreja. Em 1939 e 1940, o conjunto jesuítico - que compreende a Igreja Nossa Senhora do Rosário e a residência dos jesuítas - foi considerado Patrimônio Nacional e restaurado pelo SPHAN (atual IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

Fonte: <http://www.mboy.com.br/index.php?tit=historia>

#### **2.1.4. Aldeia de Nossa Senhora da Ajuda (Itaquaquecetuba)**



*A origem do município de Itaquaquecetuba remonta a uma das 12 aldeias, fundadas pelo padre jesuíta, José de Anchieta, em sua longa permanência no Brasil. Sua criação se deve ao então presidente da província, Bernardo José Pinto Gavião Peixoto, com o nome de vila Nossa Senhora D'Ajuda, em 8 de setembro de 1560, sendo estabelecida na beira do rio Tietê, para catequizar os guaianase.*

*Nas décadas de 10 e 20 do século XVII, entretanto, a aldeia ficou quase deserta já que, por ordem de Fernão Dias Paes, desejoso de ter um maior controle dos índios catequisados, a maior parte de sua população foi transferida para aldeia de São Miguel, mais próxima a São Paulo, onde havia sido erguida uma nova capela. A população recomeçaria a crescer apenas em 1624, quando o padre João Álvares, construtor da capela da Conceição de Guarulhos e também da de São Miguel, decidiu levantar em sua propriedade, localizada bem ao lado da aldeia de Itaquaquecetuba, um oratório em louvor a Nossa Senhora d'Ajuda que, em seguida, tornar-se-ia capela. Este foi o marco inicial da povoação, que logo viria a se fixar em seu redor, com o nome, justamente, de Nossa Senhora da Conceição de Itaquaquecetuba, recuperando, assim, o topônimo do antigo aldeamento, elevado à freguesia pela lei N° 17, de 28 de Fevereiro de 1838.*

*O primeiro Censo realizado na Aldeia de Nossa Senhora D'Ajuda, em 1765, apresentou os seguintes resultados: 59 "iogos" que eram habitados por 109 mulheres e 117 homens.*

*Pouco cresceu a aldeia que neste estado permaneceu quase 200 anos. Foi com a inauguração da Variante da EFCB, em 1925 que Itaquaquecetuba começou a crescer e a prosperar.”*

Fonte: [www.nossosaopaulo.com.br/Reg\\_13/Reg13\\_Itaquaquecetuba.htm](http://www.nossosaopaulo.com.br/Reg_13/Reg13_Itaquaquecetuba.htm)

#### **2.1.5. Aldeia de São João de Queluz (Queluz)**

*“Queluz teve sua origem interligada ao papel de Lorena, no povoamento da região. Nasce a partir de um aldeamento de índios Puris (o mais recente da região). Em 1842, torna-se vila e em 1876, cidade.*

*O nome Queluz é homenagem ao solar português onde nasceu Dom Pedro I. O Município desenvolveu-se com a cultura do café e que deixou importantes marcos rurais, como as sedes, ainda existentes das fazendas do Sertão, São José, Restauração, Bela Aurora, Regato, Cascata e outros.*

*Conseqüentemente nos deixando uma grande contribuição para a história do Vale e do país, com a preservação da nossa cultura, através do patrimônio arquitetônico das fazendas do café.”*

Fonte: <http://www.explorevale.com.br/cidades/queluz/index.htm>

### 2.1.6. Aldeia de São João (Peruíbe)



desenho de José Custódio de Sá e Faria, 1776

*“A Aldeia dos **Índios Peroibe**, já existia desde muito antes da chegada de Martin Afonso de Souza. Situava-se no Tapiarama (Tapui-Rama), região das Aldeias ou Pátria dos Tapuias. Eram as duas únicas Aldeias do Litoral.*

*As primeiras notícias, datam de **1532**, quando Pero Corrêa pede a confirmação de suas terras a Martin Afonso de Souza, dizendo já estar há muito tempo nas terras que antes pertenciam a um Mestre Cosme, Bacharel de Cananeia e doava estas terras em **1553** à Companhia de Jesus, por descarrego de consciência, devido ao escravismo atuante nas praias do Guaraiú. Doou, também, a Fazenda na Praia de Perúibe, para a Confraria do Menino Jesus, que passou a ser o Segundo Colégio de Meninos Órfãos do Menino Jesus. O Primeiro Colégio foi em São Vicente. Perúibe pertencia à Capitania de Martin Afonso de Souza, por encontrar-se a 12 léguas ao Sul de São Vicente.*

*Em **1549**, chegava Padre Leonardo Nunes juntamente com outros padres para fazer a catequese dos indígenas. O Padre Leonardo Nunes passou a ser conhecido pelos indígenas por "**Abarebebê**" (Padre Santo ou Padre Voador) por estar em vários locais ao mesmo tempo.*

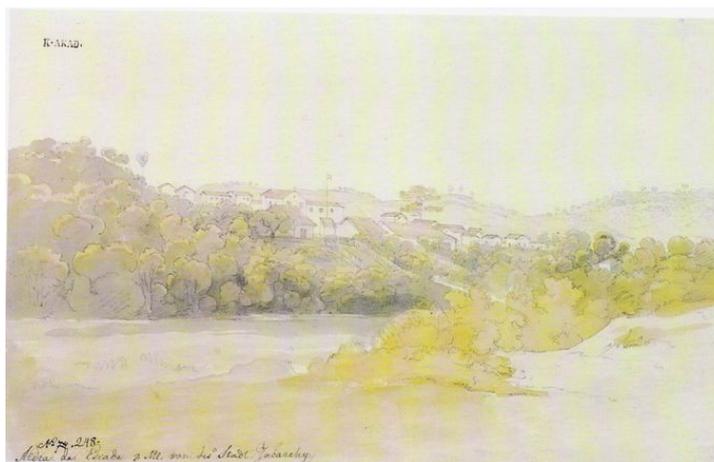
*Em **1554**, chega na aldeia José de Anchieta, que havia entrado para a Companhia de Jesus, no auxílio à catequese.*

*Tendo notícias que o Convento de Itanhaém só começou sua construção em 1640, e seu padroeiro foi São Francisco de Assis, conforme apontamento de Azevedo Marques e sua Igreja Matriz, data de 1761 e sua Padroeira de Santa Ana, conforme Benedito Calixto, não resta dúvida sobre a veracidade dos fatos históricos de que a fundação da Vila da Conceição de Nossa Senhora, ocorreu na atual **Ruínas do Abarebebê**, conforme a afirmação de Frei Gaspar da Companhia de Madre de Deus, que diz na sua obra (Capitania de São Vicente), que até 1555, não existia nada no local chamado Itanhaém e sim Aldeias, onde Martin Afonso de Souza fez sua fundação. A aldeia perdeu o Foro de Vila, cedendo aos Portugueses que residiam em Itanhaém, por estarem os Jesuítas protegendo por demais os indígenas e no século XVII, em meados de 1648 foram expulsos. A aldeia passa a ser conhecida como aldeia de São João Batista, a partir de 1640.”*



retirado de [http://www.nossosaopaulo.com.br/Reg\\_11/Reg11\\_Peruibe.htm](http://www.nossosaopaulo.com.br/Reg_11/Reg11_Peruibe.htm)

### 2.1.7. Aldeinha de Nossa Senhora da Escada (Guararema)



Aldeia de Escada (Setubal, 2004)

*“Segundo Aureliano Leite em 1560 Braz Cubas se embrenha pelo sertão e descobre ouro em vasta sesmaria que chega quase à margem esquerda do Rio Anhembi (Tietê). A descoberta é comunicada ao Rei por carta datada de 25 de Abril de 1562. Em sua entrada pelo sertão, Braz Cubas desce a seguir pelo Rio Paraíba e, atravessando a Mantiqueira, esbarra no Rio São Francisco. (Isaac Grinderg- História de Mogi das Cruzes, 1961 p.19). Segundo o historiador este foi o primeiro homem a pisar em nosso solo.*



*1608- A 22 de setembro, Gaspar Vaz obtém uma sesmaria em Mogi. (Isaac Grinderg- História de Mogi das Cruzes, 1961 pg:18).*

*1611- O próprio Gaspar Vaz fundou o aldeamento da Escada, para onde foram levados índios já catequizados .*



Nossa Senhora da Escada

*Já em 1625 o aldeamento havia sido entregue aos jesuítas que sobreviviam da lavoura. Em 1652 os padres jesuítas erigiram a primeira capela no arraial. Devido ao seu posicionamento geográfico, durante séculos a localidade constituiu-se como etapa obrigatória dos caminhantes que iam de São Paulo para o Rio de Janeiro e vice-versa.*

*Por dar proteção aos índios os jesuítas somaram muitos inimigos, inclusive Gaspar Vaz, que defendia a escravização dos índios. Os inimigos atacavam as aldeias e destruíam várias reduções jesuíticas ao sul do Brasil e Uruguai: tão freqüente se tornaram estes ataques, que os jesuítas foram reclamar ao Papa, o qual em 1640 declarou todos os índios da América livres. Com o acontecido os colonos decidiram pela expulsão dos jesuítas de toda a capitania.*

*Em 15/12/1732 o índio chamado a moda portuguesa de Sebastião Silva é nomeado capitão-mor dos índios do arraial da Escada, nesse mesmo ano, a primeira capela foi demolida em virtude de má conservação para dar lugar a outra capela.*

*Em 1734, com a vinda dos Franciscanos, ergueu-se um alojamento anexo que passou a funcionar como convento. Construído em taipa de pilão, o conjunto, representativo da*

Arquitetura Colonial Brasileira, foi tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no dia 25/01/1941.

A capela recebeu o nome da Nossa Senhora da Conceição e logo passou a chamar-se Nossa Senhora da Escada. Há várias hipóteses para a mudança do nome. O fato mais provável talvez seja este: "Reza a tradição popular que os indígenas tinham por hábito colocar sobre a sepultura de seus mortos um fardel cheio de alimentos e uma escada para que a subida da alma até o reino de Tupã se realizasse de maneira tranqüila. Conhecedores deste fato, os padres teriam tratado de esculpir degraus ao redor da Virgem, com o objetivo de estabelecer uma ligação entre as crenças pagãs e a religião adventícia, de modo a facilitar a catequização.

Conhecedores dos fatos ocorridos no arraial da Escada. O padre vila de São Miguel, com o apoio do vigário da vara de São Paulo, André Baruel autoriza o supervisor da vila de São Miguel a levar para essa igreja "as imagens e alfaias" da igreja da Escada junto com 46 índios, que aqui viviam, com isso não concorda a Câmara de Mogi das Cruzes, que com povo reunido vai a São Miguel e trás de lá as imagens e os índios que haviam sidos tomados a Escada. (Leonardo Arroyo, " Igrejas de São Paulo."

Por **João Augusto da Silva**,

retirado de <http://www.guararema.sp.gov.br/pages/historia.asp>, acesso em 20.01.2006

### **A expedição de Martius e Spix pela Província de S. Paulo**

Durante uma viagem que fizeram pela agora Província de S. Paulo, os naturalistas Martius e Spix observaram os estado de abandono em que se encontrava a região cerca de um século após a data de nossa primeira carta aqui transcrita. O historiador Afonso Taunay (1925) relata o que os dois encontraram:

*"Sahindo de Jacarehy [em 1817] detiveram-se os naturalistas algum tanto na velha Aldeia de Escada, num velho hospício de carmelitas, outróra de certa importancia e agora quase deserto. Ali encontraram um padre bastante inteligente, director de uma aldeia de indios, da visinhança.*

*Estava a missão em decadência, contou-lhes, circumstancia fatal desde a promulgação da carta régia que aos índios dera direitos civis aos dos demais brasileiros. Muitos bugres se haviam embrenhado pelas mattas e na aldeia restavam sessenta prochianos heterogeneos de raça, representantes das diversas tribus existentes em S. Paulo, antes da conquista portugueza." (TAUNAY, 1925:240)*



Pintura em óleo - Judith Freire (1999)

*"Grande disillusão trouxe a Martius o contacto com os degenerados descendentes dos aborigenes paulistas da Escada. Contava que lhe desse material para os seus estudos ethnographicos e logo de tal se disilludiu.*

*'A indolencia taciturna, traço racial caracteristico, manifestado sobretudo pelo olhar atono e as maneiras timidas do americano, eleva-se ao primeiro degrau na escala da reflexão, e devido ao constrangimento desacostumado da civilização e no contacto com negros, mulatos e portuguezes até o quadro tristissimo do intimo descontentamento da perversidade.' –" (TAUNAY, op. cit.:241)*

*"A que tribu, a que tribus poderiam filiar-se? Os dados lingüísticos também muito falhos; [os índios de Escada, em 1817] pareciam falar uma mistura de linguas empregando comtudo muitas palavras guaranys." (TAUNAY, op. cit.:241)*

### **2.1.8. Ararituaba (Porto Feliz) e Itu**

*“No ano de 1693, nas terras de Antônio Cardoso Pimentel, um povoado começou a se formar junto à margem esquerda do Rio Anhemby (atual Tietê), num ponto distante pouco mais de 100 Km de São Paulo. O local era conhecido como “Ararituaba” (que significa: “lugar onde as araras comem areia”) – nome dado pelos índios guaianazes que habitavam a região, em virtude da frequência com que bandos dessas aves bicavam um salitroso paredão ali existente. O povoamento teve início quando o dono das terras resolveu habitá-las, juntamente com seus familiares e empregados, numa época em que vários sertanistas decidiram abandonar o Bandeirismo pela Agricultura. Era uma comunidade simples, que cultivava o solo apenas para a sua subsistência. No entanto, quando a notícia da descoberta de ouro em Mato Grosso (1719) e Goiás (1725) espalhou-se pelos quatro cantos, a movimentação no vilarejo e o seu conseqüente progresso foram inevitáveis. Por sorte, ele havia-se desenvolvido em torno de um estratégico porto natural junto ao primeiro trecho navegável do rio depois de Salto. Um local que serviria de ponto de partida, ainda no século XVII, de inúmeros bandeirantes, em busca das riquezas anunciadas. No século XVIII, partiriam também as famosas monções – expedições comerciais e científicas. Todos se aventuravam pelo grande manancial, repleto de perigosas corredeiras e obstáculos, rumo ao desconhecido oeste. As fronteiras do Brasil-Colônia, ainda bastante limitadas pelo Tratado de Tordesilhas, começaram desse modo a expandir-se, tendo início um processo de crescimento que, apoiado também sobre outros fatores ao longo da História, levou o País a chegar ao que é hoje territorialmente: o quinto maior do mundo. Daí se vê a importância do tal porto de Ararituaba – que também era conhecido como o “porto feliz”, cujos moradores chamavam a atenção por sua alegria e hospitalidade, principalmente quando as expedições fluviais retornavam, ocasiões estas em que havia não pequena comemoração.*

#### **Referências Anteriores**

*Em 1628, antes do povoamento, o capitão general do Paraguai, D.Luiz de Céspedes Xeria, realizou uma viagem ao seu país utilizando-se do Rio Anhemby, conforme ele próprio explicou em relatório ao Rei Felipe IV. A expedição fez uma parada num certo local, abaixo do Salto de Itu, onde 50 escravos e mais alguns criados dedicaram um mês na construção de três canoas. Tudo indica que foi nesse local, à margem esquerda do Anhemby, que Antônio Cardoso Pimentel, natural de São Paulo, daria início ao povoamento de suas terras, para as quais se dirigiram logo em seguida várias famílias, como a de Antônio Aranha Sardinha, natural de Santos.*

#### **Monções**

*De origem árabe, a palavra monção significa “estação do ano em que se dá determinado fato”. No Brasil, o termo deu nome às grandes expedições fluviais que se realizavam no século XVIII com destino às terras do Oeste, após a descoberta das minas em Cuiabá (MT). Eram organizadas entre os meses de abril e setembro, época considerada mais propícia.*

***Reiunas, ou Oficiais** – eram organizadas pelo Governador, com o fim de transportar forças militares e autoridades administrativas. A mais célebre foi a do governador Rodrigo César de Menezes. Partiu do porto de Ararituaba para Cuiabá (MT) em 1726, com 308 canoas e cerca de 3 mil pessoas.*

***Expedições particulares** – de iniciativa privada, objetivavam o comércio com as zonas de mineração. A última Monção particular de que se teve notícia em Porto Feliz foi a de Fermino Ferreira. Seu fim se deu frente à dificuldade das cachoeiras e corredeiras. Com o tempo, passaram-se a utilizar novos caminhos, à medida que o ouro de Cuiabá e Goiás ia-se tornando raro.*

## ***Partida e volta de uma monção***

### ***A Partida***

*O dia de partida de uma Monção era sinônimo de grande movimentação e festa em Araritaguaba. Desde o clarear do dia, canoas e batelões recebiam os carregamentos a serem utilizados durante a viagem e vendidos nas minas. Constituíam-se de alimentos não-perecíveis, como: farinha de milho e mandioca, feijão, toucinho, sal e carne salgada; barris de aguardente produzida na terra; armamentos e munições.*

*Tarefas cumpridas, piloto, proeiros, remadores, soldados, escravos e outros passageiros aguardavam em seus postos a chegada dos bandeirantes chefes e o momento de partir.*

*O desejo de enriquecimento rápido e o espírito de aventura pareciam lhes furtar, por alguns instantes, a distância a ser vencida, os rios a transpor, a ferocidade dos índios e tantos outros sofrimentos à sua espera. Antes da partida, todos recitavam uma ladainha, sucedida pela bênção final do sacerdote.*

*Momento de partir: todo o povo concentrado no porto. Tiros eram dados, rufavam os tambores. Uma a uma, as canoas iam descendo o grande rio, tremulando bandeiras coloridas. À sua frente, 3500 Km de águas para superar, dos rios Tietê, Paraná, Pardo, Coxim, Taquari, Porrudos e Cuiabá, até atingirem a região das minas de ouro. O trecho mais difícil era a subida do Rio Pardo, onde se gastavam até dois meses. Nas cachoeiras, as canoas desciam seguras, amarradas por cordas, e as cargas, sobre os ombros dos tripulantes.*

### ***A Volta***

*Passavam-se meses... De repente, um tiro de arcabuz rompia o silêncio de um vilarejo aparentemente deserto. As casas de Araritaguaba davam sinal de vida. Todas as atenções voltavam-se para o grande rio. Era uma Monção que vinha chegando de Cuiabá. O povo se dirigia rapidamente ao Porto, com grande inquietação e expectativa pelo retorno ou, ao menos, notícias de entes queridos.*

*No dia seguinte, o povoado amanhecia movimentado. Com a descarga das canoas no Porto, Araritaguaba, pobre e quieta, tornava-se por alguns dias rica e agitada. O ouro corria como dinheiro e, com grande facilidade, eram gastas as riquezas adquiridas com tanto sofrimento.*

### ***O Batelão***

*Batelão era a embarcação utilizada nas expedições (fundamentalmente, a piroga indígena), fabricada de um tronco só de Peroba ou Ximbúva, madeiras muito resistentes.*

*Esse canoões tinham 1,65 m de largura, 12 m de comprimento, 1,15 m de profundidade e sua espessura, 0,67 m. Acomodavam cerca de 90 sacos de mantimentos.*

*Os aperfeiçoamentos introduzidos se limitavam à utilização de juntas de ferro e cobertura de lona para proteção contra chuvas.*

*A tripulação era composta pelo piloto, contra-piloto, proeiro e 5 ou 6 remeiros. Esses canoões tinham extremidades na proa, para os remeiros, e outra na pôpa, para o piloto.*

*Numa Monção, a canoa maior servia de guarda e guia, levando na pôpa uma bandeira com as armas portuguesas.*

## ***Largo da Penha***

*A História do Largo da Penha começou com o povoamento do Porto de Araritaguaba em 1693 por Antonio Cardoso Pimentel, seus familiares e lavradores das terras de sua fazenda.*

*Com a chegada dos novos moradores, Pimentel construiu, no ano de 1700, uma Capela e, por ser devoto de Nossa Senhora da Penha, deu este nome a ela.*

*O Largo foi crescendo, surgiram novas habitações ao seu redor, tornando-se muito movimentado após a descoberta do ouro em Cuiabá. Era nesse ponto do povoado que os Bandeirantes se concentravam para organizar suas Monções. Também se reuniam nesse mesmo lugar os comerciantes, ora para abastecer as expedições, ora formar as suas próprias – denominadas Monções Mercantis.*

*Contudo, a classe predominante no povoado era a dos trabalhadores agrícolas, que só iam ao vilarejo nos domingos e dias santos, fazendo de tais ocasiões as únicas de algum movimento nas ruas.*

*As cargas vindas de Cuiabá eram depositadas no Largo da Penha, para conferência e pagamento do imposto ao reino.*

*Foi nesse Largo que o Reino de Portugal mandou construir um prédio para Alfândega (atualmente, Restaurante do Belini), para arrecadar o imposto do quinto devido sobre o ouro obtido em Cuiabá.*

*Já no tempo do Império, a mando do Presidente da Câmara, foram construídas diversas “casinhas” para os produtores comercializarem suas mercadorias. A última “casinha” funcionou até 1924.*

*Em 1905, uma estrada de ferro pertencente ao Engenho Central cortava o Largo. A ferrovia estendia-se até a Colônia Rodrigo e Silva e era utilizada para transportar até o Engenho a cana de açúcar dos Colonos Belgas. Essa Via-Férrea teve pouca duração, porque trazia alguns problemas à cidade.*

### **Formação Jurídica**

*Inicialmente, Porto Feliz pertenceu à comarca de São Paulo. Depois, à de Itu, com a criação desta, em 02 de dezembro de 1811. Vinculou-se mais tarde à comarca de Piracicaba, criada em 30 de março de 1858. Anos depois, em 30 de março de 1871, ficou novamente subordinada à comarca ituana, por força da Lei nº 39. Em 1874, com a implantação da de Capivari, a esta subordinou-se até 1880. Neste ano, criou-se a comarca de Tietê, que passou a ser a responsável por Porto Feliz.*

*Foi a Lei nº 8, de 07 de fevereiro de 1885, que finalmente criou a Comarca de PORTO FELIZ. A cidade, porém, continuou sem autonomia jurídica por mais cinco anos, período em que outra vez pertenceu à Comarca de Capivari. Somente em 1890 ganhou sua autonomia, com a nomeação do primeiro Juiz de Direito de Porto Feliz.*

*No século seguinte, pela Lei nº 2.456, de 31 de dezembro de 1.953, que instituiu o quadro territorial, administrativo e judiciário do Estado de São Paulo, o município ficou constituído por apenas um Distrito: o Distrito de Porto Feliz. Quanto à Comarca portofelicense, era formada pelos municípios de Porto Feliz, Boituva e Iperó, respondendo também pelo Distrito de Bacaetava.*

### **Datas Importantes**

**1693** = Os historiadores falam de um “Porto” à margem esquerda do Rio Tietê, de onde partiam as expedições para Cuiabá, no Mato Grosso; nessa data, também teve início o povoamento de Araritaguba;

**1700** = Torna-se mais freqüente a passagem por esse Porto dos exploradores que se destinam aos Sertões de Mato Grosso e Goiás, a procura das Minas de Ouro;

**1700** = Antonio Cardoso Pimentel edifica uma Capela em Homenagem a Nossa Senhora da Penha;

**1720-1770** = Período das Monções mais importantes;

**1728** = Desmembrada de Itu, foi criada a Paróquia de Nossa Senhora da Penha de Araritaguaba;

**1744** = Por provisão de 27 de novembro, é concedida licença para se construir uma nova Matriz, sob a invocação de Nossa Senhora Mãe dos Homens;

**1750** = Aos 9 de outubro é solenemente inaugurada a nova Matriz. A partir desta data a Paróquia passa a denominar-se “Freguesia de Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araritaguaba”... ;

**1797** = a freguesia passa a se chamar “Paróquia de Nossa Senhora Mãe dos Homens de Porto Feliz”; que por Portaria de 13 de outubro a freguesia de Araritaguaba passa a categoria de Vila, com o nome de Porto Feliz;

**1780/1830** = Expansão da lavoura canavieira: Araritaguaba torna-se um dos grandes centros açucareiros da Província de São Paulo;

**1858** = No dia 16 de abril a Vila de Porto Feliz foi elevada a categoria de cidade. Lei nº 8 de 07 de fevereiro de 1885, eleva Porto Feliz a Comarca;

**1901/1907** = O Engenho Central torna-se propriedade da Societé de Sucreries Brésiliennes;

**1906** = Circula “O Araritaguaba” , primeiro jornal de Porto Feliz;

**1920/1924** = Inauguração do Monumento às Monções, Ramal Ferroviário, Gruta N. S. de Lourdes e implantação da fábrica de tecidos N. S. Mãe dos Homens;

**1954** = Tem início grande reforma na Matriz;

### **Capitães-Mor de Porto Feliz**

Os capitães-mor eram permanentes e exerciam as mesmas funções dos atuais delegados de polícia. No entanto, o seu poder era absoluto.

Eram oficiais da milícia, mas exerciam funções civis, sem outras restrições que não fossem os seus caprichos, limitados unicamente pelos dos capitães-generais, supremos governadores das capitânicas, dos quais eram representantes nas vilas e povoações e aos quais estavam diretamente subordinados.

Indicados pelas Câmaras Municipais, os capitães-mor recebiam dos Capitães-generais a investidura do cargo por tempo ilimitado.

Foram três os capitães-mores de Porto Feliz:

1º Francisco Córrea de Moraes Leite, de 1797 a 1820; \*

2º Antônio José Leite da Silva, de 1820 a 1823;

3º Joaquim Vieira de Moraes, de 1825 até a extinção do posto.

(\* ) O capitão-mor Francisco Córrea de Moraes Leite nasceu em Araritaguaba. Foi senhor de considerável fortuna e proprietário de importante fazenda de cana em terras de Porto Feliz. Gozou de grande prestígio, não só devido a seu cargo e haveres, como também pela retidão do seu caráter e generosidade de seu coração.”

FONTE: [http://www.portofeliz.sp.gov.br/modules/xt\\_conteudo/index.php?id=3](http://www.portofeliz.sp.gov.br/modules/xt_conteudo/index.php?id=3)

### 2.1.9. O Caminho Velho dos Paulistas

Um dos motivos que nos levou a selecionar cartas dos entornos da atual cidade de São Paulo refere-se ao fato de que esta região representava uma área de grande movimentação dos paulistas a partir da segunda metade do século XVI. O descobrimento de novas rotas para as Minas fez com que surgissem novos caminhos. Incluímos o texto abaixo de Francisco Sodero Toledo, por julgarmos que se trata de informação relevante para a identificação da região de origem das cartas aqui transcritas.

*“O Caminho Velho dos Paulistas ou Estrada Geral foi o primeiro caminho utilizado pelos paulistas para penetrar e conquistar a região do Vale do Paraíba. Durante o período colonial transformou-se na mais importante via de povoamento e de colonização da região, em território paulista. Ele partia de São Paulo, passava pela Penha, Itaquaquecetuba, Mogi das Cruzes, Guararema, atingindo o Vale do Paraíba em Jacareí. Se estendia até Taubaté onde acompanhava o trajeto do Caminho Velho de Parati, até atingir a garganta do Embaú.*

*Sua origem está ligada à fundação da Vila de São Paulo, no planalto de Piratininga, em 1554. A partir de então tiveram início as penetrações para várias partes do interior da colônia. Uma das direções tomadas foi a do Vale do Paraíba, onde o rio se apresentava como "uma via de penetração natural," diminuindo os perigos, facilitando as jornadas dos desbravadores.*

*Por ele teve início a ocupação da região pela Coroa Portuguesa. Em 1628 foram doadas as primeiras sesmarias. Em 1645 funda-se a Vila de São Francisco das Chagas de Taubaté, que passou ser o "centro irradiador de povoamento". Em 1651 fundou-se a Vila de Santo Antônio de Guaratinguetá, em 1653 a Vila de Jacareí e depois outras vilas, beneficiadas pela proximidade do Caminho Geral.*

*No final do século XVII ficou conhecido também pelo nome de "Caminho Geral do Sertão". Por ele entravam os bandeirantes cortando os vastos desertos que medeiam as Vilas de São Paulo, Taubaté e Guaratinguetá em busca dos sertões. A sua utilização levou a descobertas das primeiras minas de ouro na região de Cataguas. No roteiro das minas de ouro que descobriu o padre João de Faria Fialho, vigário de São Francisco das Chagas de Taubaté, e seus parentes, em 1693, descreve que "descendo de Taubaté para a Villa de Guaratinguetá, tomando a Estrada Real do Sertão 10 dias de jornada com cargas para a parte do norte sobre o monte de Amantiqueira." (in Pasin, 2004, 52)*

*A descoberta do ouro impulsionou o povoamento da região de tal forma que os moradores de Taubaté consideraram-se competidores dos de São Paulo. Orientada, em grande parte, em direção ao interior e à região de Minas Gerais, facilitada pela presença do rio e de vários outras trilhas, todo este espaço tende a se constituir em uma unidade a parte, com fisionomia própria.*



*Uma das mais antigas descrições do Caminho Velho dos Paulistas nos é dada por Antonil, superior dos jesuítas, que por aqui passou no início do século XVIII. No seu famoso livro,*

*Cultura e Opulência do Brasil, escrito entre os anos de 1708 a 1710, publicado em 1711, fornece preciosíssimas informações sobre este período da História do Brasil. Nele Antonil registra a técnica de viajar elaborada pelos paulistas desde o século XVII, com o aproveitamento da experiência indígena, admiravelmente adaptada às condições do meio natural. A experiência indígena aparecia em vários momentos como a fila indiana, o modo de aprisionamento de víveres, a sinalização, e na própria diretriz das rotas de penetrações utilizadas, desde o início, pelos paulistas. O resultado é que o modo de vencer as distâncias e penetrar os sertões resultou na expressão: "marcha à paulista", consagrada naquela época. Ela tinha como unidade de distância os dias de viagem, identificando-se pelo tempo que diariamente se consagrava à caminhada: até o meio dia apenas, no máximo até as 13 ou 14 horas da tarde, para poder se arranchar, para descansar e buscar alguma caça ou peixe e outros mantimentos.*

*A viagem da cidade de São Paulo para às gerais durava dois meses, dos quais se gastavam em torno de 15 dias para percorrer o caminho de Jacareí até a garganta do Embaú. Assim escreveu Antonil:*

*" Roteiro do caminho da vila de S. Paulo para as Minas Gerais, e para o Rio das Velhas*

*Gastam comumente os paulistas desde a vila de S. Paulo até as Minas Gerais dos Cataguás pelo menos. Dois meses; porque não marcham de sol a sol, mas até o meio dia; e quando muito até uma, ou duas horas da tarde: assim para se arrancharem, como para terem tempo de descansar, e de buscar alguma caça, ou peixe, aonde o há, mel de pau, e outro qualquer mantimento. E desta sorte aturam com tão grande trabalho.*

*O roteiro do caminho desde a vila de S. Paulo, até a Serra de Itatiaia, aonde se divide em dois; um para as minas do Caeté, ou ribeirão de Nossa Senhora do Carmo, e do Ouro Preto; e outro para as minas do Rio das Velhas; é o seguinte, em que apontam os pousos, e paragens do dito caminho, com as distâncias que tem, e os dias que pouco mais ou menos se gastam de uma estalagem para outra, em que os ministros pousam, se é necessário descansam, e se refazem do que hão mister, e hoje se acha em tais paragens.*

*No primeiro dia saindo da vila de S. Paulo vão ordinariamente pousar em Nossa Senhora da Penha, por ser (como eles dizem) o primeiro arranco de casa: e não são mais que duas léguas.*

*Daí vão à aldeia de Tacuaquisetuba, caminho de um dia.*

*Gastam da dita aldeia até a vila de Mogi, dois dias.*

*De Mogi vão as Laranjeiras, caminhando, quatro ou cinco dias até o jantar.*

*Das Laranjeiras até a vila de Jacareí, um dia até as três horas.*

*De Jacareí até a vila de Taubaté, dois dias até ao jantar.*

*De Taubaté a Pindamonhangaba, freguezia de Nossa Senhora da Conceição, dia e meio.*

*De Pindamonhangaba até a vila de Guaratinguetá, cinco ou seis dias até o jantar.*

*De Guaratinguetá até o porto de Guaipacaré, aonde ficam as roças de Bento Rodrigues, dois dias até ao jantar.*

*Destas roças até ao pé da serra afamada de Amantiquira, pelas cinco serras muito altas, que parecem os primeiros morros, que o ouro tem no caminha, para que não cheguem lá os mineiros, gastam-se três dias até ao jantar.*

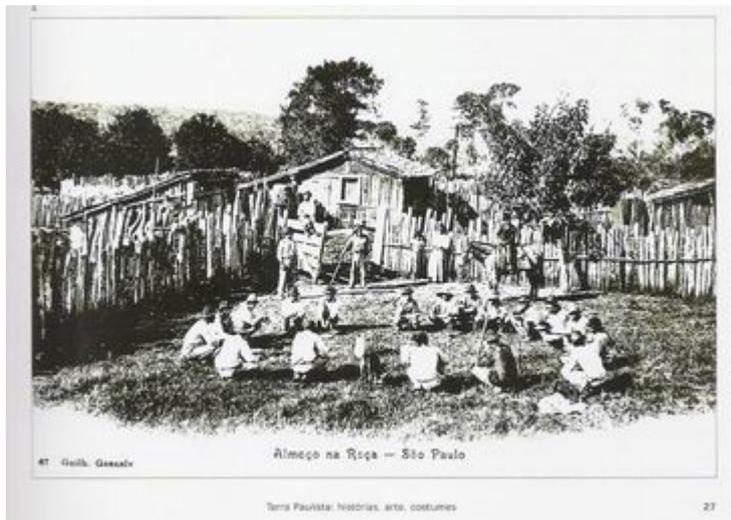
*Daqui começam a passar o ribeiro, que chamam Passa Vinte, porque vinte vezes se passa; e se sobe as serras sobreditas; para passar as quais se descarregam as cavalgadas, pelos grandes riscos dos despenhadeiros, que se encontram: e assim gastam dois dias em passar com grande dificuldade estas serras; e daí se descobrem muitas, e aprazíveis árvores de pinhões, que a seu tempo dão abundância deles para o sustento dos mineiros, como também porcos monteses, araras, e papagaios" (Antonil, 1955, 213-214)"*

**Francisco Sodero Toledo**

Fonte: <http://www.valedoparaiba.com/enciclopedia/verbetes/c/caminhogeral.htm>

### 2.1.10 Uma última palavra sobre a edição *Aldeamentos de Índios*

Ainda permanece o nosso desejo de encontrar documentos que possam ter sido escritos por índios ou seus descendentes e, assim, tentar resgatar os primórdios do que foi o português caipira da *Vila de São Paulo*, que pouco a pouco foi sendo substituído por uma nova variante do português paulista, advinda do contato lingüístico com novas correntes de imigração para o país, tais como as dos italianos, novos portugueses, alemães, japoneses, relegando o sotaque caipira aos entornos da atual cidade de São Paulo, como é o caso de alguns bairros como São Miguel Paulista e Guarulhos, redutos de alguns dos primeiros aldeamentos da cidade, onde ainda hoje se pode “ouvir” um falar caipira que não é originário senão do próprio local.



(Setubal, 2004:27)

***São Paulo / Tübingen, janeiro de 2006***

### 3. Genealogia dos remetentes

Em relação a este conjunto de documentos procurou-se identificar a nacionalidade dos missivistas, mas o sucesso aí não foi tão grande em relação a grande parte dos autores, pois tratam-se em sua maioria de religiosos que ao entrarem para as respectivas ordens, adotaram outros nomes, como é de costume. As identidades faltantes talvez pudessem ser pesquisadas nas ordens religiosas (capuchinos, carmelitas, franciscanos e beneditinos) a que perteceram os autores das cartas. No entanto, na altura da edição desta cartas, não pudemos fazê-lo. Abaixo segue um levantamento prévio feito a partir de buscas na *internet*. Utilizamos primordialmente a *Genealogia Paulistana* de Luiz Gonzaga da Silva Leme, editada em 9 volumes, integralmente disponibilizados na *internet* pela pesquisadora Lia Camargo.

GENEALOGIA DOS REMETENTES DAS CARTAS DA CAPITANIA DE SÃO PAULO – ALDEAMENTO DE ÍNDIOS <sup>1</sup> –	
1.	<b>Joseph de Frias e Vasconcellos</b> , naturalidade não encontrada
2.	<b>Rafael Machado</b> , naturalidade não encontrada
3.	<b>Fr. Sebastião dos Anjos</b> , brasileiro natural de Santos  a) “2-2 Maria Bueno, f. <sup>a</sup> do § 8.º, casou-se com Manoel Lobo Franco, natural de Portugal, primo de Lourenço e João Franco Viegas, f.º do licetnciado Francisco Franco e Catharina Nunes. Foi morador em Santos, onde teve o governo da terra. Teve: 3-1 Frei Francisco Lobo, franciscano 3-2 <b>Frei Sebastião dos Anjos</b> , franciscano “ [GP, <a href="http://www.geocities.com/lscamargo/gp/Buenos_1.htm">http://www.geocities.com/lscamargo/gp/Buenos_1.htm</a> ] b) e a seguinte entrada “1-1 João Thomé Adorno de Sampaio, foi natural de Santos, casou-se primeiro com Maria da Silva (1) e segunda vez com Theresa de Oliveira, f. <sup>a</sup> de Antonio Furtado e de Domingas de Oliveira.  <i>(1) O assento do casamento do neto Manoel Adorno da Silva em 1760 em Mogi das Cruzes diz ser neto paterno de João Thomé Adorno e de Anna Tavares Pinto (e não Maria da Silva).</i> Foi homem de prestígio, que ocupou os cargos do governo, e abastado em cabedais, sendo senhor do sítio das Canaveiras na praia da Bertioga com grande escravatura e terras, e foi proprietário de casas de sobrado. Teve Da 1. <sup>a</sup> mulher 4 f.ºs: 2-1 Diogo Adorno de Sampaio (1) que casou em Mogi das Cruzes com Anna Antunes de Abreu (...) 2-2 Helena da Silva, f. <sup>a</sup> do § 1.º, faleceu sem descendência.  <i>(1) Diz Taques que Diogo Adorno n.º 2-1 foi casado com Ignez Monteiro de Alvarenga em Mogi das Cruzes, f.<sup>a</sup> de Antonio Monteiro de Alvarenga e de Violante de Siqueira; seria este o seu primeiro casamento, e teve o f.º:(...)</i> 2-3 <b>Frei Sebastião dos Anjos</b> , religioso do Carmo. “ [GP, <a href="http://www.geocities.com/lscamargo/gp/Gayas.htm">http://www.geocities.com/lscamargo/gp/Gayas.htm</a> ] c) Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica de Pedro Taques de Almeida Paes Leme, Vol. I, p. 103, (4-2)
4.	<b>Fr. Constantino de Santa Maria</b> , naturalidade não encontrada
5.	<b>Francisco Lins do Rego</b> , brasileiro, natural de São Paulo
6.	<b>Fr. Angelo da Encarnação</b> , naturalidade não encontrada

<sup>1</sup> A maior parte das informações foi encontrada na versão eletrônica da *Genealogia Paulistana* [GP] de Silva Leme disponibilizada por Lia Camargo. Como complemento, utilizamos também as informações constantes da página eletrônica do *Projeto Compartilhar* coordenado por Bartyra Sette e Regina Moraes Junqueira o qual contém informações que complementam GP de Silva Leme através da edição dos inventários depositados no AHESP. Sempre que possível, indicamos a fonte eletrônica da informação em cada uma das letras. Também foi utilizada a versão impressa da *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica* de Pedro Taques de Almeida Paes Leme. Os grifos constantes das citações são nossos.

<p style="text-align: center;"><b>Genealogia de Francisco Pinto do Rego:</b></p> <p>a) “3-4 João Pinto Pimentel foi casado com Anna da Silva de Moraes e teve q. d.:  4-1 <b>Francisco Pinto do Rego.</b>  4-1 <b>Francisco Pinto do Rego</b> que foi casado com Anna Pires de Moraes f.<sup>a</sup> do Pedro de Moraes Moniz e de Maria Mendes Paes, Tit. Rodrigues Lopes; faleceu em 1785 e teve 11 f.ºs:”  [GP, <a href="http://www.geocities.com/lscamargo/gp/Pretos_1.htm">http://www.geocities.com/lscamargo/gp/Pretos_1.htm</a>]</p> <p>b) ou ainda “3-1 Ana Pinto da Silva. Casada com o Capitão de Infantaria André Cursino de Matos, natural de Cascais. Filho de José Monteiro de Mattos, Cavaleiro Fidalgo da Casa Real, Mestre de Campo, Governador da Praça de Santos em 1703. Tiveram :  1 - <b>Francisco Pinto do Rego</b>, Coronel. Casado com Escolástica Jacinta Ribeiro de Góes, filha do Sargento-Mor José de Góes e Moraes.  2 - Diogo Pinto do Rego. Mestre de Campo.  3 - Maria Pinto da Silva.  4 - Maria Monteiro de Mattos  5 - Domingos Pinto do Rego c.c. Maria Ferreira do Vale . Aqui entram os dados da Genealogia Paranaense de Francisco Negrão.” [informação retira de correspondência eletrônica entre genealogistas;  <a href="http://archiver.rootsweb.com/th/read/BRAZIL/2000-06/0961634928">http://archiver.rootsweb.com/th/read/BRAZIL/2000-06/0961634928</a>]</p> <p>c) Pouco provável que seja o Francisco Pinto do Rego dessa entrada, por conta da data do casamento “3-2 <i>Anna Maria Leite, casada em 1797 nessa vila com <b>Francisco Pinto do Rego</b>, f.º de Thomaz Pinto do Rego e de Catharina Maria.</i>” [GP, V. 8.º pág. 271, <a href="http://www.geocities.com/lscamargo/gp/PAvila.htm">http://www.geocities.com/lscamargo/gp/PAvila.htm</a>]</p>
<p>7. <b>Sebastião de Siqueira Caldeira</b>, brasileiro</p> <p>a) 2-6 Sebastião de Siqueira Caldeira casou em 1676 em Mogi das Cruzes com Izabel da Silva Pinto, f.<sup>a</sup> de Manoel Delgado da Silva e de Ursula da Cunha Pinto. Com geração no V. 2.º pág. 375.  [GP, <a href="http://www.geocities.com/lscamargo/gp/Siqueiras_2.htm">http://www.geocities.com/lscamargo/gp/Siqueiras_2.htm</a>]</p>
<p>8. <b>João de Mello do Rego</b>, capitão mor da vila de Itu, talvez português, pois registra-se apenas a sua descendência na GP de Silva Leme:</p> <p>a) 1-10 Bernarda de Arruda, falecida em 1767 em Itu com 91 anos, casou-se em 1704 nesse lugar com o capitão <b>João de Mello Rego</b>, falecido em 1771 em Itu com 94 anos, irmão direto de Pedro de Mello e Sousa, que casou-se com Maria de Arruda de Siqueira [GP, <a href="http://www.geocities.com/lscamargo/gp/ABotelhos_4.htm">http://www.geocities.com/lscamargo/gp/ABotelhos_4.htm</a> ]</p> <p>b) João de Mello Rego supra exerceu em Itu os honrosos cargos da república e foi coronel do regimento de auxiliares dessa vila, provedor dos reais quintos e comissário dos direitos da fazenda real a que estavam sujeitas as bestas saídas das campanhas do Rio Grande do Sul. Teve os 7 f.ºs [GP, idem].</p> <p>c) Há inventário não publicado pelo DAESP de João de Mello Rego, 1779 – Itu.</p>
<p>9. <b>Fr. Thomas de Sto. Antonio</b>, naturalidade não encontrada</p>
<p>10. <b>Antonio Pereira da Silva</b>, talvez português</p> <p>a) (O autor talvez seja português, uma vez que o documento parece ser de Jacaréi, local de origem da esposa do homônimo ou do próprio como consta na Genealogia Paulistana de Luiz Gonzaga da Silva Leme (vol. VIII, p. 285) encontra-se a seguinte entrada: “Domingos Dias da Silva foi casado com Mecia Rodrigues f.<sup>a</sup> de Antonio Pereira da Silva, natural de Braga, e de Maria Rodrigues, de Jacaréi. Teve q. d.:”  em <a href="http://www.geocities.com/lscamargo/gp/Pretos_1.htm">http://www.geocities.com/lscamargo/gp/Pretos_1.htm</a> )  ou ainda, quem sabe, é português por ser encontrado em outro vol da Genealogia Paulistana “3-8 Joanna de Almeida, casada em 1723 em Itu com Antonio Pereira da Silva, f.º do alferes Manoel José</p>
<p>11. <b>Fr. Callisto de Santa Helena</b>, naturalidade não encontrada</p>
<p>12. <b>Fr. José da Vizitação</b>, naturalidade não encontrada</p>
<p>13. <b>Maria de Lara Leite</b>, brasileira, natural de São Paulo</p>

- a) *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica* de Pedro Taques de Almeida Paes Leme: Tomo I, p. 192. “3-1. D. Maria de Lara foi uma das matronas do maior respeito, que veneraram a patria: teve claro juízo, excelente advertência e affavel genio. Tolerou os contratempos da adversa fortuna nos ultimos annos da sua avançada idade com virtuosa resignação e soffrimento; porque, tendo sido a sua casa uma das maiores na abundância dos cabedaes de muito ouro, de muita prata, de muita escravatura, a falta dos bens em prazos, como na Europa, lhe roubou a grandeza em que se viu tão opulenta; porque o mesmo tempo lhe foi consumindo os cabedaes na opulencia do tratamento. Foi casada com *João Raposo da Fonseca Leme*, irmão inteiro de Domingos Rodrigues da Fonseca Leme, que na ausencia de Rodrigo Cesar de Menezes, governador e general de S. Paulo, para o Cuyabá em 1727, ficou governador interino da mesma capitania de S. Paulo: *Em titulo de Raposos Tavares* § 4.º João Raposo da Fonseca falleceu em 1703. (Cartório de orphãos de Parnahyba, inventario n.421.)” ou
- b) 3-8 Mestre de campo José de Góes e Siqueira, falecido em 1784, f.º de Maximiano de Góes n.º 2-2, casou em 1753 em S. Paulo com sua prima Maria de Lara Leite, f.ª do capitão-mor José de Góes e Moraes e de Anna de Ribeira Leite. No Cap. 3.º § 3.º deste Tit. Teve (C. O. de Itu) f.º único: em GP: [http://www.geocities.com/lscamargo/gp/Taques\\_1.htm](http://www.geocities.com/lscamargo/gp/Taques_1.htm)
- c) Maria de Lara, nascida por 1672 aos 13-5-1691 era casada com João Raposo da Fonseca <http://geocities.yahoo.com.br/projetocompartilhar2/antoniodealmeidalara1680.htm>

#### 14. Vicente Pedrozo de Camargo, brasileiro

- a) “5-1 Alferes *Vicente Pedroso de Camargo* casado em 1775 em Santo Amaro com Rita de Moraes Camargo, viúva de Antonio de Oliveira Lima, f.ª de Fernando de Figueiró e de Izabel de Moraes. Com geração em Moraes Cap 2.º § 5.º, 2-1, 3-3, 4-4, 5-1” [GP, [http://www.geocities.com/lscamargo/gp/Camrg\\_1.htm](http://www.geocities.com/lscamargo/gp/Camrg_1.htm)]
- b) “6-5 Rita de Moraes de Camargo foi 1.º casada com Antonio de Oliveira Lima, falecido em 1775, natural de Itu, f.º de Manoel Ribeiro de Lima, do mesmo lugar, e de Joanna do Prado, de Parnaíba; 2.ª vez casou em 1775 em Santo Amaro com o alferes *Vicente Pedroso de Camargo* f.º de Francisco Pedroso da Costa e de Ignacia Maria de Camargo. V. 1.º pág. 203.” [GP, [http://www.geocities.com/lscamargo/gp/Moraes\\_2.htm](http://www.geocities.com/lscamargo/gp/Moraes_2.htm)]

#### 15. Francisco da Cunha Lobo, brasileiro

- a) “5-3 Francisco da Cunha Lobo, casado em 1756 na Conceição dos Guarulhos com Maria Bueno de Moraes, f.ª do capitão Rodrigo de Moraes Fajardo e de Rosa Bueno da Silveira. Neste Tit. adiante.” [GP, [http://www.geocities.com/lscamargo/gp/CGagos\\_3.htm](http://www.geocities.com/lscamargo/gp/CGagos_3.htm)]
- b) Há um inventário não publicado do DAESP em nome de Francisco da Cunha Lobo, 1789 - São Paulo - 1º ofício. <http://geocities.yahoo.com.br/projetocompartilhar/inventariosSPineditosindice.htm>
- c) Observe-se o comentário de Petrone (1995:194) a respeito do conteúdo desta carta.

#### 16. Cel. José Joaquim Mariano da Silva Cezar, talvez brasileiro

- a) “6-3 Coronel José Joaquim Mariano da Silva Cesar casou-se em 1776 em S. Paulo com Maria Francisca da Anunciação, f.ª do tenente Francisco Rodrigues da Silva, que ocupou honrosos cargos em S. Paulo, e de Maria Clara da Anunciação. V. 3.º pág. 316. Teve (por informações) 5 f.ºs” [GP, [http://www.geocities.com/lscamargo/gp/Garcias\\_1.htm](http://www.geocities.com/lscamargo/gp/Garcias_1.htm)]
- b) E descendência em [http://www.geocities.com/lscamargo/gp/Macieis\\_1.htm](http://www.geocities.com/lscamargo/gp/Macieis_1.htm)

#### 17. Pe. Francisco das Chagas Lima, brasileiro

- a) “198- Sargento-Mor Miguel Gonçalves de Lima. Nascido na Freguesia de Labruja (orago: São Cristóvão), Concelho de Ponte de Lima, Distrito de Viana do Castelo, Portugal. Foi homem abastado e de grande valor, tendo pertencido à governança de Curitiba (PR). Colocou na carreira eclesiástica três de seus filhos. Residiu em Ambrosios, São José dos Pinhais (PR), onde possuiu terras de criação. C. em 26-SET-1740 em Curitiba c. Maria Paes dos Santos, com quem teve os seguintes filhos: Cônego Manoel da Cruz Lima, Padre João Gonçalves de Lima (vulto de notável valor na política nacional, tomou sua responsabilidade a criação do Padre Diogo Antônio Feijó, futuro Regente do Império do Brasil, filho natural de Félix Antônio Feijó e de Maria Gertrudes de Camargo, que o haviam enjeitado), **Padre Francisco das Chagas Lima**, José dos Santos Lima, Ana Maria dos Santos, Gertrudes Maria Gonçalves dos Santos, Maria Francisca de Lima, Joana Maria de Jesus e Antônia de Pádua. Fal. em 27-ABR-1766.” retirado de <http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.phtml?cod=3316&cat=Ensaio&vinda=S>
- b) - Primeiro capelão de Aparecida, Padre Francisco das Chagas Lima, nomeado em 1780. retirado de <http://www.cidadeaparecida.com.br/aparecida/municipio/historias/aconteceu.htm>
- c) “A cidade [de Queluz] originou-se de uma aldeia de índios Puris, no ano de 1800. Cresceu em torno de uma

capela construída pelos índios e escravos sob o comando do Padre Francisco das Chagas Lima, que foi enviado para catequizar os índios Puris, onde hoje se ergue a Igreja Matriz. Passou à cidade em 1876 e seu padroeiro é São João Batista.” retirado de

<http://www.ecoturecia.com.br/site%20ecoturecia/regioes/queluz.htm>

- d) *Aos doze dias do mes de Março do anno de mil setecentos e oitenta e tres nesta Igreja Matris de Nossa Senhora da Lus da Villa de Coritiba. Baptizou e pos os santos oleos o Reverendo coadjutor **Francisco das Chagas Lima** a Bartolomeu innocente filho de **Escolastica Maria Solteira e de pay incognito**. Forão padrinhos Manoel solteiro filho de Pedro de Lima e Luzia Barbosa mulher de Antonio Dias, todos moradores desta mesma villa. E para constar fis este assento no mesmo dia chera uz supra.*  
[http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/hist13\\_2.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/hist13_2.pdf)

**18. Pe. Joaquim Mariano da Costa Amaral Gurgel**, talvez brasileiro

- a) Em um livro a folha 378v. acha-se o seguinte:  
Aos vinte e quatro de Fevereiro de mil oitocentos e sete foi sepulto dentro desta Matriz o Capitão José Alves Preto casado com Joaquina Narcisa de Bitancourt, e recebeu na enfermidade todos os sacramentos e foi acompanhado com o acompanhamento solene e sua alma encomendada.  
O Coadjutor Manoel Antonio de Castro.  
Por ser verdadeiro o assento extraido juro aos Santos Evangelhos.  
São João del Rei, 05 de Março de 1807.  
O Vigário Joaquim Mariano da Costa Amaral Gurgel.  
[<http://geocities.yahoo.com.br/projetocompartilhar3/josealvespreto1807.htm>]
- b) Consta um inventário de Joaquim Mariano da Costa do Amaral GURGEL, pe.-1839, com testamenteiro de nome PINTO, João Batista, junto ao Museu Regional de São João del Rei, MG  
[<http://geocities.yahoo.com.br/projetocompartilhar4/sjdrindtestinf.htm>]

**19. Ten. Cel. José Arouche de Toledo Rendon**, brasileiro, natural de São Paulo

- a) “O pai do heróico Ten Cel Diogo foi o ilustre paulista paulistano Tenente General José Arouche de Toledo Rendon, comandante das Armas de São Paulo, que formara-se em Direito em Coimbra e foi o organizador primeiro reitor da famosa Escola de Direito de São Paulo.”  
[<http://www.resenet.com.br/ahimtb/guarara42.htm>]
- b) “Nasceu na cidade de São Paulo, aos 14 de março de 1756, filho do mestre-de-campo Agostinho Delgado Arouche e de D. Maria Thereza de Araújo Lara. Fez o curso de direito civil em Coimbra, onde recebeu o grau de doutor em leis em 14 de julho de 1779. De volta ao Brasil, após ter-se dedicado à advocacia em São Paulo, exerceu os cargos de juiz de medições, de juiz ordinário, de juiz de órfãos e de procurador da Coroa. E os exerceu com proficiência e honradez.” [ [http://www.usp.br/fd/Diretores/Dir\\_01.htm](http://www.usp.br/fd/Diretores/Dir_01.htm) ]
- c) “3-10 Doutor José Arouche de Toledo Rendon, formado em direito pela universidade de Coimbra † em 1834, foi deputado por S. Paulo à constituinte em 1823 e na legislatura de 1826 a 1829. Nascido em 1756, casou em 1791 em S. Paulo com Maria Theresa Rodrigues de Moraes, viúva do ajudante Victorino Pinto Guedes, f.ª do cirurgião Jeronimo Rodrigues e de Maria Potencia Leite de Moraes. Tit. Moraes. Sem geração.”  
[GP, <http://www.geocities.com/lscamargo/gp/Chassins.htm>]

**20. Ignácio Albuquerque de Toledo**, naturalidade não encontrada

**21. Jozé Joaquim do Nascimento**, naturalidade não encontrada

#### 4. Índice das cartas

**Índice da Edição Diplomático-Interpretativa das  
CARTAS DA CAPITANIA DE SÃO PAULO DO SÉC. XVIII E DO SÉC. XIX**  
C00228 - **ALDEAMENTO DE ÍNDIOS** - 1721-1810  
(Arquivo Histórico do Estado de São Paulo)  
Edição: José S. Simões e Verena Kewitz (2005)

N.º da CARTA e ORIGEM	AUTOR	DATA	MAÇO/ PASTA/ DOC	IMAGEM DE/CD	EMENTA
1. Aldeia da Conceição (Guarulhos)	Joseph de Frias e Vasconcellos	26.02.1722	2-1-4	85-86	CARTA com lista de índios da aldeia de Conceição dos Guarulhos [não transcrita aqui], informando sobre os índios que se encontram em outras aldeias.
2. São Paulo	Rafael Machado	12.03.1722	2-1-9	89-90	CARTA com listas de índios de diversas aldeias [não transcritas aqui], informando sobre o status dessas aldeias como sendo administradas ou não pelos jesuítas. Fala ainda de como os religiosos do Colégio da Companhia de Jesus as administram, como organizam a plantação, a colheita e a venda de gêneros. Informa ainda sobre o grande número de índios fugidos.
3. Barueri	Fr. Sebastião dos Anjos	06.03.1722	2-1-5	87	CARTA com lista de índios da aldeia de Barueri [não transcrita aqui]. Informa como o religioso que há quatro meses está no local tem dificuldade em manter os índios na aldeia, tendo alguns ido para as minas. Pede que se proíba aos vigários de casarem as índias com escravos, o que faz com que se afastem das mesmas aldeias.
4. Barueri	Fr. Sebastião dos Anjos	12.04.1722	2-1-11	92	CARTA sobre lista de índios da aldeia de Barueri [não transcrita aqui]. O religioso relata a dificuldade de fazer as mesmas listas por desconhecimento do parentesco e da dispersão dos índios. Cita o episódio em quem mandou chamar uma índia de Embú que tinha uma grande família e que poderia dar-lhe maiores informações sobre os índios, e que esta não pode atender ao seu pedido, pois tinha sido ameaçada de castigos pelo religioso daquela aldeia se acaso saísse dali para ter com ele.
5. Barueri	Fr. Sebastião dos Anjos	30.06.1722	2-1-11a	93	CARTA informando sobre o desejo do religioso de manter os índios nas aldeias. A exemplo disso, relata o episódio do índio portador desta carta que viera àquela aldeia de Barueri para informar-se sobre sua descendência e de como conseguiu fazê-lo, tendo o religioso reunido os índios mais antigos da aldeia. Estes lhe contaram sobre um homem que levava uma índia dali para dar leite a uma criança em outro local. A mesma casara-se com um escravo e tivera filhos dele, mas nunca mais voltou à aldeia até sua morte. Seus descendentes permaneceram escravos de Anna Maria de Camargo.
6. Barueri	Fr. Sebastião dos Anjos	27.04.1723	2-2-10	69	CARTA denunciando o episódio de uma índia casada, cujo marido estava trabalhando em Cuiabá, a qual vivia em pecado com outro índio também casado. Os dois fugiram para Jacaré levando consigo um outro rapaz. O religioso pede que se repasse esta carta pelos cabos ou oficiais de justiça a fim de encontrar a índia fugitiva.
7. Aldeia de São João (Peruíbe)	Fr. Constantino de Santa Maria	10.03.1722	2-1-6	88	CARTA com lista de índios da aldeia de S. João (Peruíbe) [não transcrita aqui], relatando o número reduzido de homens que há na aldeia por conta de terem sido levados para as minas e que por esse motivo, por exemplo, não há quem lhe vá pescar um peixe. Fala ainda do estado de pobreza em que se encontram as mulheres da aldeia. O religioso pede que sejam devolvidos à aldeia os homens

					que dali foram tirados, tanto para as minas como para Santos. Explica que manda alguns índios como lhe fora pedido.
8. Aldeia de São João (Peruíbe)	Fr. Constantino de Santa Maria	08.04.1722	2-1-10	91	CARTA acusando o recebimento das cartas que lhe foram enviadas através dos índios que foram à presença do general. O religioso acata a ordem de enviar os índios para a aldeia de Manoel Gonçalves de Aguiar quando este retorne de viagem. O frei relata o estado miserável das mulheres da aldeia por conta da ausência de seus maridos. Informa sobre o envio de dez índios como lhe fora pedido, denunciando que lhe ficam apenas quatro velhos na aldeia. Culpa os seus antecessores por não terem mandado listas completas e fala da sua preocupação em manter os índios na doutrina da fé e que só os manda ao convento para conduzirem as esmolas.
9. Aldeia de São João (Peruíbe)	Fr. Constantino de Santa Maria	22.01.1723	2-1-17	94-95	CARTA acusando o conhecimento que teve dos despachos trazidos por João Lenta onde se ordena que a ele seja entregue uma rapariga. O religioso relata a situação confusa em que se encontra, pois afirma ter recebido uma carta do mesmo onde se diz que conservasse a índia na aldeia. Pede que o oriente a respeito do caso, por estarem fora da aldeia tanto o marido da mãe da índia como o tio, que é o capitão-mór da aldeia e que já levou algumas facadas do João por conta do mesmo assunto. O religioso lamenta a retirada da moça do seio de sua família e da aldeia onde recebe a doutrina cristã.
10. Aldeia de São João (Peruíbe)	Fr. Constantino de Santa Maria	21.09.1723	2-1-18	96	CARTA relatando sobre a dedicação do religioso em atender às necessidade espirituais e corporais dos índios da aldeia de São João há 26 meses. Lamenta que até agora não recebeu a ordinária de 25.000 réis para a igreja, cera, vinho, hóstia e para alguma coisa necessária aos missionários. Pede que lhe paguem a quantia de 50.000 réis das duas ordinárias devidas como se tem pago no Rio de Janeiro. Enfatiza o pedido, pois está penando e “os pobres índios fazem o que podem”.
11. Laranjeiras (Guararema)	Francisco Lins do Rego e Fr. Angelo da Encarnação	30.06.1726	2-2-15	70-71	CARTA informando que soube através do sargento-mór da aldeia de Escada que o administrador fizera fugir três índios que julgava muito violentos para irem com ele para as minas. O mesmo também teria deixado um homem de Guaratinguetá levar uma índia. Pede que seja feita uma diligência e diz também saber a respeito da ida do destinatário da carta a Cuiabá. Discorre a respeito do desejo de D. Maria que deseja ver sua sesmaria confirmada.
12. Laranjeiras (Guararema)	Sebastião de Siqueira Caldeira	12.12.1732	2-3-8	63-64	CARTA do coronel Sebastião relatando seu empenho em restaurar à sua custa a igreja da aldeia de Escada, a qual encontrava-se para cair ao chão. Relata o episódio da visita do padre visitador que não achara nela os ornamentos necessários e a quisera fechar e derrubar. O coronel teria pedido que lhe deixasse restaurar a igreja e o padre visitador fez publicar um edital para que a mesma fosse restaurada no prazo de um ano. Fala da dificuldade de juntar os ornamentos e de como foi preciso emprestar alguns de Mogi. Conta que são limitadas as esmolas que os moradores podem dar. Informa sobre a carta do Gen. Antonio da Silva Caldeira que recebeu e diz enviar anexa [não transcrita aqui]. Solicita uma determinação para a compra dos ornamentos da igreja. Pede ainda que se encontre um religioso carmelita que possa administrar a doutrina cristã, pois os índios da aldeia vivem e morrem sem confissão e sacramentos.
13. Itu	Joam de Mello do Rego	02.03.1733	2-3-15	65-67	CARTA informando sobre a lista de homens da comitiva de guerra para Cuiabá [não transcrita aqui]. João de Mello do Rego relata da dificuldade de encontrar quem se aliste para a comitiva, pois é grande a pobreza das pessoas da vila e poucos recursos têm para conduzir-se. Diz ter conhecimento das canoas disponibilizadas pelo Rei para conduzir os homens, mas que são poucas e pede que se determine aos moradores das várias vilas acima da serra para que

					produzam suas canoas. O autor relata ainda o fato de o alferes Manoel não ter recebido pelo seu trabalho por falta de dinheiro e que agora voltou à vila por estar muito doente, pedindo amparo. Pede que este seja pago. Fala da petição de Francisco Azevedo Curduvil para reocupar o cargo de escrivão.
14. Ararita-guaba (Porto Feliz)	Joam de Mello do Rego	30.07.1733	2-3-31	VERIFICAR	CARTA relatando a dificuldade do autor em resgatar o garoto que tinha sido enviado por engano a Cuiabá, filho do destinatário. Conta como conseguiu que o tirassem da canoa aonde iria embarcar. Informa que o garoto encontra-se na casa do capitão-mór Manoel de Sampaio e sugere que o menino deva ser criado com a doutrina, pois não tem mãe e carece de tratos. Pede ainda que venha logo buscá-lo.
15. Aldeinha de Nossa Senhora de Escada (Guararema)	Fr. Thomas de Sto. Antonio	23.04.1735	2-6-18	74-75	CARTA denunciando o escândalo envolvendo os filhos do tenente coronel Sebastião Siqueira [Carta 16]. Um deles está amancebado com duas irmãs, uma solteira e outra casada, das quais tem tido filhos. O marido de Monica ausentou-se da aldeia por conta do desaforo de sua mulher e por medo das ameaças do filho do tenente. Relata que por ter pedido à irmã solteira que se casasse para sair do pecado, o filho do tenente o ameaça também. O outro irmão também se amancebou com uma bastarda e como o religioso foi declarar tudo isto ao pai dos dois, estes induzem aos outros índios que lhe façam descortesias, o que poderá levá-lo a sair da aldeia.
16. Aldeinha de Nossa Senhora de Escada (Guararema)	Fr. Thomas de Sto. Antonio	24.08.1735	2-6-28	76-77	CARTA denunciando o pouco caso que se fez em relação ao índio João que se amancebara com duas irmãs [carta 15]. O religioso relata um episódio recente em que ele, depois de pedir ao índio que lhe buscasse um pouco de milho, foi desobedecido, ao que respondeu o religioso com duas bengaladas. O índio avançou sobre o frade e se não fosse três homens a acudi-lo certamente teria ocorrido uma desgraça. Pede ao coronel que tome providências em relação ao fato.
17. Aldeinha de Nossa Senhora de Escada (Guararema)	Fr. Thomas de Sto. Antonio	21.07.1735	2-6-29	78-80	CARTA informando sobre o recebimento da portaria que se escreveu sobre o ocorrido na aldeia de Escada [cartas 15, 16 e 18]. O religioso lamenta a má interpretação que foi feita do episódio envolvendo os filhos do tenente coronel e apresenta suas explicações com base em testemunhas que viram o acontecimento. Explica ainda as circunstâncias em que um outro índio, chamado Salvador, fora castigado a seu pedido.
18. Aldeinha de Nossa Senhora de Escada (Guararema)	Antonio Pereira da Silva	03.07.1735	2-6-29	81-82	PETIÇÃO de Frei Thomas de Santo Antonio para que os oficiais da câmara do senado passem uma certidão jurada sobre o episódio ocorrido na aldeia de Escada envolvendo dois índios, filhos do tenente coronel [cartas 15, 16 e 17].  <i>Anexo:</i> uma CERTIDÃO emitida pelos oficiais da câmara do senado relatando sobre o trabalho religioso feito pelo Frei Thomas de Santo Antonio e seu companheiro e de como vêm sendo ameaçados pelos filhos do tenente coronel daquela aldeia.
19. Aldeinha de Nossa Senhora de Escada (Guararema)	Fr. Callisto de Santa Helena	12.04.1736	2-7-4	59-60	REPRESENTAÇÃO de Frei Callisto de Santa Elena queixando-se dos filhos do tenente coronel Sebastião de Siqueira e dos demais índios da aldeia que por eles são influenciados a não cozinharem para ele, dar-lhe água ou lenha. Informa sobre sua intenção de fechar a igreja e ir-se embora dali. Relata sua versão para o episódio envolvendo o Frei Thomas de Santa Maria quando este deu duas pancadas no índio João com sua bengala e de como este foi buscar uma faca para ameaçar o padre.
20. Aldeia [?]	Fr. José da Visitação	22.[...].[18..]	2-7-14	57-58	CARTA denunciando o fato de que os índios não querem mais fazer a sua obrigação de trabalharem na roça de milho, feijão e arroz, buscar água e lenha e dispor uma cozinheira e um rapaz para ajudar durante a missa. Relata que os superiores não cobram nada dos índios e que por este motivo os religiosos não podem subsistir naquela aldeia. Pede que o padre mestre o represente ou lhe dê

					meios de subsistência ou licença para retirar-se da aldeia. O religioso transcreve a ordem do Ten. Cel. José Arouche de Toledo Rendon em 5 itens que assim reza: que ele, religioso, fica isento da diretoria dos índios, devendo explicar-lhes pessoalmente esta situação, que os índios podem viver onde quiserem, que ele poderá arrecadar os dízimos somente até o final do ano de 1804 e que deverá entregar os papéis dos arquivos da aldeia. Pede providências a respeito desta situação.
21. V. Boa de Goyas (Goiás Velho)	Maria de Lara Leite	29.01.1740	2-7-16	54-56	CARTA de Maria de Lara Leite relatando o recebimento das peças, as escravas negras, que tinham sido mandadas para sua neta, sua prima e sua sobrinha e de como não pode desfazer-se das escravas como lhe havia ordenado o tenente general com quem não tem correlação alguma.  <i>Anexos:</i> um ATESTADO justificando a veracidade do que é relatado na carta e um ATESTADO reconhecendo as assinaturas do atestado anterior.
22. MBoy (Embu)	Vicente Pedrozo de Camargo	23.10.1783	2-7-27	53	CARTA do diretor da aldeia de Embu denunciando a fuga de vários índios da aldeia e pedindo providências a respeito dessa situação.
23. MBoy (Embu)	Francisco da Cunha Lobo	13.07.1788	2-7-31	52	REPRESENTAÇÃO de Francisco da Cunha Lobo relatando que mantinha um índio em sua casa com base na permissão do Diretório. O mesmo denuncia a fuga desse seu índio e requer a conservação dele em seu poder.  <i>Anexo:</i> um DESPACHO recusando o pedido feito na representação e dizendo que os índios são livres e que por este motivo podem viver onde bem entenderem.
24. São Paulo	Cel. Jozé Joaquim Mariano da Silva Cezar	15.09.1799	2-7-39	49-51	CARTA informando sobre o estado de três aldeias de índios – Carapicuíba, Embu e Itapacerica -. A carta fala sobre as lavouras, o gado e o estado da igreja e das casas de Carapicuíba em função da prática de fogos lavoureiros que as colocam em risco. Sobre Embu e Itapacerica, diz que os diretores atuais fazem o possível para mover os índios a que trabalhem.
25. Aldeia de S. João de Queluz (Queluz)	Pe. Francisco das Chagas Lima	14.12.1800	2-8-7	84	CARTA sobre lista de índios da aldeia de Queluz, referindo-se ao ensinamento e batizado de índios apesar da dificuldade do religioso em falar o idioma dos índios.
26. N. S. da Ajuda (Itaquaquetuba)	Pe. Joaquim Mariano da Costa Amaral Gurgel	09.03.1801	2-7-40	48	CARTA informando sobre Salvador Pereira Pontes, indicado para ser o diretor dos índios da aldeia de Conceição dos Guarulhos. O capelão diz concordar com o requerimento e representação dos índios onde dizem que o capitão-mór João Lima é um índio “tibio frouxo e inepto a governar”. Quanto aos outros dois índios indicados para capitães-mores, ressalta que um é bêbado e o outro deu pancadas no atual capitão-mór, mas que não é dos piores, embora propenso à embriaguez.
27. São Paulo	Ten. Cel. José Arouche de Toledo Rendon	18.04.1801	2-7-40	43	INFORMAÇÃO reconhecendo a indicação de Salvador Pereira Pontes recomendando Salvador Pereira de Pontes para diretor da aldeia de Nossa S. da Ajuda (Itaquaquetuba?) por informação do capitão Matheus da Silva Bueno e do vigário da aldeia [v. carta 26]. Diz que deve ser mantido o atual capitão-mór da aldeia, apesar das restrições apontadas pelo vigário, “pois é muito dificultoso achar um índio sem defeitos capitais.”
28. São Paulo	Ignácio Albuquerque de Toledo	17.03.1804	2-7-42	44-45	INFORMAÇÃO de Ignácio Albuquerque de Toledo ao Gov. Antonio José da Franca e Horta sobre os índios desertados das aldeias de Goiás que, por serem violentos e conhecerem as armas de fogo, contaminam as campanhas da capitania. Por este motivo, informa que entregou a Hipólito Antonio Pinheiro pólvora suficiente para que se defendesse durante entrada pelo Rio Sapucaí

					até o Rio Grande. Relata sobre como encarregou a outros capitães a expulsão do gentio na trilha do Rio Grande. Lembra da necessidade de que se criem os cargos de capitão de ordenanças e um alferes para a região do Rio Pardo até o Rio Grande.
29. Queluz	Jozé Joaquim do Nascimento	14.08.1809	2-7-44	46-47	CARTA de Jozé Joaquim do Nascimento ao Gov. Antonio José da Franca e Horta informando sobre o estado de decadência da aldeia de Queluz por conta da dispersão dos índios, por falta de provisões ou por serem “inertes e preguiçosos e pouco amantes de sujeição, se subtraíram ao trabalho”. Relata que tem procurado reunir os índios, fazendo com aprendam as mulheres a fiar e tecer algodão e tornando homens em oficiais fabris para assim diminuir a despesa da Real Fazenda. Pede que lhe seja pago um ordenado como professor das primeiras letras aos meninos.

## 5. As cartas

PHPB - SP - século XVIII - Carta 1 - **Imagem de CD-ROM: 85-86**

Local: Aldeia da Conceição (Guarulhos)<sup>2</sup>

Data: 26 de fevereiro de 1722.

Autor: Joseph de Frias e Vasconcellos

Genealogia: ?

Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo –

Referência: Aldeamento de índios – C00228 - 2-1-4 [Publicado no Boletim n.º 5 de 1945, p. 46-47] edição comparada

Edição: Simões, José (2005)

AldeadaConceição<sup>3</sup>

*Excelentissimo Senhor*

Meu *Senhor* Remeto a *Vossa Excelencia* a Lista dos Indios que memandou fizeSse, o que não fiz Com mais brevidade porque andei proCurando notiCias por fora, pois os Indios da Aldea não Sabem de todos; vam as idades de Cada hum, eotempo que faltam da Aldea pouCo mais, ou menos, pois não pude saberisto Com Certeza; tambem digo na Lista que hum mu lato por nome SimpliCio que Levou o *Padre Antonio* Lopes esta em Santos porem agora me diSseram que fora para a Ilha de Saõ Sebastiaõ, eo*Padre* que omandou está neSta Cidade que heo dito *Antonio* Lopes; da mesma Lista vera *Vossa Excelencia* que dei huã India Com huã Cria para Caza do *Senhor Tenente General Antonio* Car dozo dos Santos, por entender, que dali estava prompta para o ServiSso de *Sua Magestade* que *Deos Guarde*, e Se *Vossa Excelencia* Al guns destes homens quetem em Caza as Suas filhas pertencentes aesta Aldea não hande folgar que lhas tirem, pois astem Com outra CriaÇam que ellas aqui não hande ter, eexpostas a menores perigos, porem *Vossa Excelencia* fará nesta materia o que for Servido.

A nobilliSsima PeSsoa de *Vossa Excelencia Guarde Deos* pellos annos de seu dezejo para que me mande muitas Couzas de Seu ServiSso, que ComSumo<sup>4</sup> gosto heide fazer, alem da obrigaÇam quetenho de osexecutar. ConCeicam 26 de Fevereiro de 1722

De *Vossa Excelencia*  
Maishumilde Cappellam  
Jozeph de Frias e Vasconcelos

<sup>2</sup> Origem anotada a lápis pelo funcionário do Arquivo.

<sup>3</sup> Indicação da origem registrada no canto superior esquerdo da página com punho, tinta e grafia distintas da carta: [Conceição] por [ConCeicam]

<sup>4</sup> Sugestão do paleógrafo do AHESP para este vocábulo rasurado.

Local: São Paulo

Data: 12 de Março de 1722

Autor: Rafael Machado

Genealogia: ?

Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo

Referência: Aldeamento de índios – C00228 - 2-1-9 [Copiado – B/M – Publ.º no Boletim n.º 5/1945, p. 42-43], edição comparada

Edição: Simões, José (2005)

DaCompanhia<sup>5</sup>

ExcellentissimoSenhor

Foi *VossaExcelencia* servido ordenar aos *Padres Superiores* das aldeas subordinadas a este *Collegio deSaõPaulo* fi=zeSsem huã Lista exacta de toda agente que a ellas pertence com distincão de suas idades, estados, dos *que* andaõ fogidos, e em *que* lugares. E por *que* seria fazer duvidoza a obediencia dos Re=ligiozos da *Companhia* se o *Reitor* deste *Collegio* não foSse o*que* puzeSse em execuçaõ o*que* *VossaExcelencia* ordena dando nisto exemplo aseos subditos, eu por me achar com eSsa occupaçaõ tomei o cuidado de*que* se fizeSsem as Listas com a distincão so=bre dita. E por*que* ao serviço de*Deos*, e de*SuaMagestade* e boa administraçaõ dos mesmos indios he conveniente dar a*VossaExcelencia* plena informaçaõ destas aldeas sou obrigado a manifestar *que* das aldeas *que* actualmente administramos nenhuã he das *que* se chamaõ nesta terra aldeas de*SuaMagestade* por *que* estas sendo antigamente de gente innume=ravel fundadas pellos Religiozos da *Companhia* fomos obrigados a dimitilas de noSso governo cançados de as não podermos defender dos in=justos cativeiros de homês poderozos; faltando neSse tempo ao<sup>6</sup> [manchado] temor do Rey, edo mesmo*Deos*.

Pello *que* as aldeas, *que* actualmente adminis=tramos saõ indios *que* servindo aos brancos como cativos ao modo da [t]erra, os ditos brancos por descargo de sua consciencia os deixaraõ com suas t[er]ras encapellados *para* serem administrados co=mo forros sem injustiça. Entre os taes indios ficaraõ muitos mulatos *filhos* de negros d'Angola *que* por terem servido bem a seos Senhores ficaraõ forros. Saõ quatro estas aldeas; a de menos

[p. 2] Numero *que* he a capella de*NossaSenhorad'Ajuda* con=tratarã com os *Reitores* deste *Collegio* plantar o man=timento de *que* nos sustentamos, e saõ noSsos colonos

<sup>5</sup> Indicação da origem registrada no canto superior esquerdo da página com punho, tinta e grafia distintas da carta.

<sup>6</sup> Sugestão do paleógrafo para o trecho manchado

a quem pagamos o seu jornal. Dos de Mboy, e Yta=  
picirica nos servimos para as conduções dos ge=  
neros que se conduzem do mar, pagandolhe també  
o seu trabalho, e faltandonos esta convenien=  
cia não nos podemos conservar nêSustentar.

Destes índios andaõ bastantes fogidos  
que vão notados nas listas os deque se lembraõ  
os Padres Superiores Nem podemos sab[er o] lugar  
a onde andaõ pella extençaõ das mi[na]s geraes  
por onde ordinariamente morrem sem sacramentos  
sem que valha deligencia alguã noSsa para evitar  
tal perda. Esperamos agora no Zelo deVossaExcelencia  
e do muito que attende ao Serviço deDeos, e deSua  
Magestade nos sejaõ restituídos os deque avizare=  
mos tanto que soubermos o lugar e onde estaõ.  
E dezejamos que cresça o numero delles para  
termos mais que empregar no serviço de  
Sua Magestade, e deVossaExcelencia cuja peSsoa, e  
governo Deos queira prosperar Collegio de  
SaõPaulo 12 de Março de 1722

De V. Excellencia<sup>7</sup>  
obedientiSsimo Servo

Rafael Machado

---

<sup>7</sup> Desfecho da carta parece ter sido escrito e assinado por outro punho, [verificar].

PHPB - SP - século XVIII - Carta 3 - **Imagem de CD-ROM: 87**

Local: Aldeia de Barueri

Data: 26 de fevereiro de 1722.

Autor: Frei Sebastião dos Anjos

Genealogia: brasileiro, talvez natural de São Paulo.

Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo

Referência: Aldeamento de índios – C00228 - 2-1-5 – [copiada Boletim n.º 5 de 1945, p. 71-72], edição comparada

Edição: Simões, José (2005)

Aldeia de Barueri<sup>8</sup>

*Excelencia*<sup>9</sup>

Vai a Lista dos índios desta aldeia de Barueri; donde a Cisto, Conforme me pede *Vossa* exÇelencia, dos Casais, famílias, solteiros, eviuvas, *que* nela aÇistem; Como taõbem dosque aÇistem pelas minas; e por Cazas de alguõs homêis; de Zejava foÇe a agosto de *Vossa* exÇelencia. por Ser *quem* SSo<sup>10</sup> neste negoÇio pode por Remedio. pois eu SSo vivo – Com ode Zejo, emagoa deonaõ poder faZer por Ser Limitado o meu – poder. eaSSi por mais *que* os queira ReduZir ao gremio de SSua igreja por velos taõ derramados: ConSSigo poCo fruto aSSim por alguõs fugirem de SSua aldeia; Como outros Sonegados de *quem* ostem. [os] quais pelos disCurSSo do tempo vaõ fiCando Cativos. aSSi SSo vaõ a SSentados osque hinda Suponho sejaõ vivos; enaõ os *que* já por aver paSSa do tempo largo SSo seraõ vivos Seus deSSendentes; os quais Senaõ Sa be *quem* Sejaõ por estarem taõ espalhados; ieu Ser aminha aÇisten[dilacerado] Ca detaõ breve tempo pois naõ Saõ hinda quatro meZes Razão por donde tenho desses poCo ConheÇimento. o governador Artus<sup>11</sup> deSSa achando as aldeas muito faltas de jente mando publiCar hua exComunhaõ do Bispo por todas estas vilas edeste modo tornou aincher as as<sup>12</sup> aldeas de jente vindas de Caza de SiCulares. e por isto estar em[t]aõs<sup>13</sup> – Sem ReligioZo Com Sua pa[r]tida Se[tor]naraõ<sup>14</sup> para Suas moradas dond[e] – tinham vindo. tenho notiÇia de *que vossa* exÇelencia publiCara hum – bando, de quem tiveSSe índios ostornaÇe aSSuas aldeas; mas athe o preZente naõ tem ACudido nenhum. muitos *que* nesta aldeia fataõ Se deicharaõ fiCar pelas minas ConduZindo para elas aos SSenhores Gerais paSSados. Taõbem he ServiSSo *que vossa* exÇelencia faz a el Rei meu SShenhor mandar prohibir aos vigarios naõ CaZarem indias Com esCravos Cativos. porque aSSim vaõ fiCando no esqueÇimento; Como taõbem – Com eSSa ConfianSSa fogem deSSuas aldeas. dandome *vossa* exÇelencia dupliCadas oCaZioins, emque poSSa darlhe Repetidos Gostos. pois Sempre me achara Com hua vontade prompta em obedeSSelo. *Deos* Guarde avossa

<sup>8</sup> Indicação da origem registrada no canto superior esquerdo da página com punho, tinta e grafia distintas da carta.

<sup>9</sup> Sugestão do paleógrafo para a inicial que está registrada na primeira linha.

<sup>10</sup> Optamos por não registrar alguns vocábulos que aparecem sublinhados no texto desta forma. Suspeitamos que sejam intervenções do paleógrafo do AHESP em função, talvez, da grafia pouco usual para estas palavras. No manuscrito há a indicação [Copiado BM] escrita com lápis de cor preta igual à cor da tinta usada pelo autor da carta.

<sup>11</sup> O paleógrafo do AHESP sugere a palavra [atual] para este vocábulo, mas não reconhecemos a letra [l] final, e sim a letra [s]. Além disso, o [A] inicial é está em letra maiúscula, o que dá margem a interpretar o vocábulo como sendo um nome próprio.

<sup>12</sup> O autor repete o vocábulos [as].

<sup>13</sup> O paleógrafo sugeriu [emCaos] mas a letra [t] foi grafada da mesma forma em outros vocábulos.

<sup>14</sup> O paleógrafo sugeriu [subornarão], mas reconhecemos a letre [t] com a mesma grafia de outros vocábulos.

exCeLenCia por *muitos* annos. Barueri 6 de Março de1722.

ExÇelentiÇimo *Senhor*<sup>15</sup>

domais humilde Servo deVossaexÇeLenÇia

*Frei Sebastiam dosAnjos*

---

<sup>15</sup> Registrado no canto inferior esquerdo da página ao lado do corpo da carta.

Local: Barueri

Data: 12 de abril de 1722

Autor: Frei Sebastiam dos Anjos

Genealogia: brasileiro, talvez natural de São Paulo.

Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo

Referência: Aldeamento de índios – C00228 - 2-1-11 – [Copiado B/M Publicado no

Boletim nº 5/1945 fls. 86/87], edição comparada

Edição: Simões, José (2005)

[Respondido]<sup>16</sup>

*Excelencia*<sup>17</sup>

Dezejando Satisfazer aminha obrigaÇãõ bus-  
quei aVossaexÇelenÇia para lhebejar ospes; mas –  
sempre em oCazioins taõ oCupadas, *que* por emten  
der Sendo Contumas Serviriã aVossaexÇelenÇia –  
mais de emfado, *que* degosto; dezisti do deze  
jo, efaltei aobrigaÇãõ *que* tinha, por alguã pre  
Ssa *que* meoCorria.

Vai aLista *que* pude faZer dosIndios desta  
aldea *que* estaõ pelas aldeas dos *padres* daCompanhia  
naõ vay ameu gosto Como deZejava por *quanto* nesta  
Aldea naõ tenho *quem* ConheSsa atodos *quantos* por elas  
estaõ. eaSsim Sso vaõ em aLista os*que* tem pa –  
rentes nesta aldea, epor parentes osConheÇem.  
einda Si pela poCa ComuniCaÇãõ *que* tem huns.  
Com outros; naõ tem verdadeiro ConheÇimento  
dos filhos *que* vaõ havendo. eaSi So vaõ aÇen  
tados os*que* tive deles notiÇia certa desenden  
tes por parte materna. epara Com mayor Serte  
Za querendo faZer esta Lista dos*que* Senaõ tem  
deles ConheÇimento mandava chamar hua india  
AÇistente em hua deSSas aldeas, obrigada aesta,  
por Ser ela demayor familia, emais parentella;  
Cuja memandou por Resposta *que* oReligioZo *que* ago  
verna por nem hum modo adeichava vir, *eque*  
bem ConheÇia ela Ser desta aldea, eosmais *que* ne  
la estavaõ, Cuja he o de Bohy por SeCom por des  
ta amayor parte dagente. mas oReligioZo  
*que* lá aCiste diZia denem hua Sorte ashavia  
deixar vir por *quanto* em taõs naõ fiCaria *quem* lhes  
trabalhaÇe, atemorizandos Com promeSSas  
deCastigos. esta he aResposta *que* memandou  
esta india. fiCando Sempre esperando *muitas*  
aCazioins deSeus. mayores Gostos. aCuja ex  
ÇelSsa peSsoa *Deos Guarde* Como deZeja Ba  
rueri 12 de Abril de 1722 *annos*

<sup>16</sup> A abreviação [Respondido] está registrada no canto superior esquerdo da página e tinta de cor distinta da letra da carta.

<sup>17</sup> Sugestão do paleógrafo para a inicial que está registrada na primeira linha.

menor Servo de Vossa Excelência  
Frei Sebastião dos Anjos

PHPB - SP - século XVIII - Carta 5 - **Imagem de CD-ROM: 93**

Local: Barueri

Data: 30 de junho de 1722

Autor: Frei Sebastião dos Anjos

Genealogia: brasileiro, talvez natural de São Paulo.

Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo

Referência: Aldeamento de índios – C00228 - 2-1-11[a?] – [publicado no Boletim nº 5/1945 p. 87-88], edição comparada

Edição: Simões, José (2005)

*Excelencia*<sup>18</sup>

Como odeZejo devossa exÇelenÇia, eomeu he a-  
juntar aesta aldea os indios *que* dela andaõ  
exparÇidos portantas partes, chamandoos –  
aoforo deCativos, pela ContinuaÇãõ dosan  
nos paSSa dos, Como este *que* agora mando –  
apreZenSSa devossa exÇelenÇia Como *quem* lhe  
pode por oRemedio. *que* tenho notiCia deque –  
deÇendia deindia desta aldea chegou ater  
Com migo *para* Saber daSerteZa. *para* oque ajun  
tando alguñs indios mais Antigos *que* o  
ConheÇeÇem [a]chei *muitos que* oConheÇiaõ aSSeus  
paSSados; diZendo *que* antiga mente viera –  
a esta aldea hum homeim Cujo Sechamava  
Sebastiam Fernandez elevara hua india *para* dar  
leite ahua creanSsa; Cuja Sechamava Faus  
tina, esta depois seCaZara Com hum esCra  
vo dotal homeim donde tivera alguãs  
filhas dedonde ele proÇede. eCom amorte  
da india *que* daqui fora, e do homeim *quea*  
levou, os erdeiros Cativaraõ asditas in  
dias filhas damorta *que* da qui tinha ido,  
diZendo *que* eraõ filhas deSseu esCravo.  
osquais oje Seachaõ. em poder de An  
na Maria deCamargo, eme dis Sereim 14  
almas. *vossa exÇelenÇia* obrara *oque* for  
Servido aCuja nobiliÇima peSSoa Deos  
Guarde Como deZeja. Barueri 30 dejunho  
de 1722

do mais humilde Servo devossaexÇelenÇia

Frei Sebastiam dosAnjos

ExcelentiSSimo SSeñhor<sup>19</sup>

<sup>18</sup> Sugestão do paleógrafo do AHESP.

<sup>19</sup> Endereçamento escrito no canto inferior esquerdo da página, abaixo do corpo da carta e da assinatura.

Local: Barueri

Data: 27 de abril de 1723

Autor: Frei Sebastião dos Anjos

Genealogia: brasileiro, talvez natural de São Paulo.

Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo

Referência: Aldeamento de índios – C00228 - 2-2-10

Edição: Simões, José (2005)

Sem favor de *vossa excellencia* em aoCupaÇãõ em *que*  
aCisto ãõ he poÇivel Satisfazer Como de  
zejo em obem, eaumento deS[ta] Aldea. –  
tendo notiÇia de *que* hua jndia CaZada  
*que* tem omarido emoCaminho doCu[y]aba por  
ordem de *vossa excellencia*, andava empeCadoCom  
outro jndio CaZado, Com jndiCios de *que*  
tinhaõ tenÇãõ defugirem; equerendo eu  
por Remedio ahisto, SemeauZentou odi  
to jndio. etendo eu feito exaltas d[ili]  
genÇias por ela [p]or todas estas partes, Sem  
fruto algum, prendi aos parentes *para* efei  
to deComfeÇarem averdade; osquais Com  
feÇãõ Ser hido *para* aspartes davila de  
JaCarehy, em *Companhia* dehum homem, ehua  
mulher exComungados desta quaresma  
dobairro deSaõ Joaõ. Cujos nomes Saõ  
Francisco Rodriguez, e Maria Thomas; eComo ãõ  
Seja Sso ojndio Cujo nome he Se[bastiam]  
Como taõ bem hum Rapas *que* ConCigo levo[u]  
por nome Francisco ejunta mente ojndio Se  
guira ospaSSos deSSua dama, eSe alonga  
raõ *para* mais Lonje; fiCando Caminho  
amplo *para* osque quiZerem Seguir omesmo  
norte; mando aLguns jndios emais hum  
Cabo em [Segui]mento deLa, *para* oque peSSo avossa  
*excellencia*: RepaÇe Carta *para* os Cabos, ou ofi  
Ciais dejustiCa deSSas viLas prinCipal  
adeJaCarehy *para* faZerem apriZãõ eintre  
gaLa aos jndios; por *que* eLes perSsi onaõ  
podem faZer. aCuja NobiliSSiLima  
PeSSoa Deos *Guarde* Como deZeja Baru  
eri 27 deAbril de 1723.  
humiLde Servo devossa *excellencia*  
Frei *Sebastiam* dos Anjos  
exÇelentissimo Senhor<sup>20</sup>

<sup>20</sup> Registrado no canto inferior esquerdo à margem do texto.

PHPB - SP - século XVIII - Carta 7 - **Imagem de CD-ROM: 88**

Local: Aldeia de São João (Peruíbe) [Aldea da Conceição da Praya]

Data: 10 de março de 1722

Autor: Frei Constantino de Santa Maria

Genealogia: ?

Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo

Referência: Aldeamento de índios – C00228 - 2-1-6 [copiado – B/M – Publicado no

Boletim n.º 5 / 1945, p. 31-32], edição comparada

Edição: Simões, José (2005)

[?] AldeadaConceiçaõdapRaya<sup>21</sup>

*Excelencia*<sup>22</sup>

Fui entregue da Carta que *VossaExcelenCa* me fes onRa esCrever;  
Elogo mepus a fazer aLista, que meordena, lha mande  
Suponho vai tudo de Clarado, Como *VossaExcelenCa* quer. E vam  
todos Sem fiCar Criansa depeito, pera que Saiba oque tem  
a Aldea, eas idades de todos, nella verá *VossaExcelenCa* oquam di –  
minuta esta degente, *para* poderem aCudir, aos ServiSSos  
de ElRey meu *Senhor*, Segundo as ordeñs dos seus ministros,  
que estas minas tem destruida, as Aldeas porque quem  
osleva. os não trazem mais e porCa ficam ella moRem  
e as Pobres molheres, aqui fiCam aodezemparo. Agora  
fiCa a Aldea Sem ter quem mevâ pesCar hum peixe  
*para* paSar Commeu Companhero; So me fiCam Sinco velhos  
que *para* levar aSargento Mayor Manoel *golçalvez* de Aguiar, os des  
que *VossaExcelenCa* ordena, mal ospude prefazer, Com hum Ra-  
pas ja Capas; oSenhor *Governador* desantos la tem Sinco  
adous mezes, que osmandou pidir *para* oserviSSo ne-  
Sesario, ememanda dizer que Cada dous mezes os man-  
de Revezar Eu os não tenho que já la lhe es Crevi  
pella falta Conque estam as Aldeas, emais esta que  
detudo he Pobre muitas CrianSas verá *VossaExcelenCa* na Lis  
ta porem quem Sirva Sam esses [espaço]

*VossaExcelenCa* ponha seus olhos depiedade aque venham *para* Suas  
Aldeas os que por La<sup>23</sup> andam Segundo lhe Relato na Lista  
os que aqui faltam emuitos porLa Sam mortos. Vam os -  
tres indios Segundo aordem que *VossaExcelenCa* ordena ao-  
Cappitam da ordenanÇa que hum delles chamado Hje-  
ronimo dias he o Cappitam mayor desta Aldea feitura<sup>24</sup>  
demeu *Padre Provincial* porser indio de Conta e não a ver  
outro Capas elle dará Conta a *VossaExcelenCa* oporque *para* Ca veyo  
junto. Com os mais todos tem Suas mu lheres eamulher  
dojorge não vai por es tar enCapas edoente vam obe-  
deSer a *VossaExcelenCa* e darlhe toda anotiCia eoCappitam em forma-  
râ tudo eoestado da Aldea que Eu So tomara ter

<sup>21</sup> Indicação da origem registrada no canto superior esquerdo da página com punho, tinta e grafia distintas da carta.

<sup>22</sup> Sugestão do paleógrafo para a letra inicial que aparece na primeira linha da carta.

<sup>23</sup> Sugestão do paleógrafo para o vocábulo que pode também ser lido como [ca].

<sup>24</sup> Sugestão do paleógrafo do AHESP.

*muitas oCazioiñs deobedeSer a VossaExcelenCa entudo oque meordenar  
edarlhe muitos gostos eaosmeus perlados efazer aquela  
obrigaSam que devo et[e]nho ameu Cargo. Deos guarde por –  
muitos annos a VossaExcelenCa para emparo dos pobres Aldeya de  
Saõ joa[õ] 10 demarÇo de1722 annos*

*de VossaExcelenCa Seu humilde vaSsallo  
Frei Constantino deSanta Maria*

Meu Governador general.<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> Endereçamento registrado no canto inferior esquerdo abaixo do corpo da carta, ao lado da assinatura.

PHPB - SP - século XVIII - Carta 8 - **Imagem de CD-ROM: 91**

Local: Aldeia de São João (Peruíbe)

Data: 8 de abril de 1722

Autor: Frei Constantino de Santa Maria

Genealogia: ?

Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo –

Referência: Aldeamento de índios – C00228 - 2-1-10 [publicado no Boletim n.º 5/1945, p. 32 a 34], edição comparada

Edição: Simões, José (2005)

Fui entregue das Cartas que *VossaExcelenCa* mefes onRa  
esCrever huâ pelos indios que foram aSua pre  
Zensa onde meordena que vindo oSargento maior  
*Manoel gonçalvez* de Aguiar daSua viagem os Remeta para Sua  
aldea. aSim o farei etudo omais que *VossaExcelenCa* me-  
ordenar emeordena NaLista que mandei a*VossaExcelenCa*  
lhe deClarei osindios que me faltam nesta aldea  
que Sabe Deos ane CeSidade que passa esta aldea  
pela falta delles porque as mulheres vivem Ca  
neSeCitadas eSem ter que vistirem pela falta de  
Seus maridos eagora vam estes dês por ordem  
de*VossaExcelenCa* eoSenhor Governador deSantos mepede indios pera  
apraça emenaõ ficam na aldea mais do que  
Coatro velhos que me pede que Cada dous mezes os-  
mande Revezar e Eu os não tenho que na Lista vera  
*VossaExcelenCa* os jndios que ha. Agora nesta que resebi de –  
*VossaExcelenCa* vejo oque meordena Não he Culpa dos meus  
anteSesores porquanto os Superiores osnaõ man-  
dam e nem alugam mais doque ate essa Cidade  
osque levam para longe Sam enduzidos destes  
homeñs que os levam e Eu estou muito de a Cordo diSso  
porque depois que para aqui vim omeu Cuidado  
edesvelo he trazelos para adoutrina emiSSa ou nes-  
ta praia aSeus ganhos eSo ao Convento osmando pera  
ir[em] aeSsa Cidade a Conduzire[m] [a]s esmolas e o Padre  
g[eral] lhespaga atodos e Eu os tenho todos em Rol. ene-  
nhum me falta dosque tomei poSse epubliCarei aor-  
dem de *VossaExcelenCa* enhum diaSanto na igreja para que ve-  
nha anotiCia de todos e Eu estimo muito aSua ordem  
por menaõ perSeguirem que estes Senhores aqui he  
que batem e Com aordem de *VossaExcelenCa* SuSegarei e quando  
aja alguâ oCaziam que me faSam algûa darei  
logo parte a*VossaExcelenCa* EComo vier de volta oSargento  
major *Manoel gonçalvez* eide dar parte a*VossaExcelenCa* para me-  
prover a Aldea deCabos que estes Sam bizonh[os]<sup>26</sup>  
para oque lheseid mandar nomeados os CapaZes  
[eEu] muito obediente asSuas ordeñs Como Seu humil-  
de vaSsalto eapeSsoa de*VossaExcelenCa* guarde Deos pormuitos annos  
Aldeia deSaõjoam 8 de abril de 1722annos  
domais umilde Servo de*VossaExcelenCa*

<sup>26</sup> O termo [bizonho] denuncia um autor talvez de origem italiana.

Frei Constantino de Santa Maria  
Excelentíssimo Senhor general<sup>27</sup>

---

<sup>27</sup> Endereçamento escrito no canto inferior esquerdo da página, abaixo do corpo da carta, ao lado da assinatura.

PHPB - SP - século XVIII - Carta 9 - **Imagem de CD-ROM: 0094-0095**

Local: Aldeia de São João (Peruíbe)

Data: 22 de janeiro de 1723

Autor: Frei Constantino de Santa Maria

Genealogia: ?

Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo

Referência: Aldeamento de índios – C00228 - 2-1-17 – [publicado no Boletim nº 5/1945, p. 39], edição comparada

Edição: Simões, José (2005)

Resposta<sup>28</sup>

Dou parte a *Vossaexcelencia* [en] Como aqui me –  
vejo joam Lenta apresentar os despa –  
xos que *Vossaexcelencia* foi Servido mandarlhe  
aoque não ponho duvida pois *Vossaexcelencia* aSim  
oordena entregue aRapariga porem  
Como *Vossaexcelencia* foi Servido esCreverme que  
denhuã maneira lha entregaSe antes  
aConServaSe Como ate aqui Como o faSso  
vejome Com fuzo Sobre isto ter hu aCarta  
de *Vossaexcelencia* aque não entregue eos despaxos  
meordena que entregue Com esta minha  
Com fuzam mando eSse proprio Somente  
alevar esta a*Vossaexcelencia* para que meordene oque  
eide obrar eComo ja esCrevi a*Vossaexcelencia* o que  
neste partiCular ha tenho dezenCaRegado  
aminha ConCienCia das ConSequenCias  
que podem Rezultar Comaentrega desta  
minina porque omarido da may anda  
en Companhia doSargento major Manoel gonçalvez deaguiar  
eothio<sup>29</sup> dela tambem que he o Cappitam [maj]or  
desta Aldea evindo averâm disgostos  
que ja poreSsa Cauza odito Cappitam levou  
alguãs faCadas dejoam Lenta Como *Vossaexcelencia*  
o verã quando vier eagora chegando o Ma-  
rido eo thio<sup>30</sup> vendo estar aminina  
enCaza dejoam Lenta nãoSei o Como  
levarâm. ehe desgostar amajor parte  
da Aldea que todos Sam parentes eCo –  
mo Seja isto verdade he minha obri  
gaSam dar parte a*Vossaexcelencia* doque ha que  
he lastima tirar huã minina dogre -  
mio daIgreja onde SeCria para alevar  
para Sua Caza quem nunCa ensina dou –  
trina tenho dado parte a*Vossaexcelencia* doque  
ha edezenCaRegado aConCienCia eeSpero  
logo Repo[st]ja de*Vossaexcelencia* para obrar oque me –  
mandar Como meu Senhor general –

<sup>28</sup> Vocábulo registrado por outro punho e tinta diferentes da carta, pode ser lido também como [Respondida].

<sup>29</sup> A palavra [thio] aparece sublinhada a lápis, talvez por algum pesquisador.

<sup>30</sup> A palavra [thio] aparece novamente sublinhada a lápis.

o Senhor *guarde a Vossa Excelencia* por m[uitos] annos Aldea  
2[2] [rasurado] de janeiro de 1723 annos  
Servidor de *Vossa excellencia*  
Frei [Con]stantino de *Santa Maria*  
ExCelentiSSimo Senhor<sup>31</sup>

---

<sup>31</sup> Endereçamento escrito no canto inferior esquerdo da página, ao lado do corpo da carta.

PHPB - SP - século XVIII – Carta 10 - **Imagem de CD-ROM: 0096**

Local: Aldeia de São João (Peruíbe)

Data: 21 de setembro de 1723

Autor: Frei Constantino de Santa Maria

Genealogia: ?

Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo

Referência: Aldeamento de índios – C00228 - 2-1-18 – [publicado no Boletim nº 5/1945, p. 40-41], edição comparada.

Edição: Simões, José (2005)

Respondida<sup>32</sup>

Excelencia<sup>33</sup>

Mando eSse Indio adar parte aVossaexcelencia  
enComo a 26 mezes que [a]Sisto em –  
esta Aldea de ElRey meuSenhor por Superior  
destes indios por obedienCia dos meus  
perllados enella tenho aSistido Com todo o –  
zelo e Cuidado Sem aRedar pe della aa Cu –  
dir lhes aSuas neSeSidades tanto Corporais  
como spirictuais Como Deus meajuda Como  
Consta ehe patente atodos emandando  
ElRey meuSenhor dar todos os annos no f[im]  
de agosto deordinaria 25000 para aigreja  
ter Sera, Vinho, e ostia, Como tam bem  
para alguã Couza neSesaria para osSeus Mi  
Cionarios Semenaõ tem dado nada at[e]<sup>34</sup>  
agora en todo o tempo que aqui aSisto  
que vim para ella quando Vossexcelencia tambe[m]  
vejo para eSsa Cidade eestou paSando mi  
nhas neSeSidades Como tambem naõter o  
Conque aSista aigreja eComo fazia ten  
Sam falar a Vossaexcelencia peSoalmente pois mediz  
vinha abaixo lhenaõ tenho amuito dado Con  
ta enque Semenaõ paga nada que agor[a]  
no fim deste agosto fez aConta de 5000[0]  
deduas ordinarias que Como esta Sepaga  
noRio dejaneiro Tenho esCrito muitas vezes tan  
to ao Provedor Como aos meus Perllados  
ninguem meResponde ea[te] [dilacerado] aoSindico<sup>35</sup> deS[antos]  
o Cappitam Thome Teixeira omeu bem feitor a quem  
tenho ReComendado e fas amesma deligenCa  
enã poSso aver vinteim eComo Vossaexcelencia Com o  
meu general he oSenhor destas Aldeas  
meboto aSeus Pes elhe ComuniCo as minhas  
neSeSidades e[daigr]eja para que Com oSeu  
poder mande pa[g]ar esta ordinaria para

<sup>32</sup> Anotação feita por outro punho com tinta distinta da encontrada na carta.

<sup>33</sup> Sugestão do paleógrafo para a letra inicial registrada na primeira linha da carta.

<sup>34</sup> Sugestão do paleógrafo.

<sup>35</sup> A palavra [Sindico] está sublinhada a lápis, talvez por algum pesquisador.

Sepagar en Santos Como Sepaga ade Sa Al –  
dea de Saõ Miguel que os meus Perlados  
Como andam Con Suas bul[h]as naõ Selembram  
de quem Ca está penando pore m Como tenho  
a Vossa excellencia por meu administrador me mand[a]  
rá satisfazer as duas ordinarias que Se[me]  
devem que os Pobres Indios fazem o que po  
dem muito am de mister para Suas mulheres  
efilhos he o que por o[ra] Semeofere Se dar  
parte a Vossa ExcellenCa tudo o mais está empas e Eu  
muito para o enComendar a Deos e obedecer lhe  
Como meu minist[ro] Deos guarde a Vossa excellencia Aldea  
21 de Setembro de 1723. Servidor de Vossa excellencia  
[Frei] Constantino de Santa Maria  
ExCelenStiSSimo Senhor General<sup>36</sup>

---

<sup>36</sup> Endereçamento anotado no canto inferior esquerdo da página, à margem do texto. Também pode ser lido como [ExCelenStiSSimo Governador general]

PHPB - SP - século XVIII - Carta 11 - **Imagem de CD-ROM: 70-71**

Local: Laranjeiras (*Guararema*<sup>37</sup> ?)

Data: 30 de junho de 1726

Autores: *Francisco Pinto do Rego e Frei Angelo da Encarnação.*

Genealogia: *Francisco Pinto do Rego* é brasileiro, natural de São Paulo.

Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo

Referência: Aldeamento de índios – C00228 - 2-2-15 [Publicado no Boletim n.º 5 de 1945, p. 27-28], edição comparada.

Edição: Simões, José (2005)

ExellentissimoSenhor

Por mevir dizer oSargento<mor> da Aldea deNossa Senhora  
daescada que oadmnistrador della tin  
ha feito fugir a 3 Indios porque os queria  
violentos a levar Comçigo para as minas de  
paranapanema, Como juntamentes deixara  
mais levar ahuã India por hu' homem  
de goratingueta, esCrevy ao Religiozo doCa  
margo que aSiste nadita Aldea, tive por  
Respposta aque vay incluza

Eoutro Ssim por que hay huãs profeçias  
de Como *vossaexelencia* não hade hir a Cujaba SenoSso  
Senhor ouvir osRogos dospeccadores aSsim mesmo  
hadeSer por *que* me parece não ha' quem  
Sedescuide Com esta deligençia inda que  
Seria Com muito dispendio de *vossaexelencia* Seadita pro  
feçia sahir Certo eu Sobre todos devo Ser  
o mais Contante<sup>38</sup> por ficar Soçegado mas Su  
ponho indo *vossaexelencia* Sempre ficarei aSombra  
dos Criados devossaexelencia

Donna Maria dis *que* vive muito obrigado avossaexelencia  
mais *que* o não tenha por inportuna Com a Sua  
S[i]smaria deterras que ia azezeja ver  
Comfirma<da>, eeu Sõ appeteco muy tas  
occasioens em*que* Seiustifique a minha von<ta>de  
eobediencia emtudo que puder Ser doagrado  
de *vossaexelencia* ApeSsoa de *vossaexelencia* magestade me *garde Deos* muitos  
annos Lorangeiras Junho 301726  
ospés devossaexelencia beja o mais omilde [C]ri[a]do devossaexelencia  
Francisco Pinto doRego

[p. 2, parte 1] *Senhor Capitam Major*<sup>39</sup>  
Aoque devem mais aten<sup>40</sup>

<sup>37</sup> A referência à aldeia de Nossa Senhora de Escada leva a crer que esta carta seja da mesma região. Além disso, encontramos em André João Antonil (1649-1716) em seu livro “Cultura e Opulência do Brasil” a seguinte referência ao caminho velho dos paulistas: “*Gastam da dita aldeia até a vila de Mogi, dois dias. De Mogi vão as Laranjeiras, caminhando, quatro ou cinco dias até o jantar. Das Laranjeiras até a vila de Jacareí, um dia até as três horas*” (ANTONIL, 1982) [grifo nosso].

<sup>38</sup> Talvez [contante] por [constante] como registra o paleógrafo do AHESP.

<sup>39</sup> Segue no verso da folha o que talvez seja o rascunho da resposta escrita por Frei Angelo da Encarnação, dados o punho e a tinta distintos daqueles da primeira página dessa folha.

der os administradores daS  
 AldeaS he ozelo, A[s] Conserva  
 çãõ eaumento daS mesmas aldeas;  
 Recolher Com Cartas, e Com  
 executivas ordens dos *Senhores*  
 [Gove]rnadores, e ouvidores, aos  
 Indios *que* vivem fora das Su=  
 as Aldeas por Cazas de alguns  
 moradores, e esta diligencia [he] [rasurado]<sup>41</sup>  
 mais aesta Aldea *que* aoutra *que*  
 qualquer era pricizamente neS  
 seçaria, por estar destituida  
 e *muito* falta de indios, [devendo]<sup>42</sup>  
 mais Curalos em suas enfer  
 midades: e nesta Aldea tratar  
 com <Sua> excelencia, de fazer or  
 denado Como as mais Aldeas  
 de 25000 para vinho cera e  
 hostias, que por esta falta [me] [rasurado]<sup>43</sup>  
 he penozo naõter coque com  
 prar *muitas* vezes oneSseçario

[p. 2, parte 2] para lhes dizer miSsa, a tudo oReferido [rasurado] <se descuida> o administrador desta

Aldea, naõ sei se por pobre, ou menos advertido; emquanto indios, e  
 Indias *que* Se dizemCaminhaSsem por Sua Culpa naõ sei diSso, depois *que*  
 para aqui vim, *que* vay por 4 mezes, oque Sei he aver hu' homem  
 Cazado em huã dasVillas dorio abaixo deixado huã India desta  
 Aldea por lhe impedir oprocurador anaõlevasse para Saõ Paulo, e naõ ha  
*muitos* dias, eveyo otal home', elevou naõ So os 4 filhos mas  
 tambem a India, dizem Com ordem do*Senhor General*; isto he soo*que* sei  
 Deus avossa*excelencia* guarde. Amante, servo devossa*excelencia* Frei Angelo da EnCarnaçaõ

<sup>40</sup> O paleógrafo do AHESP sugere uma ordenação distinta dos dois trechos constantes do verso da folha. No entanto, a julgar pela posição do endereçamento feito ao capitão, deve seguir-lhe o trecho que aparece com o mesmo alinhamento e direção. Além disso, a coesão estabelecida entre o final da primeira parte do texto e o início da segunda parte permite essa leitura: “he penozo naõter coque comprar *muitas* vezes oneSseçario para lhes dizer miSsa”. Acrescente-se a isso o desfecho e assinatura da parte final do texto: “Deus avossa*excelencia* guarde. Amante, servo devossa*excelencia* Frei Angelo da EnCarnaçaõ”. Por estes três motivos, optamos por outra ordenação desses trechos.

<sup>41</sup> A sugestão do paleógrafo do AHESP para esta rasura é a palavra [he], mas a altura da mancha não deixa entrever o laço da letra [h].

<sup>42</sup> Sugestão do paleógrafo do AHESP.

<sup>43</sup> A sugestão do paleógrafo do AHESP para esta rasura é a palavra [me].

PHPB-SP - século XVIII - Carta 12 - **Imagem de CD-ROM: 63-64**

Local: Laranjeiras (*Guararema* ?)

Data: 12 de dezembro de 1732

Autor: Sebastião de Siqueira Caldeira, coronel

Genealogia: brasileiro, talvez natural de Mogi das Cruzes

Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo

Referência: Aldeamento de índios C00228 – 2-3-8 [publicado no Boletim n.º 5/1945 p. 109-110] – edição comparada.

Edição: Simões, José (2005)

*Excelentissimo Senhor*

*Quando fui para hesasidade beiar os pes de vossa excellenca não  
tive Lugar dedar Contas pelamuita oCopasam  
emque vossa excellenca SeaChava naocaziam sobre  
aIgreia da Aldea denosasenhora daesCada, aqual  
tenho Reetificado aminha CuSta por servir  
anosasenhora easuamagestade que deos guarde para que asim  
SeaumentaSeasua Aldea que estava iaqua  
ge<sup>44</sup> para cair noxam por Ser feita deparedeman  
em aLgû tempo eantes deterRetificado a  
dita Igreja pasando o muito reverendo padre e vigitor<sup>45</sup> odoutor  
aLeixandre marques dovalLe ovigitou e naõChan  
do os ornamentos que opadre bispo ordenava e estar so  
mente empoder dos indios oquis fexar e deRubar epelo  
muito Rogo que lhe fis odeixou ficar mas deixando  
hû edital para que dentro de hû anno sefizese  
todos os ornamentos nesarios enaõ se fazendo no  
dito tempo que ninhu saserdote poderia dizer  
misa neLa Com pena desuspensam epara os  
quais ornamentos naõ Com Corendo os indios seti  
rari[a] esmola no destrito para seCompRarem os  
ditos ornamentos que faltam que só tem hû daver  
melho e branco sem frontal eomais nesario  
comque sedis misa hu do Convento davila de mogi que  
tenho em prestado eC[o]m[o] as esmolas que os mo  
radores poderam dar sera' tam Lemitado [o]clamor  
da muita pobreza me foi nesario dar Contas  
ao General Antonio dasilva Caldeira pimentel antes sesor  
de vossa excellenca oque me Respondeu emandou huã  
ordem cuio vai iunto Com aCarta inCLuza  
para vossa excellenca ver para que sendo servido me posacon  
firmar para comseguir equando naõ farei oque vossa excellenca*

[p. 2] me ordenar eComo atheapRezente estive  
oCupado Com a f[eic]tura daIgreia, naõ tive Lugar  
destrar para os ornamentos esó tenho Comprado hû  
frontaL ehû misaL e aLguã miudeza faLta  
CaLis epedra edous ornamentos de verde eRoxo  
eque sepodera fazer Com forme vossa excellenca mede

<sup>44</sup> O autor da carta parece registrar a letra [z] como [g]

<sup>45</sup> idem.

treminar.

Tam bem mepareseu dizer a *vossa excellencia* que he *muito* nesesarario *que vossa excellencia* Mande dar ademenistrasam aos ReLigiozos doCarmo do Convento de mogi por estar nodestrito ou a outro quaLquer *que vossa excellencia* for servido, *para* que posam por hú ReLigiozo Capaz *para* o ademenistrar eodoutrinar por que de pRezente estam moRendo semCom fisam esaCramentos por ser distantes dehuã viLa eoutra eComo tem faLesido o Cappitam mor da dita ALdea hé nesesarario *que vossa excellencia* sendoser vido mande prover outro eomais Capaz *que* ha hé hú por nome Sebastiaõ dasiLva *que* he opor tador desta eser *muito* zeLozo *para* as Couzas daAL dea *vossa excellencia* fará oque for servido *que* eu não faLtarei Como tenho deobRigasaõ em obedeser eservir a *vossa excellencia* guarde deos apesoa devossa excellencia por *muitos* annos *para* em paro desta Capitania Larangeras 12 de de zembro de 1732 devossa excellencia  
omais hú miLde sudito.  
Sebastiaõ deSiqueiRa CaLdeira

Local: Itu

Data: 2 de março de 1733

Autor: João de Mello do Rego, 38 anos, capitão mor da vila de Itu

Genealogia: talvez português, faleceu em Itu em 1771 aos 94 anos de idade, com inventário (1779) não publicado pelo AHESP.

Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo

Referência: Aldeamento de índios - C00228 – 2-3-15 [publicado no Boletim n.º 5/1945 fls. 117-119], edição comparada.

Edição: Simões, José (2005)

*Excelentissimo Senhor*

Remetto a *Vossa Excelencia* a lista das pessoas *que* assignaraõ termo deirem a Guerra, ea Sua Cometiva de cada hum, e inda não sabe<sup>46</sup> Com Certeza, *porque* pertende' pro Curarem Camaradas para Levarem, *oque* sô Com individuação Se Saberã no tempo do embarque, ainda estam *bastantes* Com detreminação deirem a Cuyabã, Sepuderem desCobrir algum negoCio, eintrarem Com os mais adita Guerra, eComo a pobreZa hê muita nesta villa, e noSeodestriCto, SenaãLis= ta agente que dez[ej]a, por lhefaLtar todo oneCeSsario preCizo para poderem Conduzirse, edesde aentrada da Coresmã até o dia presente não tenho tido o minimo SoCego emproCurar *que* SeaListe para adita Guerra atimidando-os em tudo Com as Ordens de Sua Magestade *que* Deos *guarde*, e Com as de*Vossa ExCeLenCia*, epreCuran= do Sempre amesma diLigencia.

Como *VossaExcelencia* mediz *que* Sua Magestade aSsiste Com as Canoas para aCondução dosque forem, Saõ muy poucas as *que* hã; *porque* as *que* vieram nesta munção paSsada doCuyabã Saõ muy poucas asCapazes, ea= mayor parte dellas tornaõ air Com os mesmos donos, eSerã precizo or= denar a *VossaExcelencia* aque Sefação Canoas Capazes, Sedas mais villas da Serra aSsima forem, detreminar a Cada hum as fação, eSua Real Magestade ou aSua Realfazenda aspague aquellas peSsoas *que* quizerem *porque* achaõ notempo presente poucas peSsoas, e Com pouca poSse, eporfalta de= paos ComCapacidade deSefazer aquantidade *que* Serã neceSsario para poderem Conduzir toda a Cometiva dadita Guerra.

Hua pobre viuva Grave mepedio RemetteSse a*VossaExcelencia* eSsa petição parecemdolhe *que* aSsim terá melhor despacho, e todoConteudo nella hê verdade.

Manoel Soares deSouza aSsim *que* Seacabou a-primeira L[icença] *que* *VossaExcelencia* for Servido darlhe Logo SeRetirou do termo desta villa Sem Cobrar Couza alguma pellafalta dedinheiro, eComo *VossaExcelencia* foy Servido detreminarlhe mais hum mêz porSua portaria, ena auZencia dodito aespera da merce de*VossaExcelencia*, hoie dous doCorrente tornou para esta villa Com hua grave moLestia in Capaz depoder tratar deprocurar oSeu Remedio.

[p.2] EComtoda aSua moLestia Seveyo botar aos meus pez pedindo pelo amor deDe= os oamparaSse para Com *VossaExcelencia* aque lhedeSse tempo detomar alguma Cura, para poder Recadar *oque* Selhedeve Com mais Socego, evagar; promettendo em tudo Ser promptiSsimo emtodas as Ordens *que* *VossaExcelencia* ordenar, eaSsim afirmo a*VossaExcelencia* me Compadeci tanto delle nomizeravel estado em*que* o-

<sup>46</sup> Em algumas palavras o sinal de nasalização da conjugação da 3.ª pessoa do plural aparece no texto sob forma de um apóstrofe.

vi, *que* lhepeSso aVossaExcelencia pellas muitas honras *que* me faz lhedem mais Socego, *para que* Com este poSsa ir pago desta villa, *que* nunca foy Ruim homem Segundo omeu parecer, eSe em alguma parte Sedesmandou nunca Seria t[a]n= to, *quanto* SeaCresCenta dealgua falta *que* temfeyto, pello averem deSo= Licitadores *para* asCauzas, pois Sô Seacha nesta villa meo Compadre Ignacio Pereira, deproximo pella merCe, e honra *que* VossaExcelencia foy Servido Conceder[me] por orar porelle, deque noSso Senhor lhe hade pagar Com aSuagloria.

Francisco deAzevedoCurduvil aqui Seveyo vaLer taõ bem de= mim para oprovimento *que* novamente precura de EsCrivaõ das No= tas, por Selheir aCabando otempo porlheparecer *que* aSsim oalcanÇarâ, eComo hoi seacha cazado, eSua *molher* Sevaleo demim *para* Padrinho doSeu Cazamento, taõ bem meveyo Com adita petiçaõ, eComo odito Francisco deAze= vedo hoi lheacho muita Capacidade Com melhor modo etermo deSrvir; peSso aVossaExcelencia obre *oque* for Servido neste *particular*, ebem Conheço odezamaziado do= meu atrevimento empedir aVossaExcelencia por todos os*que* Sevem vaLer demim, mas Como omeu genio Seia Compassivo, dev[o] favorecellos Com amerCe, honra deVossaExcelencia.

As trez Cartas *para* avilla de Sorocaba Logo as Remetti as= peSsoas *aquem* tocava.

Naõ Semeofferece mais *que* ficar Comprompta *vontade* *para* dar gosto aVossaExcelencia emtudo *oque* for Servido mandarme pedindoaDeos lheAssista Com aSaude muy perfeyta *para que* todas as Suas determin= naÇoens tenha nellas bom SuccesSo.

O Ceoguarde aVossaExcelencia para meu Senhor. Itû

[p.3] Em 2 de Março de1733 annos

DeVossaExcelencia

Excelentissimo Senhor Antonio Luis deTavora Governador eCappittam General

Muito humilde Servidor

Joam deMellodoRego

PHPB - SP - século XVIII - Carta 14 - **Imagem de CD-ROM: 034**

Local: Ararituaba (Porto Feliz)

Data: 30 de setembro de 1733

Autor: *João de Mello do Rego*, 38 anos, capitão mor da vila de Itu

Genealogia: talvez português, faleceu em Itu em 1771 aos 94 anos de idade, com inventário (1779) não publicado pelo AHESP.

Destinatário: Guilherme da Silva

Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo

Referência: Aldeamento de índios – C00228 - 2-3-31 – [publicado no Boletim nº 5/1945, p. 162-163], edição comparada.

Edição: Simões, José (2005)

[*Senhor*]<sup>47</sup> Guilherme da Silva  
[*Excelentissimo*]

Nunca cuydey *que* os passatempes, dos divertimentos devossamerce meocazionace moles tias, enaõ ha duvida que fazendome todas as Cabeleyras de graSa inda naõ mepaguava, o*que* t[en]ho o]zado. Sobre oSeofilho levado do emguano, *dequem* naõ esperava.

OFrancisco Pacheco EmbarCandose com toda a Sua gente, estan do Seo Pay navilla memandou dizer, emararituaba, donde meacha va Com o*excelentissimo* *Senhor* Conde despedir atropa, *que* o filho devossamerce vinha na Canoa, eotiraçe, Como odito naõ chegou atempo deeu opoder fazer deichey ordem *para* otirarem elevar*para* avilla; e*para* mais seguranSa Recomendey aAntonio Joseph *que* Seachava, pRezente, o tiraçe; Recolhendose *para* avilla mediSe já Setinha tirado o menino, e*que* logo chegava; d[isto]<sup>48</sup> dey parte a Sua *exçelencia* eComo naõ cheguaçe, odito mefoy pReçizo [mandar]<sup>49</sup> a Antonio Joseph Eoutra peSoa, atraS [doSugeito]<sup>50</sup> eabacho dabarra deSo roCa[ba], m[ei]o dia deviaçe alcansaraõ omoSso, etrouxeraõ odito menino, *que* Seacha emCaza doCapitam Mor Manoel deSam Payo. antes que tenha outra, Como eSta, fora de pareSer, pediSe, ao*excelentissimo* *Senhor* Conde lhemandaçe dar *para* oCriar, *que* Como naõ tem May CareSe detertrato, e eSte S[êr]<sup>51</sup> *quem* lhedoy. eobom he crialo depequeno Comadoutrina em*que* hade ficar. eordenando odito *Senhor* que oReColha, venha logo buscar *que* nenhu aduvida hã emSeentregar, e devame *vossamerce* eSte trabalho, porlhedizer *que* atal crianSa naõ hia, *para* oCuyava, fico *para* Servir avossamerce *aquem* Deos *guarde* ararituaba 30 de *Setembro* de1733 annoz

Servidor devossamerce  
Joam de Mello do Rego<sup>52</sup>

Em virtude do despacho de V. ex.<sup>a</sup> enformo q. Fran.co Pacheco está alistado no 1.º da lista g.l p.<sup>a</sup> ir a conquista e está fazendo canõas e mais necessarios p.<sup>a</sup> a sua cometiva hé oq. posso enforma.r a V. Ex.<sup>a</sup> e ordenará oq. for servido. Ytú, Agosto 28 de 1733.

Joam de Mello do Rego

<sup>47</sup> Antece o nome do destinatário uma letra que pode ser lida como [S] ou [&], optamos pelo desdobramento em [*Senhor*] uma vez que o paleógrafo sugere a leitura como [*Excellentissimo*] para o sinal que aparece na primeira linha das cartas até aqui transcritas.

<sup>48</sup> Sugestão do paleógrafo do AHESP.

<sup>49</sup> O trecho está dilecerado no origianl. Este vocábulo é uma sugestão do paleógrafo do AHESP. Talvez a transcrição tenha sido feita a partir de outra cópia do documento.

<sup>50</sup> Sugestão do paleógrafo do AHESP.

<sup>51</sup> Sugestão do paleógrafo do AHESP.

<sup>52</sup> Segue um despacho transcrito pelo arquivo do estado no Boletim n.º 5/1945, p. 162.

PHPB - SP - século XVIII - Carta 15 - **Imagem de CD-ROM: 74**

Local: Aldeinha de Nossa Senhora da Escada (Guararema)

Data: 26 de abril de 1735.

Autor: Frei Thomas de Santo Antonio

Genealogia: ?

Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo

Referência: Aldeamento de índios - C00228 - 2-6-18 [publicado no Boletim nº 7/1947, p. 134-135], edição comparada.

Edição: Simões, José (2005)

Senhor Coronel

Como quer que tenha o Recurso do Senhor Conde Longe ea[mat]eria ser hû= tanto escandeloza merecorro aVossamerce como vizinho demais perto elhes pe Sso pello amor de Deos ponha algû Cobro nos dezaforos quefazem nessa Aldea os filhos do Tinente Coronel Sebastiam de Siqueira que he Lastima somente oConcideralos; pois hû por nome Jozeph anda amancebado âbastantes annos comduas Irmans aSaber Thereza Solteira e Monica Cazada, das coais ten tido filhos, e estan emcaza do Tinentte Coronel Seu avô eomarido daMonica porver odezaforo de Sua molher comoditto filho doSobredito aSima nomeado ôJozeph, seauzentou âSeis me[Zes] desta Aldea, meConsta naõ âde tornar aAldea por respeito dota[l]moSso; pois oameaçou; eu Suponho, que Vossamerce disto Sabera melhor, doque eu; eComo obrigeiâesta âCaZar por âtirar desta mâ oCaziam. mequer oditto muito mal, enaõ sô SeContenta Comestas como também haveria dous meZes Seamacebou coma Luzia bastarda, eoutro por nome Sebastiam comAnna filha daditta aSima declarada, que he humdezaforo actual; pois dedia, enoute naõ falham nesta Aldea e metendoce emSua CaZa, que nos fichamos asnoSSas portas pellos naõ vermos, efazendo [eu ja]<sup>53</sup> aVizo detudo isto aSeu pâi, Suponho, foi pior; pois agora Commais frequencia, eporeste respeito induzindo aos indios, aque menaõ obedeçam, eque mefaçam algumas descortezias afim denosdesgostarmos, [e]Sairmos para elles ficarem mais aSua vontade, que he oque Suponho havemos defazer cedo etc.<sup>54</sup> Deos guarde aVossamerce ComSaude eVida para o Seu emprego. Aldeinha 23 deAbril de 1735.

DeVossamerce amante Servo

Frei Thomas de Santo Antonio

AoSenhor Francisco Pintodo<sup>55</sup>

RegoCoronel Regente de Moyi iJaca

rahy guarde Deos muitos annos

em

SuafaZenda

<sup>53</sup> Sugestão do paleógrafo.

<sup>54</sup> No manuscrito aparece grafado da seguinte forma [e&r.a].

<sup>55</sup> Endereçamento no verso da carta.

PHPB - SP - século XVIII - Carta 16 - **Imagem de CD-ROM: 76-77**

Local: Aldeinha de Nossa Senhora da Escada (Guararema)

Data: 24 de agosto de 1735.

Autor: Frei Thomas de Santo Antonio

Genealogia: ?

Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo

Referência: Aldeamento de índios – C00228 - 2-6-28 [publicado no Boletim nº 7/1947, p. 212-213], edição comparada.

Edição: Simões, José (2005)

Senhor Coronel SeVossamerce tivece posto ocobro, *que* lhepedi ostempos paSsados nes  
tes deZaforos, naõ meSocedera agora huma perturbaçam Comoindio  
João Irmaõ, ealcoviteiro dasduas Irmans amig[a]s [rasurado] do Jozeph filho do  
Tenente Coronel *que* por oreprender algumas VeZes por concentir osa  
deZaforos deSuas Irmans emSua CaZa medezobe<de>ceo [h]û [rasurado] dia  
destes mandandoô buscar hû pouCo de milho detal sorte, *que* memo  
veo adarlhe duas panc[qu – rasurado]adas Com huma bangala, *que* namaõ tinha  
eelletam soberbo, *que* travancou a mim, *que* senaõ estivecem tres homéns  
brancos sertamente [? - rasurado]mehavia soceder alguma desgraça finalmente anda  
isto *muito* deZaforado tanto asindias Com[o es]tes moSsos eRogo aVossamerce  
de[d]<sup>56</sup> parte detudo, *que* sober narelidade ao Senhor Conde *para*que ponha os  
Seus olhos nesta Aldea, [*que*]<sup>57</sup> Sua exSelencia naõ puZer cobro nisto  
mais Conta nostem recolhermos anoSsa Religiam, *que* nella aVemos  
deaChar Refeitorio, Coro Sela, ealtar Comtodo oneSeS[r – rasurado]ario; *oque* aqui  
nada temos; pois nos *naõ* dam oSustento, nem devestir, nem Sera,  
vinho, eostias, etodo onêceSsario *para* oornato doaltar, eVossamerce bem  
SabeoComo aChamos Coando della tomamos poce, eagora oComo  
SeaCha, enoquetoC[qu – rasurado]a aosindios naõ digo aVossamerce nada, pois detudo  
tem noticia *que* Veviam e[rasurado]morriam Como ereges<sup>58</sup>, eagora ja pa-  
recem emparte Chr[rasurado]istaos, enaõ digo mais *porque* Vossamerce como vezinho  
Sabera detudo melhor dequeeu Somente lhepeço Rogue a Deos por  
mim *para* *que* mede[d]<sup>59</sup> paciencia *para* Suportar, estes infieis, *que* eunaõ  
Seço derogar aDeos porVossamerce *que* oguarde ComSaude eVida *para* oSeu  
Santo Serviço *etc*<sup>60</sup> Aldeinha edeAgosto 24 de1735  
DeVossamerce Cappellam eServo  
Frei Thomas deSanto Antonio

AoSenhor Francisco PintodoRego<sup>61</sup>  
Coronel Regente de Moyi iJaCarahy  
*guarde Deos* muitos annos

em

SuafaZenda

<sup>56</sup> Este [d] aparece jambado ao final do verbo. Suspeitamos que sua ocorrência se dê em consequência da escolha do pronome de tratamento de respeito [Vossamerce], como ocorre em outro verbo mais abaixo. Também pode ser lido como uma palavra acentuada [dê].

<sup>57</sup> Sugestão do paleógrafo.

<sup>58</sup> O [s] final da palavra aparece jambado e pode também ser lido como [z]. Optamos por registrar como [s] pela variação do uso de palavras jambadas.

<sup>59</sup> Também pode ser lido como uma palavra acentuada [dê].

<sup>60</sup> No manuscrito está grafado assim [r.a]

<sup>61</sup> Endereçamento no verso da carta.

PHPB - SP - século XVIII - Carta 17 - **Imagem de CD-ROM: 81-82**

Local: Aldeinha de Nossa Senhora da Escada (Guararema)

Data: 21 de setembro de 1735

Autor: Thomaz de Santo Antonio

Genealogia: ?

Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo

Referência: Aldeamento de índios – C00228 - 2-6-29 [publicado no Boletim n.º 7/1947, p. 215-216], edição comparada.

Edição: Simões, José (2005)

*Excelentissimo Senhor*

Recebi huma portaria de *Vossa excellencia*, aqual apus na Coroa daminha Cabeça; [e] ainda *que* nella vy o maõ enforme *que* a *Vossa Excellencia* sedeõ do Cazo sucedido nesta Aldea Com o Indio Joam, ea *SSim* havia de Ser pello enformador naõ fazer oque devia *que* era enformarce das peSsoas *que* pRezenciaraõ o ditto Cazo, oque memotivou atirar esta justificação Judicial, pera *que* pRostrada aos pes de *Vossa Excellencia* seya servida ea Creditada *quando* esta naõ baste mandarei tirar outra a Ta[u]baté deõtro homem branco Irmaõ do *Cappitam* Joaõ Ferreira Torres *que* taõ bem se achou namesma o *CCaziaõ*; fizes-ta deligencia Somente para *que* *Vossa Excellencia* menaõ expulSe de Sua graça, pois debaixo de Sua pRotecção hé *que* aqui estamos, detal Sorte, *que* *quando* me vejo Com alguma molestia e necessidade Concidero, e publico *que* *Vossa Excellencia* hé o *que* áquy me pòs. No *que* toca ao Ser Rigurozo eu no Castigo, *Vossa Excellencia* Sepode mandar informar por peSsoa *que* neste particullar falle dezentresado, *que* lhe afirmo a *Vossa Excellencia* *que* há hum anno, e hum mes *que* estamos aqui, Somente ahum Indio por nome Salvador, pedy ao Coronel Francisco Pinto o mandasse Castigar, paSsando, e Sofrendo tantas desCortezias *que* me fazem. pois chegaraõ aroubar a Caza em *que* moramos, e furtar della bastante milho, e outras couzas Comestives. Como taõ bem da Sachristia Cortarem dois panos dehua Sobrepelly nova, e detudo isto dey parte, eme queixei ao Tenente Coronel Sebastiam de Siqueira, anada poz Remedio, nen RepReenSaõ alguma Como taõ bem me queixei ao ditto de muitos de Zaforos *que* Seus filhos fazem nesta Aldea Com as Indias, e foy o mesmo, enaõ sei Sedija<sup>62</sup> a *Vossa Excellencia* *que* foi pior; etudo isto estamos sofrendo, Só por Servirmos a Deus, e agradarmos a *Vossa Excellencia* *que* Deos guarde por muitos annos Com Saude e vida par[a] *que* chegue avistarçe Com a *Excellentissima* PeSsoa

[p. 2] Daminha Senhora Condessa *aquem* tomo por minha pRotectora nagraça de *Vossa Excellencia etc.*<sup>63</sup> Aldeinha de Nossa Senhora da Escada 21 de Setembro de 1735 annos

[?]

De *Vossa excellencia* Seu Perpetuo orador, e Servo  
Frei Thomas de Santo Antonio

<sup>62</sup> [dija] por [diga]

<sup>63</sup> No original: [&r.a].

PHPB - SP - século XVIII - Carta 18 - **Imagem de CD-ROM: 78-80**

Local: Jacareí - Aldeinha de Nossa Senhora da Escada (Guararema)

Data: 3 de setembro de 1735

Autor: Antonio Pereira da Silva, escrivão

Genealogia: talvez português

Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo

Referência: Aldeamento de índios – C00228 - 2-6-29 [publicado no Boletim n.º 7/1947, p. 217-218], edição comparada.

Edição: Simões, José (2005)

Senhores oficiais do Senado da Camera

Dis Frei Thomas do Santo Antonio Religiozo Se Ra fico, e Superior da Aldeya de Nossa Senhora da Escada, que para bem de sua Justiça ejustificaçam de Sua verdade perante o Excelentissimo Senhor Conde lhe hê neceSsario hua' Certidam devossasmerces em que ConSte a forma em que eStava adita Aldeya anteS que elle, e seu companheiro focem aSistir nella, por mandado do seu Provincial, e ordem do Excelentissimo Senhor, e modo em que de prezente se acha adita Aldeya Se Com menos; ou mais aumento tanto no temporal, Como no Espiritual, outro Sim se he' Rigorozo no Castigo, e se lhes Consta avossasmerces ter casti[ga] do algû Indio ahu' anno fizico queahiesta, sendo elles merecedores de muito por seus Latrocinios, amâcebament[os], e maõ proceder. finalmente se he' util aaSistencia de Sa Cerdotes nadita Aldeya.

P.D.

P[êço] avossasmerces lhe façam merce paSsar adita Certidam Jurada do que naverdade Soub[e] rem.

*Espera Receber Merce*

oescrivão denoSa Camera paSe<sup>64</sup>  
aSerttidaõ que oSupplicante EReligi  
oso pede. pello noSo Imforme  
Jacarahy; emnoSo Segnado da  
Ca[mera] deSetembro3de1735 Annos  
eEu An[t]onio pereira daSilva  
escrivão daCamera que oescrevy  
Saa Moreira Nunes Ssã Coelho<sup>65</sup>

[p. 2] Certificamos<sup>66</sup> Nos; os oficiais do Senado da Camera nestta Villa de NoSa Senhora da Com Sei[p]ção deJacarahy eSeu termo. este prezente Anno; pellas ordenasoinis de Sua Magestade; que

<sup>64</sup> Esta nota do escrivão está escrita à margem esquerda inferior do documento e tem outro punho. Foi assinada por outro autor.

<sup>65</sup> Cinco assinaturas diferentes.

<sup>66</sup> Nesta página do manuscritos encontram-se grafadas em dobro letras [tt] e [ff]. Optamos por transcrever apenas umas das letras, uma vez que o recurso parece ser uma escolha estética de grafia das mesmas letras. Da mesma forma, optamos por registrar sempre como [s], as variações gráficas que poderiam ser lidas como [z], uma vez que o escrevente não aumenta essa letra como o fez quando quis registrar um [Z], como em [pReZente].

Deos *guarde*; *etcetera* em como pella petição que perante  
nos nos foi apresentada do Reverendo Supli  
cante o Padre Frey Thomas de Sancto Anto  
nio; Religioso do Sarafico São Francisco  
do que nella alega Certificamos de Baixo do  
Juramentto de noSos Cargos, que no tempo em  
que odito Suplicante Religioso adeJunto  
Com Seu Companheiro tomaraõ poSe. Com  
aSistencia daldeya deNoSa Senhora daesCada  
destrito da Villa de Mogy por ordem que ti  
vemos nutiSia <formal> do ESelentissimo Senhor Conde e  
Capitaõ general. acharaõ adita aldeya fei  
ta tapera echeya deMatto. o queoye esta  
descuberta eCommis augmen[to - manchado] enos  
Consta por Serteza que os Indios della  
por Severem oye Coregidos. Com a doutrina  
Cristam emque ospadres os eizercitaõ  
que de Antes anão tiveraõ Sequixaõ; mas  
doCastigo que lhe fazem naõ Sabemos  
So Sim; que estando os ditos Religiosos  
naditta aldeya! naõ taõ Sõ he Serviço de  
Deos; pera os Indios Como pera aCudirem

[p.3] Aqudirem atodas asneSeçidades dos mora  
dores que vezinhão nadita aldeya; epor aSim  
paSar na verdade; paSamos; apRezente Ser  
tidaõ Jurada Como nopRinçipio Sedeclara  
por nos aSignada com os noSos Signais  
Sõ mentes. neste noSo Segnado daCamera  
aos tres dias do mes de setembro demil esete  
centos etrinta eSinco Annos; eEu An  
tonio pereira daSilva escrevaõ daCame  
ra que oescrevy  
desta 160reis

David deSaa<sup>67</sup>

Jozeph Alvares moreira

Domingos Nunes Paes

AmaroCorreadeSsã

Sebastiam Marques Coelho

---

<sup>67</sup> Além desta, seguem-se outras quatro assinaturas diferentes.

PHPB - SP - século XVIII - Carta 19 - **Imagem de CD-ROM: 0059 e 0060**

Local: Aldeinha de Nossa Senhora da Escada (Guararema)

Data: 12 de maio de 1736

Autor: Frei Callisto de Santa Elena

Genealogia: ?

Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo

Referência: Aldeamento de índios – C00228 - 2-7-4 [publicado no Boletim n.º 8/1948, p. 10-13], edição comparada.

Edição: Kewitz, Verena (2005)

Excellentissimo *Senhor*

Reprezenta a *Vossa* Excellencia o Seo humilde Subprior da Aldeia de *Nossa Senhora* da Escada *Frei Callisto de Santa Elena* o grande disturbio em *que* se acha adita aldeia motivado dos *filhos* do Tenente Coronel Sebastião<sup>68</sup> de *Siqueira*, Sendo a *Cauza*, deter admoestado ao dito Tenente puseSse<sup>69</sup> cobro nos *Seos filhos* e escravos por Serem estes perturbadores das Almas da dita aldeia, vindo a ella de noute ededia; efazendo as Indias hirem a Sua fazenda, como mediceraõ duas, *que* as achey de noute fora hindo correr adita Aldeia com o *Capitam* della, mais outro Indio. Vendo pois os ditos moSsos queixavame Eu destes disturbios, enaõ Menos apartava<sup>70</sup> as Indias na doutrina sobre amesma materia, tendo hido odito Seo Pay para a Villa cómeSsaaraõ aendusir aos Indios, e Indias para menaõ obedecerem; deSorte *que* nem quem mecozin= haSse quiserã tiveSse, enem hu' Indio *que* tinha vindo defora, eRecolhido ácozinha athê eSse momandaraõ indusir pello *Capitam*, emepuserã deSomana sem ter *quem* medê nada, esperando por algu' paSageiro para medar alguã agoa elenha. [espaço] Com estas desatençoens', edescortesias estou aquy por naõ dar a minima molestia ao Tenente. Sendo *que* naõ sey deixaria alguã couza dita aos *Seos filhos* porlheter ad= vertido, o*que* aSsima digo. [espaço] Nestes termos posto o*que* fas admirar atodos, tenho feito tençaõ feichar a Igreja, emehir para omeo Convento; porem como obediente Subdito naõ oquero fazer Sem dar parte a *Vossa* Excellencia. [espaço] As Minhas Culpas saõ oquerer fazer aminha obrigação attendendo para o Serviço de Deos, ede Sua Magestade, *que* Deosgarde No zello que tenho da aldeia, eCulto Divino, naõ digo nada; porque tudo deixo ao exame de *Vossa* Excellencia. [espaço] Equal odo administrador, preguntese atodos, e ainda aos mesmos Indios. [espaço] Dia da Ascençaõ de Chri[st]o [dilacerado]<sup>71</sup> estando detarde na Igreja emcómendandome a Deos, *que* Sabe Deos quem Seemcómenda, vy ao *Padre* Companheiro comvozes alteradas naporta da *Caza*, ao*que* acodindo pergunteilhe o*que* tinha ou o*que* hera Socedido ? DiSseme odito *Padre*, *Padre* Subprior, vamonos embora feichemos aporta pois aquy nosnaõ querem; Etornandolhe apreguntar acauza ? MediSse, agora mediSse hua India, *que* o *Capitam* da aldeia tinhá ordem do *Senhor* Joseph para vegiar as Indias, *que* entraSsem dentro desta Casa alevar alguã couza, compena de Serem a Soutadas, / Sendo *que* athê agora, meo *Senhor*, Sempre foi uzo, ehê em[tod]as<sup>72</sup> as Aldeias /. Acómodei ao *Padre* dizendo: tiveSse paciencia athê avisar a *Vossa* Excellencia; eComo acolera do *Padre* ainda estava alterada, cómeSsou agritar contra o *Capitam* e acharlhe alguns' nomes, *que* hê odezafogo, *que* podemos ter, por nesta aldeia nem tronco, nem prizaõ hav[er] eSer o*que* mais metem des obedecido semfazer cazo algum do*que* lhedezia acerca da Aldeia . Neste cómenos appareceo elle dito *Capitam* comdous paos delenha por d[es]farce, ecom huá faca deponta boa na maõ pi<o>s<sup>73</sup> junto do*Padre* o*que* vendo Eu griteilhe eo*Padre* entrou aSella [a]buscar hu' faconete sem ponta, como setem vis to para Sedefender; eapegando tambem no*Padre*, naõ para *que* imaginaSse Eu offend[e]ria ao Indio como se colhe daboia Rezaõ, Senaõ para *que* naõ chegaSse o Indio aofendello; ainda contudo isto, Seavançou ahu pao dehu' paSageiro dizendo hera para Sedefender. [espaço] Vendo elle isto, eo*que* lhediSse havia dar Cont[a] a *Vossa* Excelencia, pois já metinha entrado em caza com amesmafaca entre hu' gibaõ<sup>74</sup>, tendo mandado

<sup>68</sup> Neste documento, a nasalização final das palavras é marcada por uma espécie de apóstrofe, ou seguido ou sobre as letras [o], [a], [u] e [s]. Optamos por grafar este sinal com um til sobre as letras [a] e [o], como em [naõ], [tençaõ], [mediceraõ], [alguã] etc. Mantivemos a grafia do apóstrofe posposto às letra [u'] e [s'], por ausência destes grafemas nos editores de texto.

<sup>69</sup> Como não há muita uniformidade na caligrafia de cada letra neste documento, algumas letras se assemelham. A primeira letra desta palavra pode ser lida como um “p” ou um “q”. Desta forma, pode-se ter as seguintes leituras: “pusesse” e “quesesse”.

<sup>70</sup> Também pode ser lido como [apertava].

<sup>71</sup> Talvez uma letra

<sup>72</sup> A jambagem da letra ‘g’ (alguã) na linha superior impede a leitura de aproximadamente 3 letras desta palavra.

<sup>73</sup> O autor fez a correção de [pis] para [pos].

<sup>74</sup> gibão = antiga vestidura, que cobria o corpo dos homens desde o pescoço à cintura; espécie de colete; veste de couro usada pelos vaqueiros nordestinos para se protegerem contra os espinhos das caatingas. (*Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, 1980, Mirador Internacional)

apegar emhuá India para [ac]astig[a]r, efoi visto do Companheiro, Eeu pello vi[sto] achei Ser arma defez[a] vestido, eCom agineta na[m]aõ, pReguntandolhe *oque* queria, foise sahindo; Ecomo detudo isto contando ao Tenente Coronel *para* o C[a]stigar, fes taó pouco Cazo, *que* imaginando Eu inquireiSse o Cazo, *oque* lhez<sup>75</sup> fo[y]

[p. 2] Dizerme naó ser posivel; tendo experiencia delle ser taó dezatento *que* nesta Aldeia diante do vezitador da *Companhia*, eoSubprior da Aldeia de Saõ Joseph atirou a hu' homem, *que* por lhenaõ apegar fogo aespingarda, o naó matou; Eagora a[p]ar[s]eo com ella *para* Seconhecer averdade detudo. [espaço] ASSim *que* logo Sepos asalvo hindo queixarse aVossa Excellencia antes *que* Eu ofizeSse . [espaço] Esta, Meo *Senhor* excellentiSsimo

Conde hê aSumma verdade; eSepode Vossa Excellencia informar do*que* digo, tendo em Saõ Paulo o Padre Domingos Machado, *que* entaõ hera Subprior e na occaziaõ oqueria o Padre Vezitador mandar casti - gar, epr[e]nder, naó obstante naó Ser Indio dosSeos, pello atrevimento que entaõ uzou. [espaço] Demim, edo*que* Relato Socedido naó digo mande Vossa Excellencia Saber, porque ninguem vio, eSó Eu *que* me achara na occa ziaõ com oPadre Mas entenda Vossa Excellencia hê amesma verdade. [espaço] Epara meo abono basta dizerem todos *oque* Saõ estes Indios, eeste principalmente. [espaço] Edaquy podemos fielmente crer, *que* tendo esta Al= deia hu' Cappellaõ por nome Salvador Correa, detal Sorte ocorrerãõ, *que* vendo Deos asdezatençoens *que* lheziferaõ detal Sorte os castigou, *que* cómeSsaraõ amorrer daly por diante Sem confiaõ tantos, *que* Se acabou adita Aldeia: Eestes *que* aquy estao, Saõ vindo denovo. Isto dizem os moradores; [espaço] Eelles dizem agora, como diSse hu' morador ouvira dizer ahu', *que* naó queriaõ aquy Religiosos. [espaço] Isto hê *oque* querem *para* viverem como Gentio. [espaço] Eu naó espero Senaó aordem de Vossa Excellencia, aquem venero

Como peSsoa deSua Magestade, eCatholico, *que* alias já metinha posto acaminho ; Enaõ Sem pouca cauza, pois naó Só do*que* aquy ex perimentamos, Senaó ainda Sem nosdarem decomer, enem quererem fazer nada; *que* SepaSsamos hê com bem median[i]a<sup>76</sup> pellos vezinhos noLodarem por Respeito de MiSsa, eConfiaõ, eestarem 6 Legoas dasFreiguezias. [espaço] Naó Semeofferece mais, *que* ficar as ordens de Vossa Excellencia, epor entanto pedir aDeos pRospere huá Saude perfeita *para que* chegue aver aSenhora Condesa com aquelles jubilos, *que* Vossa Excellencia dezeja. Deosguarde aVossa Excellencia etc.<sup>77</sup> Aldeinha 12 de Maio de1736

DeVossaExcellencia  
ExcellentiSsimo *Senhor* Conde dasGalveas  
HumildeSubdito eServo muito obediente  
Frei Callisto deSanta Elena

---

<sup>75</sup> Pode também ser lido como [fiz] como sugere o paleógrafo.

<sup>76</sup> O paleógrafo sugeriu a letra [i] para a reconstituir o trecho dilacerado.

<sup>77</sup> No original está grafado assim: [&r.a].

PHPB - SP - século XVIII - Carta 20- **Imagem de CD-ROM: 0057 e 0058**

Local: Aldeia de Nossa Senhora de Escada – (Guararema)?

Data: 22.[...].[18..]?<sup>78</sup>

Autor: Frei Joze da Visitação, religioso franciscano.

Genealogia: ?

Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo

Referência: Aldeamento de índios - C00228 - 2-7-14 [publicado no Boletim n.º8/1948, p. 29-30]

Edição: Kewitz, Verena (2005)

Reverendo *Senhor Padre* Mestre Guardião

Nodia Sexta-feira 22 do Corrente veio aesta Aldeya o Tenente Francisco Leite Director fazer patente [?] huma Ordem do *Illustrissimo e Excelentissimo Senhor General* Cujas Copias vey in clusa avista do que nam querem mais os Indios fazer, ao brigacoins deque Sam em Carregados pelo Directorio, *que* he fazerem Roça demilho, fejaõ, e Arros, dar em agua e Lenha, huma CoSinheira, e hum Rapas *para* lheajudar a Missa; Os Supriores na da Cobram dellez, e por isso he impocivel Sacerdotealgum aqui Subycistir por nam ter com que Sealimentar. Rasoins todas estas *que* me movem por meyo desta Visto Ou nam poder fazer peSsoas por nam ter aquem deixe Suprindo as minhas Veses. Suplicando a *Vossa Reverendissima* queira falar a Sua *Excelencia* para que haja de providencias; oudando-me meyo para aqui Subsistir; Ou Concedendo-me Licenca para Retirar-me. Otheor da Ordem he O Seguinte = dado em adata de des deste mes e Cujas Substancia Se Comprende<sup>79</sup> = 1.º Que fica *Vossamerce* izento da Diretoria. 2.º Que Comvocará aos Indios e lhe esplicara isto mesmo de Clarando ao *Capitam-mor* e mais *Officiaes* da Aldeya *que* espira a Sua Jurisdicam porque agora ficaõ todos unicamente Sugeito a Corpo da Ordenaça e as Justicas. 3.º Que os Indios podem Viver ondemuinto quiserem na emteligencia de que aqueles *que* forem Vadios hiram *para* apovoacam do Cubatam. 4.º Que *vossamerce* Continura a Recadar os DiSimos dessa Aldeya athe ofissio de anno de 1804 por *que*

[p. 2] Porque dahi emdiante Seram Cobrados pellos Seus Respectivos DeSimeiros. 5. Finalmente *que vossamerce* me entregara os Livros epapeis *que* tiver deSsa Aldeya para eu osfazer Recolher aSecretaria do Governo eEsta heaOrdem *que* o Coronel Tenente Arouxe Director das Aldeyas mandou ao Tenente Francisco Leite eavista disso peSso a *Vossa Reverendissima* faça o esforço pocivel em Relatar isto a Sua *Excelencia* ofim [sic] delle providenciar. e Com isto nam emfado mais a *Vossa Reverendissima* deste Seu Irmam e Subdito *que* lhe deseja todas as Suas felescidades

<sup>78</sup> Este documento deve ser do final do séc. XVIII ou início do séc. XIX, pois o mesmo autor escreveu uma carta da Aldeia de Escada em 4 de setembro de 1803. Esta carta deve suceder a visita do Gen. José Arouche de Toledo Rendon em 1798, pois refere-se às ordens emitidas pelo mesmo general naquela altura (*apud* RENDON:1978:37-75) e além disso, cita no corpo da carta o ano de 1804.

<sup>79</sup> O [e] final desta palavra está jambado, o que induz a uma leitura errônea como [compreender].

*De Vossa Reverendissima*  
Frei Joze daVizitação

PHPB - SP - século XVIII - Carta 21 - **Imagem de CD-ROM: 0054/55<sup>80</sup> e 0056**  
Local: Vila Boa de Goyas (Goiás Velho).  
Data: 29 de janeiro de 1740.  
Autor: D. Maria de Lara Leite  
Genealogia: brasileira, natural de São Paulo, 68 anos [nascida em 1672, filha do paulistano *Antonio de Almeida Lara*]  
Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo  
Referência: Aldeamento de índios – C00228 - 2-7-16 [publicado no Boletim n.º8/1948, p. 33-35], edição comparada.  
Edição: Kewitz, Verena (2005)

Meu *Primo* e Senhor;

Recebi huã *devossamerce*, estimando ver Regras suas; eaomesmo tempo; senti *oque* nela me espom; dizem em *que* em huã. - tarde chegaram aspeças de *vossamerce* aemtregar ao tenente gene[r]al e namesm[rasurado]a hora mandou este senhor aMariana de mimo Aminha Neta; *dona* Leonor Tereza Maria Gois; Namesma forma mandou, a-Serafina aminha *Prima dona* Leonor de *Siqueira* mulher *que* foÿ de Meu Primo Bertolomeu Pais *que* Deos aja; a Vitoria mandou aminha *Sobrinha dona* Izabel Maria Caetana de Araujo Mulher do Mestre de Campos Diogo Pinto do Rego; easmais *para* aAldeÿa dos Pinheros; e como estas Senhoras Receberam as ditas negras por mimo, eastrazem Muÿto estimadas, não mefica lugar, depoder falar emnenhuma delas coanto mais como o Senhor tenentegeneral, peço a com *quem* naô tenho tido, amenor corelaçaõ.; easim mefica a-des confiança deque por Meu Respeÿto naõ. obrara Couza alguã.; em coalquer materia, *que* lhe pedice [espaço]

Permite Noço Senhor; acresantarme *vossamerce* as penas *que* padeço empedirme Couza, em*que* onaõ. poço servir: [espaço]

Acompanho a *Senhora* minha *Prima* naspenas *que* padece deselhe tirar as suas [Pajis<sup>81</sup> ?]; dascoas se a Custumava[m] a seruirse; tive tanto gosto coando semme dise *que vossamerce* trazia sento e tantas peças; estegosto semedobra oje - empenas ponderando as *que vossamerce* ea *Senhora* minha *Prima* pade-se; Deos nos asista com suagraça, *para* com ela poder mos louvar aDeos noço Senhor; em todas as suas dis posiçoins. [espaço] O mesmo Senhor *guarde* aPeço[a] de *vossamerce* fe-

[p. 2] Felises annos oje 29 de janeiro de 1740 annos

<sup>80</sup> As imagens 0054 e 0055 correspondem ao mesmo documento.

<sup>81</sup> O paleógrafo sugere [Casis], no entanto, não há registro desta palavra em dicionários e, pelo contexto, pareceu-nos mais provável a opção por esta versão plural de [pagem].

de vossa merce  
Seu<sup>82</sup> Cappitam Salvador Martins'  
Prima e serva.  
Dona Maria de Lara Leite

Nos abaixo aSgnados juramos aos Santos, evangelhos  
eofaremos emjuizo SeneceSario for emComo heverdade o que  
dis aCarta aSima por Ser aSim publico, enotorio na  
Cidade deSaõ Paulo donde chegamos hapouco tempo. Vila  
Boa deGoyas 23 deMayo de1740 |  
Joaõ Martinz Pimenta [espaço] Joaõ deSouza Ga[frac?]<sup>83</sup>

Reconheço os Signaes e Letrado[spos ?] abayxoasig  
nados Serem dapropriã mã dos Contheudos  
nelle oque Reconhello<sup>84</sup> por ter visto fazellos de  
que dou fe eeu Joaõ Alvres daCunha Taba  
liaõ que oescrevi easigney em publico eRazo Vilaboa  
Vitenove deMayode mil sete centos equarentaannos  
[espaço] emtestemunho de Verdades  
Joaõ Aferes da Cunha<sup>85</sup>  
<Saõ 29=  
Cunha<sup>86</sup>>

---

<sup>82</sup> Esta abreviatura “S.” - se de fato a letra corresponde a um ‘s’ - pode significar “seu”, “senhor”, “servo” ou ainda “sargento”. Talvez ainda possa ser lida como um [T.], por [Tenente].

<sup>83</sup> Trecho escrito por outra pessoa, pois a caligrafia e a tinta são distintas das da carta em si.

<sup>84</sup> A rasura indica que o autor quis escrever [reconheço]

<sup>85</sup> Trecho escrito por outra pessoa, pois a caligrafia e a tinta são distintas das da carta em si.

<sup>86</sup> O autor corrige a grafia da data.

Local: Mboy (Embu)<sup>87</sup>

Data: 23 de outubro de 1783

Autor: Vicente Pedrozo de Camargo, alferes

Genealogia: brasileiro, nascido em Cotia ou Embú.

Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo

Referência: Aldeamento de índios – C00228 - 2-7-27 [publicado no Boletim n.º8/1948, p. 70-71], edição comparada.

Edição: Kewitz, Verena (2005)

*Illustrissimo Excelentissimo Senhor*

Como diretor Sou obrigado a hir aos pes de *Vossa Excelencia* qui =  
hemeu lugar. dar parte do que Susede nas aldeyas qui =  
heosiguinte, hú Indio por nome *Antonio* de Camargo  
Com Sua Mulher, edous filhos - hú por nome *Juaquim*  
eoutro por nome *Simáo*. dezertarão desta aldeya e  
seaxão a Situados ao pe de São Roque, segundo me-  
dizem nas teras do *Capitam* José de Camargo, . em 4 de a-  
gosto deste prezente anno, dezertarão 3 *Raparigas*  
*Sorteiras*. mandando eu dous Indios atras destas *para* astra-  
zer; foraõ topar Com as ditas 3 *Raparigas* em *Caza*  
destedito *Antonio* de Camargo, antes *Sim* este indio ou *Cu-*  
*rtou*. Ronpeu Com *Vozes* ativa epitulante. contra  
os meus portadores que foraõ bus car as ditas *Rapari*  
*gas*. que sieles não vortasem. efosem prudentes  
sertamente averia algua deszordemis, Como taõ  
bem nodia 20 deste Prizente mês fugirão 3 in-  
dios hú capatas dos animais - por nome *dumingos*  
*dias*. eoutro *Juaquim de Souza*. eoutro *Bonifasio*  
*Dias*. e segundo di[z]em foraõ. *para* as partes de *Viamão*  
*Vosa e Excelencia* Como *Juramento*<sup>88</sup> dara aprovidencia quelhe  
pareser. do Contrario dezertarão a *Aldeya*. Como  
taõ bem ordenão o que seade fazer aos que sai fora  
ganhar. Sem license de *Vossa e Excelencia* nem minha. *Deos*  
*Guarde a Vossa Excelencia* por di latados e felizes an nos oge [Bo - borrado]  
y[G - borrado]<sup>89</sup> 23 de outubro de 1783.

DE *Vossa Excelencia*

Umilde Sudito e obediente

Vicente Pedrozo de Camargo

<sup>87</sup> A origem do documento está registrada a lápis no manuscrito, feita talvez por um funcionário do Arquivo.

<sup>88</sup> Esta abreviatura também pode ser lida como [Senhor], como é a sugestão do paleógrafo.

<sup>89</sup> Este trecho borrado permite a leitura de [MBoy], que é a origem do documento.

Local: Aldea de Mboy (Embu) ?<sup>90</sup>

Data: 13 de setembro de 1788, data do despacho registrado na carta.

Autor: Francisco da Cunha Lobo

Genealogia: brasileiro, com inventário não publicado [de 1789] no AHESP.

Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo

Referência: Aldeamento de índios – C00228 - 2-7-31 [publicado no Boletim n.º 8, p. 79-80], edição comparada.

Edição: Kewitz, Verena (2005)

*Illustrissimo Excelentissimo Senhor*

Os Indios são livres, por esta Razaó, quando não são criminosos, nem vadios, esse empregado no serviço de alguém, para ganharem sua vida, devem servir a quem muito quizerem. Só os Vadios, e que não tiverem ocupação, fazendo desordens por fora, devem ser logo recolhidos às Suas respectivas Aldeyas. [espaço] São Paulo 13 de setembro de 1788.<sup>91</sup>

B.

Com amais reverente Submissam, e respeito, representa a Vossa Excelencia Francisco da Cunha Lobo, Director da Aldea de Boú, que permitindo lhe Sua Magestade pelo Seu Real directorio, o ter em Sua Caza hú Indio da Sua respectiva Aldea, para as disposições da mesma, Avizos, [espaço] remessas de Cartas e mais distribuições das Ordens de Vossa Excelencia, concervava o Suplicante para o referido, hú rapaz de Nome Francisco, o qual induzido por Francisco de Figueiró talverneiro desta Cidade, fugio do Suplicante e desertou a Aldea sem que bastassem as diligencias do Suplicante e dos mais Officiaes da mesma, para a Sua recondução [espaço] Excelentissimo Senhor agora apresentace ao Suplicante o requerimento junto, feito em nome de hú Irmão do Suplicado preso na Cadea desta Cidade com despaxo de Vossa Excelencia para a concervação do dito rapaz em seu poder, ao qual dá o Suplicante a promptissima Execução como tem obediencia Subdito de Vossa Excelencia, em cuja presença poem ao mesmo tempo om[ey]o<sup>92</sup> tam illicito, e impraticavel com que fortiva e violentamente foi tirado da Aldea, e da Caza do Suplicante o dito rapaz. Seguindo ce da Sua Concervação na C[om]panhia dos Suplicados, péccimas consequências pelo Máo Exemplo aos mais em prejuizo da boa disciplina, educação e obediencia, em que devem concervar-se portanto./

Para Vossa Excelencia seja servido permitir ao Suplicante, para a satisfação delle, e de toda a Aldea recolher o dito rapaz Francisco, e pôr em Seulugar outro Indio, a eleição do Suplicante como Vossa Excelencia

lhe concede por

Seu despaxo, precedendo o ajuste do Selá[rio]<sup>93</sup> que deve vencer, na prozencia [sic] do Suplicante como Seu Director, na forma do Costume

*Espera Receber Merce*

<sup>90</sup> Ver referência ao local no conteúdo da carta.

<sup>91</sup> No original, esta parte apresenta caligrafia e tinta diferentes do restante do documento. Mantive a disposição do texto tal como no original. Este despacho está associado às constantes críticas efetuadas por José Arouche de Toledo Rendon (apud RENDON, 1978:35-75) acerca da escravidão dos índios.

<sup>92</sup> Sugestão do paleógrafo.

<sup>93</sup> Adotamos esta opção em concordância com a sugestão do paleógrafo [salário].

Local: São Paulo

Data: 15 de setembro de 1799

Autor: Pe. Jozé Joaquim Mariano da Silva Cezar

Genealogia: talvez brasileiro

Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo

Referência: Aldeamento de índios – C00228 - 2-7-39 [publicado no Boletim n.º 8/1948, p. 88-91), edição comparada.

Edição: Kewitz, Verena (2005)

*Illustrissimo Excelentissimo Senhor*

Emcumprimento da Ordem de *Vossa Excelencia* a respeito do estado das tres Aldeas informo, que os Indios de Crapocouva<sup>94</sup> vem , *muita* parte deles, e se conserva a *Sua Ireja*<sup>95</sup> nosen tro de hum grande quintal, que este he atacado - com valos noqual notempo dos extintos Jezuitas - faziaó suas lavoras, assim como plantavaõ dilatados mandiocaes, deque extrahiaó a farinha *para* assua sus tenta*Ssaõ*, eigoal *mente* algodoaes deque sevestiaó por ser aquele terraó de reconhe*Ssida* produ*Ssaõ para* estez dous generos: deannos porem aesta parte sevem privados daquele meyo, com oqual mais suavemente sere mediavaó das necessidades, que neles he trevial res= peito afome, e desnudes, por quanto os valos por an= tigos seachaó aruinados impartes, alem dodano, que os fogos de cada anno, lansados por pessoas depouca cautela , *vezinhas*, nos campos contiguos aodito quintal, *que* apenas sedevide pelos valos, ajudados os referidos fogos dos ventos passaó alinha dos feixos, e insendiaó osobre dito, que o mesmo a Conteseria ao proprio Templo se este fora Cuberto depalha po is consta, que algumas cazas dos mesmos Indioz - *amuito* custo se tem defendido daquele fogo lavo= rante nas ocazioens que tem oCorrido.

O dito quintal seacha imaberto, por que se lhefazem algum concerto, como ja vi praticado peloz Indios, *para* vedar as cria*Ssoens* dediferentes *vezinhos*, *que* aly entraó apastar todo anno, vem o fogo Com so me o mato, ou feital, que antes estava cobrindo as ruinas, ou fraqueza dos valos, reconhessem as cri a*Ssoens* as partes por onde podem fazer assua en= trada, e por estes passaó quando emcontraõ segu ran*Ssa* nas partes retificadas, oque naó aconte se hoje ou há annos, por que todo seacha fran co e se conserva, como campo comum; ese alguns Indios tem alguns retalinhos do mesmo quintal atacados com cercas saó taó lemitados osterrenos, que nomeo conseito so daó *para* pouco mais que huma orta de repolhos, ficando assim

<sup>94</sup> Talvez [Crapocouva] por [Carapicuiaba].

<sup>95</sup> Talvez [Ireja] por [Igreja], a jambagem do [I] permite este leitura.

mesmo parte da Aldeâ, eaIreja [sic] sem defeza

[p. 2] das criaSsoens, onde tambem asparedes, daneficamSse es  
tas, emuitas vezes debaixo do terreiro da mesma serres=  
goardaó dosol, e xuva.

Havendo aprovidencia de serem obrigados  
os Indios, que sequizerem izentar dotrabalho aque  
unidos com osmais zelozos verifiquem os desman  
xos dos valos, eaque os vezinhos confinantes, que  
tiverem direito naqueles campos de fora por pro=  
prios ou foreiros os naó queimem sem fazer sa  
bedor ao Director dodia para os Indios aserarem, ede  
fenderem oseo quintal noato dofogo, he sem  
duvida, que naó entraraó mais criaSsoens, nem  
deixaraó deplantar querendo trabalhar, para se  
remirem das suas necessidades

O Director Antonio Bicudo he de Reconhe  
cida probidade, esó perde nomeo paresser por  
abitar hum tanto distante atempo, que o Inspector  
Sargento-Mor Martinho Alves de Figueiredo desta  
Aldea he ovezinho mais proximo, que comodamente  
pode derigir as necessarias providencias emcum  
primento das Ordens, que de *Vossa Excelencia* obtiver.

Oz Directores actuaes de Imbou, eIta  
peserica he constante, que Com Zelo, eactividades  
seimpregaó nas deligencias uteis, e consernen  
tes para oaumento, econservassaó das Respecti  
vas Aldeas, movendo juntamente aos Indios, quan=  
do neles reconheSsem tibieza, aque trabalhem,  
efassaó as suas plantassoens vantajozas; a  
sim como naó perdem devista oevitarlhes to  
das asocazioens deque podem sugerir algumas  
des ordens, eomesmo seve praticado pelo res  
pectivo Director de Imbou arrespeito das cria  
soens, que aly se conservaó pertenssentes a  
*Sua Magestade*; noque igoalmente setem intereSsado  
o Inspector Conforme<sup>96</sup> as contas, que tem aprezen  
tado notribunal daReal Junta.

Dasmencionadaz

[p. 3] Aldeas consta acharemSse alguns Indios dezertados por di  
ferentes districtos: hé oquanto alcansso eposso por na  
respeitavel prezenssa de *Vossa Excelencia*; que mandará o  
que for servido. [espaço] Saõ Paulo a 15 de setembro -  
de 1799

Coronel<sup>97</sup> Jozé Joaquim Mariano de SilvaCezar  
Capitam r[e]formado<sup>98</sup>

<sup>96</sup> Este termo também permite a leitura [confere].

<sup>97</sup> O paleógrafo sugere a leitura [A Jozé Joaquim Mariano], mas acreditamos que esta carta foi escrita pelo próprio. O mesmo era coronel.

<sup>98</sup> Estas duas últimas linhas encontram-se no pé da página do original.

PHPB - SP - século XVIII - Carta 25 - **Imagem de CD-ROM: 84**

Local: Queluz

Data: 14 de dezembro de 1800

Autor: Padre Francisco das Chagas Lima

Genealogia: brasileiro, talvez natural de Curitiba.

Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo

Referência: Aldeamento de índios – C00228 - 2-8-7

Edição: Simões, José (2005)

*Illustrissimo eExcelentissimo Senhor*

Pelo Director *que* vai informar a *VossaExcelencia* do estado tempo=  
ral de esta Aldea, não posso deixar de dar parte a *VossaExcelencia*  
*que* vou continuando na instrução aos Índios, a qual  
por não ter eu intelligencia do seu Idioma se faz difficul  
toza, mas não tanto, *que* brevemente não haja de baptizar al  
guns adultos, além dos infantes.

A esta vai junta hua  
relação por mim feita, *que* a *VossaExcelencia* não desagradará Ler,  
tolerando-me a grosseria do papel e escrita, por *que* o Lu  
gar e occasião não permittio outra couza.

A respeitavel

PeSsoa de *VossaExcelencia* guarde Deos muitos annos. Aldea de São João de  
Queluz aos 14 de Dezembro de 1800.

De *VossaExcelencia*

*Illustrissimo eExcelentissimo Senhor Dom Antonio Manuel deMello Castro e  
Mendoça*

o mais humilde Subdito

Francisco das Chagas Lima

PHPB - SP - século XIX - Carta 26 - **Imagem de CD-ROM: 0048**

Local: Nossa Senhora da Ajuda (Itaquaquecetuba )

Data: 09 de março de 1801

Autor: Joaquim Mariano da Costa Amaral Gurgel, capelão

Genealogia: ?

Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo

Referência: Aldeamento de índios – C00228 - 2-7-40 [publicado no Boletim n.º 8/1948, p. 92-93], edição comparada.

Edição: Kewitz, Verena (2005)

*Illustrissimo Excelentissimo Senhor Antonio Manoel de Melo Castro e Mendonça*

Satisfazendo a Carta *que* por Ordem de *Vossa Excelencia* escreveome o Sargento-mor ajudante de Ordens, Joaquim Joze Pinto de Moraes Leme, respondo *que* nos suburbios desta Aldeia *CirCunstanciado Com* al gumas<sup>99</sup> *qualidades e actividade para* Director dos Indios parece me suficiente Salvador Pereira de Pontes, do districto da Com CeiCam dos Guarulhos. [espaço] Quanto ao requerimento dos Indios he verdadeiro na parte *que* dis ser o actual Capitam Mor João de Lima, tibio frouxo, einneto *para* governar, pois alem dele ver estes defeitos gerais nos Indios do Brazil, creio *que* nele reina mais a priguica, a respeito dos dois nomeados no requerimento *para* Capitains Mores o Felis da Cunha ja eser ceo *odito* posto e teve baixa infame por intrigante, beba do, emais vicios abominaveis, o Joaquim Correa he o Soldado mencionado neste requerimento *que* deo pancadas no actual Capitam Mor, não he dos peiores Indios desta Aldeia, he rapas agil, so o axo algum tanto propenso a enbriages, defeito geral dos Indios. [espaço] He quanto poso informar a *Vossa Excelencia* Nossa Senhora da Ajuda 9 de Março de 1801.

De *Vossa Excelencia*

*Illustrissimo e Excelentissimo* Senhor

Capelam obrigado e Creado.

Joaquim Mariano da Costa Amaral Gurgel.

---

<sup>99</sup> Sugestão do paleógrafo para a palavra que também pode ser lida como [as gumas]

Local: São Paulo

Data: 18 de abril de 1801

Autor: *Jozé Arouche de Toledo Rendon*, tenente e coronel, 45 anos.

Genealogia: brasileiro, natural de São Paulo.

Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo

Referência: Aldeamento de índios – C00228 - 2-7-40 [publicado no Boletim n.º 8/1948, pl. 91], edição comparada

Edição: Kewitz, Verena (2005)

*Illustrissimo eExcelentissimo Senhor*

O *Capitam* Matheus da Silva Bueno, de quem Confio, me informou *particularmente*, que Salvador Pereira de Pontes he homem bom, e que no descripto da Aldea não ha outro que tenha iguaes qualidades para Director: E como igual informação dá o *Vigario*, parece justo, que *Vossa Excelencia* o haja de promover a Director.

Quanto ao *Capitam*-mor, não obstante Ser froxo inepto para governar, como dis o *Vigario*, comtudo melhor do que elle não há na Aldea; e por tanto deve ser conservado. Alem do que, pela experiencia que tenho do dito *Capitam*-mor, o qual muitas vezes metem vindo representar Coizas tocantes a Aldea, afirmo a *Vossa Excelencia* que em outras Aldeas os ha piores do que este; porque he muito difficultozo achar hum Indio Sem defeitos *Capitães*. He o que posso informar a *Vossa Excelencia* que mandará o que for *Serventia*<sup>100</sup>. São Paulo 18. de Abril de 1801

Jozé Arouche de Toledo<sup>101</sup>  
Director geral das Aldeas.

<sup>100</sup> A abreviatura pode ser lida “*Serv.<sup>a</sup>*” (=serventia) ou “*Serv.<sup>o</sup>*” (=servido).

<sup>101</sup> Estas duas linhas aparecem no canto inferior direito da página. Como não aparece o sobrenome [Rendon], pode crer-se que seja esta carta dirigida ao mesmo José Arouche. Por outro lado, como é originária de São Paulo, pode ser dele mesmo a carta. Observe-se o diálogo desta carta com a carta [26] de 17.03.1801 enviada por Joaquim Mariano da Costa Amaral Gurgel.

Local: São Paulo

Data: 17 de março de 1804

Autor: Ignácio Albuquerque de Toledo

Genealogia: ?

Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo

Referência: Aldeamento de índios – C00228 - 2-7-42 [publicado no Boletim n.º 8/1948, p. 95-96], edição comparada.

Edição: Kewitz, Verena (2005)

*Illustrissimo e Excelentissimo Senhor*

Alem deque já pus na Prezença de *Vossa Excelencia* aRespeito da ComiSsão deque foi *Vossa Excelença* Servido encarregar-me em Moji Guassu, tenho em beneficio público de participar a *Vossa Excelencia* que tendo desertado muitas das Aldeas de Guoyases de Gentios Comquistados na *Capitania*, grassaõ agora portodas aquelas Campanhas, epassando o Rio grande, vem Contaminar as fertis Campanhas desta *Capitania* entre omencionado Rio grande, e Rio Pardo: Gentio este ainda mais terrivel eperigozo, porisso mesmo que ja tem Conhecimento dos noSsos Costumes, e das noSsas Armas: oque não aConteçee Com o Gentio bruto, que Suppoem que as noSsas espingardas offendem Sem a necessidade de primeiro serem carregadas.

Este motivo meobrigou aentregar Como de facto entreguey<sup>102</sup> meya aRoba de polvora Com Seo xumbo a Hipolito Antonio Pinheiro, homem que naquele Sertaõ enContrey Com as melhores qualidades para Se lhe Cometer qualquer Coisa; enCarregando lhe de entrar pelo Rio Sapucay the o Rio grande em distancia de 15 legoas; e encarregando igualmente amesma deligencia a João de Campos e a Manuel Vãs, aquelle para entrar pelos Batataes athe alagõa Rica, aeste descendo pelas margens do Rio Pardo the a Sua Barra. [espaço] E para melhor SeConcegui[r]<sup>103</sup> a empresa da expulsãõ do Gentio tam bem in Comby aõ *Capitam* do Matto Thomas da Silva entraSse Com a Sua gente abeirando o Rio grande the dar Com atrilha dos Bugres, e Seguilos. [espaço] Penso, que Surtirá bom fruto destas muitas deligencias Mas para que ellas para o futuro Se Continuem a fazer Com felicidade para que o Povo daquele Sertaõ viva em Socego, em hũa palavra para que Sepovoeem aquellas vastas Campanhas taõ ferteis, que podem para o futuro fazer frente a Riqueza deViamaõ, he preciso que de antemaõ sevaõ aplicando todos aquelles meyoS que poSsaõ Convidar Povoadores, especialmente das duas *Capitanias* da Gerais, e Guoyazes de onde muitos Seteriaõ paSsado para aquele continente Se lhes não obstara o justo temor do Gentio. [espaço] Lembrome que hũa das Coizas mais neceSsarias ao presente he CrearSe hum *Capitam* de Ordenanças e hum Alfferes para todo aquele Continente desde o Rio Pardo the o Rio Grande, pois o Povo que abita to da esta vasta Campanha naõ te ali official algum aquem esteja Subordinado, Resultando daqui alem de outros grandes males o de faltas de Povoadores. [espaço] Depois sera preciso aproporSsaõ do Povo

[p.2] do Povo, e daneceSsidade Crear mais Capitaens, e mesmo Crear Companhias de Meleciannos, taõ neceSsarios para Civilizar o Povo egradualmente Sugeitar a

<sup>102</sup> A letra [y] aparece sempre acentuada com trema neste documento.

<sup>103</sup> a letra “r” não aparece no manuscrito pois o escritor usou o papel até a margem direita do papel. Por isso, suponho que ele intencionou escrever “conseguir” mas estava já no fim da linha, encostando na margem do papel.

Subordinacã aquelles homens creados / posso dizer assim / sem Ley nem Religiaõ.

Julguy *que* tinha obrigaSsaõ de levar a Respeitavel Prezenca de *Vossa Excelenca* estas muitas obscervacoins para *Vossa Excelenca* providencear Como for Servido, ejulgar melhor em beneficio do Estado. [espaço] *Deus Guarde aVossa Excelenca* muitos annos [espaço] S. Paulo 17 de MarSso *anno* 1804

*Illustrissimo e Excelentissimo Senhor* “Antonio Joze da Franca e Horta

Ignacio Alvarez de Toledo<sup>104</sup>  
[deteriorado - 1 palavra/abreviatura]

---

<sup>104</sup> Estas duas linhas situam-se ao pé da folha (original). O sobrenome abrevia [Alz] ou [Abr] e pode ser desdobrado em [Alvarez] ou [Ambrosio]. Ainda não foi identificado o autor desta carta.

Local: Queluz

Data: 14 de agosto de 1809

Autor: Jozé Joaquim do Nascimento

Genealogia: talvez brasileiro

Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo – Aldeamento de índios

Referência: Aldeamento de índios - C00228 - 2-7-44

Edição: Simões, José (2005)

*Illustrissimo e Excelentissimo Senhor*

Em consequencia da Directoria dos Indios eno  
va Aldea de Quelúz *de que Vossa Excelencia* fesme ahonra encarregar por  
Portaria de 28 de outubro de 1808, vou por narespitavel *prezenca*  
*de Vossa Excelencia* o estado de decadencia em *que* axei amesma Aldea pel  
la disperção de alguns Indios *que* por faltas deprovisoens *para* asua  
subsistencia, ou mesmo *por* inertes, epreguiçosos, epouco amantes de  
sugeição *sesubtrahiraõ* aotrabalho, *des* empararaõ aPovoaçãõ, mas  
entretanto pro curei todos os meios suaves, egrangeantes *para* os reu  
nir, eempregallos nostrabalhos *de que* necessitaõ senão *por* tudo *quanto*  
he preciso *para* sua manança aomennos *para* hua boa parte *dassuas*  
precizoens, *para* *aque* tenho projectado mandar algumas Mulheres, em  
Cazas particulares dePeçoas capazes, e conducta irreprehensivel a  
fim deaprenderem a fiar, etecer Algudoens, edeste modo suavizar, e  
fazer mennos gravoza adespeza dareal Fazenda relativa aconser  
vação *daquelle* Estabelecimento, e alguns Homens em Officiaes  
fabris aomesmo intento do augmento *dassuas* comodidades.

Outro sim sefor daaprova-  
*de Vossa Excelencia* oaplicaremse os Meninos asprimeiras Letras, sendo eu  
emqualidade deDirector omesmo Professor comalgum Ordena  
do como osmais Professores Regios percebem daReal Fazenda  
*para* suavizar odito trabalho.

Resta finalmente ponde  
rar a*Vossa Excelencia* *que* nao ccaziaõ em*que* fiz reconduzir parte *daquelles* *que* anda  
vaõ disperços *para* aspartes deRezende aestes acompanhou hũ In  
dio chamado pelo seu idioma Mariquita, *Capitam* de hua Nassaõ  
chamada dos Araris, a acompanhado demais seis oqual suplicam e  
omesmo agazalho, comprometendome *que* no cazo deeu assim o con  
sentir, elle sepropounha ahir Cathequizar *quantos* existem naquelles  
C[er]

[p. 2] Certoens *para* com elle *sesugeitarem* amesma Aldea, onde logo  
forãõ Baptizados anada meexponho sem obeneplacito *de Vossa Excelencia*  
*por* serem estes *daquelles* Certoens de Rezende, exigindo eu acom  
petente authority *para* proseguir esta Deligencia *por* meio de Ordem  
*de Vossa Excelencia* *para* obom exito visto *queremse* reunir *volluntariamente*  
aesta Aldea.

Tambem pertendem os  
Povos desta, eoutras Villas circunvezinhas pella repartição de  
glebas de terras, *dasque* axaõ-se inda devollutas neste Certaõ  
*para* o fim de as Povoarem, epromoverem os seus interesses, cujas  
Dattas não posso fazer, nem conseder sem expressa Ordem –  
*de Vossa Excelencia*.

Para os fins dassobreditas  
conservaçoens he presente a *VossaExcelencia* o Zello, eatividade comque eu me  
tenho proposto des empenhar o lugar que *VossaExcelencia* dignouse con  
ferir me, eo gosto que meacompanha como fiel Vaçallo deser  
vir ao Principe Regente Nosso Senhor, e ao Estado.

Deos *garde* a *VossaExcelencia* muitos Annos com Saude, e fel  
licidades para amparo desta Capitania Freguezia e Aldea de  
Quelluz 14 de Agosto de 1809.

*Illustrissimo e Excelentissimo* Senhor Antonio Joze da Franca e Horta

De *Vossa Excelencia*  
Omais fiel, eobdiente Sudito  
Jozé Joaquim do Nascimento

## Referências bibliográficas

- ANTONIL, André João. (1955). *Cultura e Opulência do Brasil*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1955.
- BARBOSA, Afranio. (2005). *Normas cultas e normas vernáculas: a encruzilhada histórico-diacrônica nos estudos sobre português brasileiro*. Rio de Janeiro, UFRJ/FAPESP, mimeo.
- LEME, Luis Gonzaga Silva (1903-1905). *Genealogia Paulistana*. 9 vols. São Paulo: Ed. Duprat. versão eletrônica <http://www.geocities.com/lscamargo/gp/genpaulistana.htm>, acesso em 21.01.2006.
- LEME, Pedro Taques de A. Paes. (1980). *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica*. Belo Horizonte / São Paulo: Editora Itatiaia / Editora da Universidade de São Paulo.
- OLIVEIRA, Marilza (2002). Para a história social da língua portuguesa em São Paulo: séculos XVI-XVIII. in *Linguística*, 14. São Paulo. versão eletrônica em [www.fflch.usp.br/dlcv/lport/MOliveira\\_LPortSaoPaulo.pdf](http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/MOliveira_LPortSaoPaulo.pdf), acesso em 21.01.2006.
- PETRONE, Pasquale (1995). *Aldeamentos Paulistas*. São Paulo: Edusp.
- SETUBAL, Maria Alice (2004). *Terra Paulista. Vol. I*. São Paulo: CENPEC / Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- TAUNAY, Afonso de Escragolle (1925). *Annaes do Museu Paulista*. Tomo 2. São Paulo: Museu Paulista.

Acessos em 21.01.2005:

- [http://www.guarulhos.sp.gov.br/05\\_cidade/historia/historia.htm](http://www.guarulhos.sp.gov.br/05_cidade/historia/historia.htm)
- <http://www.citybrazil.com.br/sp/guarulhos/historia.htm>
- <http://www.citybrazil.com.br/sp/barueri/historia.htm>
- <http://www.mboy.com.br/index.php?tit=historia>
- [http://www.nossosaopaulo.com.br/Reg\\_13/Reg13\\_Itaquaquecetuba.htm](http://www.nossosaopaulo.com.br/Reg_13/Reg13_Itaquaquecetuba.htm)
- <http://www.explorevale.com.br/cidades/queluz/index.htm>
- [http://www.nossosaopaulo.com.br/Reg\\_11/Reg11\\_Peruibe.htm](http://www.nossosaopaulo.com.br/Reg_11/Reg11_Peruibe.htm)
- <http://www.guararema.sp.gov.br/pages/historia.asp>
- [http://www.portofeliz.sp.gov.br/modules/xt\\_conteudo/index.php?id=3](http://www.portofeliz.sp.gov.br/modules/xt_conteudo/index.php?id=3)
- <http://www.valedoparaiba.com/enciclopedia/verbetes/c/caminhogeral.htm>
- <http://www.geocities.com/lscamargo/gp/genpaulistana.htm>
- <http://geocities.yahoo.com.br/projetocompartilhar/>